L.
39

[illegible]

H.G.
27.9.39

251

IOAM BAPTISTA F.

# COMPENDIO PANEGIRICO DA VIDA, E ACÇOENS DO EXCELLENTISSIMO SENHOR LUIS ALVEREZ DE TAVORA

Conde de S. Ioão, Marquez de Tavora, Gentilhomem da Camara de S. Alteza, do Conselho de Guerra, & Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes.

H.G. 25.939

ESCRITO POR

*DOM LVIS DE MENEZES,*

*Conde da Eryceira, do Conselho de S. Alteza, da Iunta dos Tres Estados, Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes.*

## ORAÇAM FUNEBRE,

Que prégou nas suas Exequias

O ILLVSTRISSIMO SENHOR

DOM FREY LUIS DA SYLVA,

Bispo de Titiopoli, Deaõ da Capella de S. A.

## *VARIOS VERSOS.*

DEDICADOS AO MESMO ASSUMPTO.

OFFERECIDO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO LUIS DE TAVORA

Conde de S. Ioaõ, Marquez de Tavora, do Conselho de Sua Alteza.

---

EM LISBOA. *Com as licenças necessarias.*

Por ANTONIO RODRIGVEZ D'ABREV. Anno 167

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

# ANTONIO LVIS DE TAVORA

*Conde de S. Ioaõ, Marquez de Tavora, do Conselho de S. A. Senhor das Villas de S. Ioaõ da Pesqueira, Mogadouro, Mirandella, Alfandega, Castro Vicente, Penarroyas, Tavora, Castanheira, Paradella, Valença, Favayos, Alijó, Gallegos, & Lordello, Alcaide Mòr da Cidade de Miranda, Comendador da Comenda da Villa de Sancta Maria de Castello branco, &c.*

HUM dos mayores cuidados dos Filosofos antigos, foi definir a historia. *Historia est res gesta, sed ab ætatis nostræ memoria remota.* Disse M. Tullio, & Gelio: *Historia Gracé significat rerum cognitionem præsentium.* Seguiraõse outros differentes pareceres.

Se eu pudera fazer opinião entre Varoẽs taõ acreditados dissera, que a historia foi hum privilegio com que a arte se fez superior á Natureza. Forma a natureza hum Varaõ sem lhe regatear algũa das virtudes que pode produzir. Porém como o não izenta da jurisdição da morte, brevemente he cadaver o sceptro, he mortalha a purpura, o que foi vitoria he cinza, o que foi triunfo he nada; & a memoria que não acaba tambem se conrompera cõ o tempo, a não aver instrumẽto que a renovasse. De que se colhe, que a faltar a historia durara a fama de hũ Varaõ grande pouco mais da idade em q̃ vivesse. E não pudera ter mayor pensaõ a mortalidade, que extinguirse o credito ao espirito de hum Heroe, privilegio taõ divino, como definio Seneca: *Cogita in te* (dizia falando com hum grande Capitão)

pitão)

pitão) *præter animum, nihil esse mirabile.* Compadecida a arte desta desgraça da vida humana, inventou a historia, & jũtamẽte a pintura, com tão pouca differença, que he na comũa definição a pintura historia muda, & a historia pintura que fala. E parece que quando a pintura, & historia se unem para a definição de hũ mesmo objecto, verdadeiramente resucitão o original que descrevem; porq na pintura se dà forma ao corpo, & na historia se renova a alma. Pintura sem historia he corpo sẽ alma; historia sem pintura he alma sem corpo. Persuadido, senhor, desta idea, & entendendo que a arte inventou a historia, & a pintura, para que as grandes virtudes do Senhor Marquez de Tavora, Pay de V. Excellencia, se immortalizassem, se resolverão as minhas nunca extinctas saudades, a procurar

 no

no retrato que se mostra neste volume, & nas acçoẽs que descreve, o alivio, que nem com esta industria consigo. Bem reconheço que este Scipião merecia melhor Livio; porém o meu affecto anima a minha desconfiança, sendo desculpa deste delicto *Meriti pondus, & instar habet* (como disse Ouvidio.) Pondere V. Excellencia as obrigaçoens que herdou de hum Pay tão insigne, que não reconheceo ventagem aos mayores Capitaẽs do mũdo: & espero da indole que V. Excel. logra, ver triunfar desta vez a natureza da arte, venerando o mundo em V. Excellencia melhor copia do Senhor Marquez, da que pode debuxar o pincel mais pulido, & a penna mais elegante. Deos guarde a V. Excell. &c.

*O Conde da Eryceira.*

## Ao Compẽdio Panegirico que compoz o Senhor Conde da Eryceira da Vida do Senhor Marquez de Tavora:

## SONETO.

*NEste volume vejo competida*
*A penna aguda, & a ligeira espada,*
*Que em hum, & outro mundo venerada*
*Faz a Lusa Nação esclarecida.*
*Hũa sempre envejada, & outra temida*
*Nos seculos serà, nunca imitada,*
*A penna, à folha heroyca he igualada*
*A folha à penna insigne he parecida.*
*Livio valente, & Escriptor Mavorte,*
*Vosso nome, & o de Tavora pregoa*
*Com cada folha a estampa de hũa sorte;*
*A gloria de ambas pela esfera soa,*
*Com sua espada a vossa penna corte,*
*Pois com a vossa penna a espada voa.*

Do Marquez de Fronteira.

# ERRATAS.

Pag.4.Reg.7.conseguia,diga,conseguiáo. P.7.R.24. da Fronteira,diga,de Fronteira. P.20. R.22. ouvindo,diga,unindo. P.29. R.11. Pastoa,diga,Postos. P.40.R.19.inflactuosa,diga,infructuosa. P.57.R.3.do cuidado,diga,de cuidado. Na mesma P.R.13.excelso,diga, excesso. P.72.R.4.mas em lagrimas diga,mas com lagrimas. P.73.R.12.eterna será hoje,diga,eterna será sêpre P.74. R.23.as arcas;diga,as areas. P.75. R.22.dormidos,diga,dormindo. P.82.R.8.custo,diga,culto. Na mesma P.R.9. Vendo,diga, S'enche. Mesma Pa.R.20.por,diga,pello. P.90.R.7.se lo dize,diga,te lo dize. P.97.R.14.andaz,diga,audaz. P.98.na firma onde diz Padre Luis, diga, Doutor Luis. P.102 na firma, Dom Ioáo, diga, Doutor Ioáo. P.104.R.5 omenagens,diga,omenages. P.106.R.13.Del Lisboa,diga,De Lisboa. P.112.R.12.que empeña,diga.que me empeña. P.112.R.18.Lusitania diga,Lusitana, P.113 R.11.Se verà,diga,Severa. P.114.R 15. Crocodilo,diga,Cocodrilo. P.116 R.1.y Tedon que espera,diga,y Tedon que firme espera. P.117.R.14.y de tanta gloria,diga,y de màs gloria. P.118.R.20.sin el,diga,si en el. P.119. R.20.terenó,diga sereno. P.120.R.6. de agoas,diga, de algas. P.124.R.6. es desengaño,diga,es tu desengaño. P.128.R.7. Ni legisse,diga,Nil egisse. P.129. R.21. opit ulati,diga,opitulari. P.129.R.28.vium, diga, Civium. P.130.R.5.meritur,diga,meritu. P.167.R.1.voleva,diga,volevo.R.3.patoli,diga,parole.R.9.flebele,diga,flebile.

# LICENCAS.

VIstas as informaçoens,podese imprimir este livro,cujo titulo he *Compendio da vida,& acçoens do Marquez de Tavora,* Autor o Conde da Eryceira D. Luis de Menezes, & impresso tornarà pera se conferir, & se dar licença pera correr,& sem ella náo correrá. Lisboa 25.de Agosto de 1673.

*Fr. Pedro de Magalhaẽs. Alexandre da Silva. Manoel Pimentel de Sousa.*

*Fernão Correa de la Cerda. Pedro Mexia de Magalhaẽs.*

POdese imprimir. Lisboa 5.de Setembro de 1673.

*Fr. Bispo de Martyriá.*

QUe se possa imprimir, vistas ás licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à esta Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso náo correrà. Lisboa 19.de Setembro de 1673.

*Magalhaẽs de Menezes. Lemos. Miranda. Carneiro. Roxas.*

TAxameste liuro em dois tostoés. Lisboa 10. de Mayo de 1674.

*Marquez P. Magalhaẽs de Menezes. Miranda. Carneiro. Roxas.*

VT VIVAS E DO
ÆTERNITATI
Hic Ludovicus adest, qui vivus imagine, vitam
Quam Libitina rapit, Laurea parta dedit.
POST BELLA TRIVMPHAT
And. Leit. facieb.

# COMPENDIO PANEGIRICO DA VIDA, E ACÇOENS DE LUIS ALVEREZ DE TAVORA,

*Conde de S. Ioão, & Marquez de Tavora, Gentil-homem da Camera de S. ALTEZA, do seu Conselho de Guerra, & Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes.*

HUM affecto dignamente nascido, quasi com as primeiras luzes da rezão, & hũa saudade, que durará lastimosamẽte eternizada no animo até os ultimos alentos da vida, saõ os dous Polos que emprendem sustentar os Astros das acçoens de hum Heroe

que na duração do tempo, luminoso Planeta, eternizando a gloria propria, farâ resplandecer os altares da memoria no templo da Fama. Hum Varão, que insinuava no aspecto o valor tão invencivel, como exercitava o braço, & que no trato manifestava tão claro o entendimẽto, como luzia nas materias politicas mais difficultosas, composto de virtudes, ornado de partes, desigual a todos, sò igual a si mesmo.

Se o sentimento não perturbar o juizo, & se o ruido das lagrimas naõ embaraçar a consonancia, apararei neste breve discurso a penna, pera que corra apurada em mais estendida historia, segurandome da cẽsura de parecer affectuoso, prenderem os laços do assumpto os desconcertos da enveja.

No anno de 1037. derão principio à esclarecida Familia dos Condes de S. João da Pesquerira, os dous tão conhecidos, como valerosos Capitaẽs, D. Tedon, & Dom Rosendo, Netos del-Rey D. Ramiro de Leão, os quaes conseguindo no Rio Tavora gloriosos triunfos, o nome que lhe derão lhe usurpárão: porèm com tal recompensa, que não sò figurandoo no escudo de suas Armas o eternizaraõ por simulacro do seu valor, senão que despois de muitos seculos veio a ser memoravel titulo da sua Casa. Estes, & outros insignes Varoẽs forão as pedras do fundamento da antiga, & illustre ascendencia de Luis Alverez de Tavora, filho de Antonio Luis de Tavora, & de D. Archangela Maria de Portugal, filha dos Condes de Linhares, Casa de tão

esten-

estendida, & valerosa Nobreza, que nas Eras destes troncos se enlaçarão o valor, & a qualidade, pera que as melhores flores da Nação Portugueza, produzissem em Luis Alverez de Tavora o mais sazonado fructo. Nasceo em Lisboa a 7. de Março de 1634. dia de S. Thomas de Aquino, & foi felice vatecinio nascer no dia da melhor luz das escholas, o maior rayo da guerra. Logo q̃ sahio ao mundo segurou à sua Familia a descendencia (felicidade que fez immutavel a benção de S. Bernardo) cõservandose por este privilegio de muitos seculos a esta parte, sempre na successaõ do filho mais velho.

Aos seis annos de sua idade logrou este Reyno a fortuna de tantos seculos desejada, de ter Rey natural, exemindose do dominio de Castella. Passado pouco tempo, entrou Luis Alverez de Tavora no Paço d'El-Rey D. João o IV. a servir a Rainha D. Luiza, & a instruir as primeiras luzes da rezão, com as virtudes do excellente Princepe D. Theodosio, & foi crecendo nelle igualmente com o brio natural, o amor da conservação da Patria.

A educaçaõ de seus pays lhe deu conhecimento da lingoa Latina, & a sua coriosidade da Francesa, & Italiana, & o trato com os inimigos desta Coroa, que depois fez prisioneiros, inteira noticia da Castelhana. O seu espirito lhe facilitou os exercicios de jugar a espada, & montar a cavallo, esmaltando estas virtudes dos primeiros annos, cõ outras partes naõ menos decorosas

Todo o tempo que durou a vida de seu pay unico director das suas primeiras acçoens, por lhe faltar sua Mãy na pueril idade, lhe assistio com tão indissoluvel laço, que o não constrangeo a quebrantar a sua obediencia, nem o mao exemplo, nem a persuaçaõ de outros mossos que brazonavão diante delle, da liberdade que com infilice contentamento conseguia, alcançando, que a virtuoza doctrina dos pays nos primeiros annos, he o mais seguro alicerce da fabrica humana.

Morreo seu pay antes de chegar Luiz Alverez de Tavora a 17. annos, & herdou com o titulo de Conde de S. Joaõ todo o valor de seus antepassados. Dentro de pouco tempo se consertou para cazar com D. Ignacia Maria de Menezes sua prima com irmãa, filha dos Condes de Sarzedas, das mais antigas, & nobres Familas deste Reyno, & foi esta acertada eleição o primeiro emprego de seu entendimento.

A primeira virtude, que resplandeceo no seu animo, despois de entrar nos annos da prudencia, foi a liberalidade, feitiço que costuma encantar os coraçoẽs dos homens; mas não se adiantou muito a liberalidade ao valor; porque em differentes occasioens mostrou com acçoens singulares, que podiaõ os documentos de Marte exercitarse no socego da Corte. Porém querendo justificar que as suas pendencias eraõ ensayos de mayores victorias, determinou mostrar na guerra, que singira a espada para conseguir os mais sublimados triunfos. Teve effeito este generoso intento no princi-

principio do anno de 1657. porque passando desta a melhor vida no mez de Outubro do anno antecedente, El-Rey D. Ioaõ o IV. deixando no Reyno de Portugal restaurado a immortal memoria do seu valeroso espirito, & nos coraçoens de seus vassallos desaseis annos, defendidos das invazoẽs de Castella, das cavilaçoens de Olanda, & das politicas de Inglaterra, (eterna saudade da sua incomparauel prudẽcia) ficou governãdo este Reyno na menor idade del-Rey D. Affonso VI. successor delle naquelle tempo, pella intempestiva morte do Principe D. Theodosio de gloriosa memoria, a Rainha D. Luiza por vltima vontade d' el-Rey defuncto, & consentimento universal de seus Vassalos. Entendendo os Castelhanos que cõ a morte del-Rey podiaõ melhorar o intẽto de restaurar Portugal, formaraõ no anno seguinte hum exercito, de que era Cabo D. Francisco Tutavilla Duque de S. Germaõ, & vieraõ sitiar Olivença, Praça situada da outra parte de Guadiana, Rio que quasi divide os dous Reynos na Provincia de Alentejo. Naõ se perturbando a Rainha Regente com esta resoluçaõ, dispoz todos os meyos da defensa do Reyno, & fazendo juntar hum Exercito para o socorro de Olivença o entregou a Martim Affonso de Mello Conde de Saõ Lourenço.

Esta foi a primeira campanha em que começou a ter glorioso exercicio o valeroso animo do Conde de S. Joaõ; porque atropellando domesticas, & quasi

invenciveis difficuldades, & prefirindo nas suas generosas ideas o interesse publico aos accidẽtes particulares, passou a Elvas praça de armas da Provincia de Alentejo; & mandando a Rainha que se lhe formasse hum terço de infanteria, por náo estar naquelle tempo algum vago, começou a continuar a guerra com o posto de Mestre de Campo. Experimentaraõ logo os officiaes, & soldados do seu terço a sua liberalidade, fazendo com huns, & outros muito consideravel despeza: & em todo o exercito começaraõ a resplandecer de sorte as suas grandes virtudes, que venerado como Oraculo, lhe sacrificavaõ as vozes dos soldados os vatecinios das acçoẽs futuras.

Marchou o nosso exercito com infelice successo a socorrer Olivença, & quatro dias que esteve alojado junto das trincheiras dos Castelhanos, oppondose o novo Marte à maior furia de Vulcano, foi a tenda do Conde de S. Ioão alvo, & desprezo de toda a artelharia do inimigo; & naõ consentindo elle, que se prevenisse o manifesto risco com algum reparo, buscava muito a satisfaçaõ de seu valor o perigo pera socego. Deste inconsiderado alojamento do nosso exercito, passou a sitiar Badajoz, praça de armas dos Castelhanos, tomandose todas as resoluçoens desta Campanha, sem oparecer do Conde de S. Ioaõ; porque avendose offerecido razoens muito justificadas, se escusava de entrar no Conselho. Chegou o Exercito a Badajoz, & ou porque nam dava lugar a pouca prevençam a dila-

tado

tado ſitio, ou porque ſe preſumia que naõ era o preſidio da praça capaz de defender hum furioſo aſſalto, ſe eſcolheo entre outras mais convenientes eſta intempeſtiva reſoluçam. Executouſe, & fazendo a falta de inſtrumentos proporcionados ceſſar deſpois de muitas mortes o impulſo do aſſalto, tocando ao terço do Conde de S. Joaõ guarnecer a cabeça da trincheira, a q́ ſe avia dado principio, aguardou elle muitas horas cõ admiravel conſtancia a maior furia das balas.

Retirouſe o Exercito de Badajoz, paſſou Guadiana, & mandando o Conde de S. Lourenço entreprender a praça de Valença de Alcantara por Afonſo Furtado de Mendoça General da Artilharia daquelle Excercito com parte delle, entendendo o Conde de S. Ioaõ que tocava ao ſeu terço ſer hum dos que marchaſſem a eſta empreza, o pretendeo com forçoſas, & militares razoens. Porém não prevalecendo cõ o Meſtre de Campo General, Andre de Albuquerque as ſuas inſtancias, o mandou ficar no exercito. Naõ pode o Conde tolerar eſta ſentença, a que dava titulo de aggravo; fez deixaçaõ do poſto, que tornou a occupar logo que chegou de Valença, & marchou a eſta empreza por ſoldado do terço, & companhia do Conde da Torre, hoje Marquez da Fronteira. Chegou a Valença Affonſo Furtado, & naõ podendo conſeguir a entrepreza, por ſer ſentido do inimigo, antes de chegar á praça ganhou poſtos vezinhos da muralha, començou a abrir trincheira, mas dificultando a empreza a

pouca prevẽção cõ q̃ avia marchado, o mandou retirar o Conde de S. Lourenço. Tres dias que se deteve no sitio naõ socegou o incançavel espirito do Conde de S Ioaõ; porque estudando quaes eraõ os lugares mais arriscados, parecia que a hum mesmo tempo assistia em todos juntos, pellas repetidas vezes que visitava qualquer delles.

Acabouse esta campanha sem progresso do Exercito, de que se originou naõ executar o Conde de S. Ioaõ nella acçoens mais sinaladas. Aquartelouse o Exercito avẽdo o inimigo ganhado as praças de Olivença, & Mouraõ: & entendendo a Rainha Regente que com a mudança de General melhorariaõ as armas de fortuna, elegeo em lugar do Conde de S. Lourenço, que avia exercitado a sua occupaçaõ com melhor animo que successo, a Ioanne Mendes de Vasconcelos, empregado naquelle tempo no governo das armas da Provincia de Tras os montes. Chegou Ioanne Mendes a Elvas, & com o exercito que se naõ tinha licenciado, marchou a recuperar a praça de Mouraõ. Atacaraõ os terços furiosamente, & tocando ao Conde de S. Ioaõ o trabalho da vltima noite do sitio, arrimou o seu terço á barbacam do Castello, naõ respeitando as muitas balas, que os inimigos disparavão, & aos muitos arteficios de fogo com que se defendiaõ. Os Castelhanos recevosos de tanto valor, determinaraõ renderse; pedirão que cessassem as armas; cõcedeoselhe, mandavão refens ao Exercito para se ajustarem

tarem as capitulaçoẽs; & ſentio de ſorte o Conde de S. Ioaõ naõ eſperarem o aſſalto, hydropico ſempre de mayores acçoẽs, q̃ o tempo q̃ ſe gastou em ſe ajuſtar a capitulaçam, diſpendeo elle em perſuadir aos ſitiados, que ſenaõ rendeſſem, moſtrandolhes com efficazes razoẽs, que naõ deviaõ os homens comprar a vida com o preço vil do deſcredito: taõ grande era o eſpirito deſte invencivel varaõ, que deſeſtimava as victorias, ſenão eſgotava a ſua eſpada as veas dos inimigos; & he certo que nunca o valor aſſiſtio em outro lugar com maiores ventagens; porque excedendo no coração do Conde, os limites da obrigaçaõ, paſſava a coroarſe em outra esfera mais ſuperior.

Rendeoſe Mouraõ, retirouſe o exercito, & ficou o terço do Conde aquartelado em Elvas. Os mezes, q̃ ſe dilatou o inverno gaſtou em reclutar o ſeu terço, fazendo exactas diligencias, porque ſahiſſe o mais luzido, & numeroſo na campanha futura, naõ ſe ſatisfazendo nunca de medianias. Sahio o exercito no mez de Iunho a ſitiar Badajoz, alojouo o primeiro dia junto do forte de S. Chriſtovaõ, obra exterior deſta parte de Guadiana, Rio q̃ banha as muralhas daquella Cidade, & atacádo a cavallaria na ponte por onde ſe communica com as terras deſte Reyno hũa grande, & perigoſa eſcaramuça, por ſer a contenda debaixo da artilheria, & moſquetaria da Cidade, & da artilharia do forte Perſuadindoſe o Conde de S. Joaõ, que por mais atado que eſtiveſſe ás obrigaçoẽs do ſeu

posto pareceria ommissaõ do seu valor ser testimunha daquelle espectaculo, sem igualar no perigo aos que se acharão nelle, largou o seu terço, tomando por pertexto averiguar se era perigosa hũa ferida que se divulgou recebera hum grande amigo seu, correo sem armas grande distancia, & foi acharse no conflicto da cavallaria, que teve naquella occasiaõ glorioso remate. Aquartelouse o exercito junto do forte de S. Christovaõ, abriraõse trincheiras, continuaráose aproches, fizeráose fortins, & desembocouse o fosso. Vinte dias, que durou este furioso exercicio gastou o Conde de S. Ioaõ em pelejar incessantemente com os inimigos, & fazer trabalhar os soldados com tanto ardor, & diligencia, que as horas, que o seu terço tomava pera descanço, occupava elle em assistir aos que estavaõ no trabalho, & desafiando os perigos com juvenil, & valerosa desconfiança, ouve occasião em que occupou o alto da trincheira, fazendose voluntariamente alvo das balas dos inimigos, só pera mostrar aos seus soldados, q̃ se expunha a maiores riscos daquelles, a q̃ os animava.

Mal lograouse o intento do forte de S. Christovaõ, passou o exercito Guadiana a citiar Badajoz, & pera facilitar a empreza, se dispoz ganharse hum forte exterior de quatro baluartes, chamado de São Miguel. Hum dia antes que esta empreza se conseguisse, occupando o Conde de S. Ioão com o seu terço hum posto sobre o mesmo forte, como fazia gala do perigo, & achava satisfação nas feridas chegou a reconhecer o

forte

forte descuberto da trincheira, & recebeo hũa perigosa bala de mosquete no alto da cabeça, a que o generoso sangue espalhado coroou de victorias. Retirouse à praça de Campo Maior, & concedendo poucos dias a utilidade dos medicamentos, voltou a convalecer ao exercito. E tocando ao seu terço o quartel chamado de Revilhas, que governava o Conde de Penaguiaõ Camareiro Môr de El Rey, & nos ultimos aproches, que caminharam daquella parte contra a praça, assistio o Conde de S. Ioão com tão incessante trabalho, & continuo perigo, que opprimida a natureza de tantos excessos, & do rigor do Sol naquelle sitio insoportavel se rendeo a hũa grave doença, que obrigou ao Conde a sahir do exercito poucos dias antes de se levantar o sitio de Badajoz. Elegeo por quartel o Mosteiro de Religiosos de S. Antonio, vezinho a Elvas, onde assistio até o tempo em que o nosso exercito chegou âquella Cidade. E vindo sitiala dentro de poucos dias o exercito de Castella, que governava Dom Luiz de Haro, primeiro ministro de Phelipe IIII. se recolheo o Conde de S. Ioam enfermo pera dentro da Cidade. Dilataraõselhe hũas grandes sezoens quasi todo o tempo, que durou o sitio, & elle buscando o remedio na causa do dano dormia na muralha, & assistia com as tropas em varias, & felices sortidas que fizeraõ ao inimigo; não consentindo que ouvesse acção militar em que o seu valor naõ tivesse a melhor parte. Despois de durar o sitio tres mezes, sendo a pra-

ça governada por Dom Sancho Manoel, hoje Conde de Villa Flor, mandou a Rainha Regente juntar hũ exercito pera lhe introduzir socorro, & o entregou ao Conde de Cantanhede, hoje Marquez de Marialva. Ao mesmo tempo, que a vanguarda do exercito começava a romper as linhas do inimigo, sahio a cavallaria, & a maior parte de guarnição da infanteria da praça, em que entrava o Conde de S. Ioão com o seu terço, & todos com insigne valor ajudarão a vencer a memoravel batalha, que as nossas armas victoriosas naquelle dia conseguirão, pera gloria immortal da Nação Portugueza.

Acabada a batalha em que o Conde de S. Ioão fez acções insignes, que senão podem individuar, por senão poderem encarecer, ordenou o Conde de Cantanhede, que se atacasse hum forte, que rodeava huma hermida de nossa Senhora da Graça, situada em hum monte pouco distante de Elvas. Hum dos terços a que tocou o assalto foi o do Conde de S. Ioão; Não uzou elle de outros instrumentos mais, que dos incentivos a que o estimulava a sua resolução. Saltou no pequeno fosso do forte, & soportando largo tempo o perigo das bombas, o risco das granadas, & de todos os artefícios, de que uzaõ os defensores em semelhãtes conflictos, recebeo hũa ferida em hũa perna, & naõ podendo a ruina do fundamento desbaratar taõ robusto edificio, primeiro cessou o combate, que o obrigasse a se retirar a ferida: & como a virtude resplande-

ce

ce sem distinçaõ de lugares, teve no dia seguinte na confissaõ dos inimigos premio taõ singular valor; porque resistindo galhardamente o Mestre de Campo D. Niculao de Cordova em hum fortim a furia de muitos combates, propoz que senão avia de render a outra pessoa q̃ não fosse a do Conde de S. Ioaõ, entendẽdo que desta sorte triunfava na occasiaõ em que era vencido. Logrou o seu intento, & o Conde de S. Joaõ mais esta gloria.

Vencida a batalha, & acabada a campanha passou o Conde a Lisboa, & succedendo naquelle tempo perderse a praça de Monsaõ na Provincia de Entre Douro, & Minho, considerando a Rainha Regente cõ esta desgraça, arriscada aquella Fronteira, elegeo pera assistirem á sua defensa a ordem do Biscond e Dom Diogo de Lima, q́ governava aquella Provincia; ao Cõde da Torre por Mestre de Cãpo General, & ao Conde de S. Ioam por General da Cavallaria de Entre Douro, & Minho, & Tras os Montes, porque senão contentava de sustentar em hum sô Polo a esfera da Monarchia. Tanto que chegou a Entre Douro, & Minho, uzando da grande destreza, & summa actividade de que era dotado, animou os Povos, persuadio a Nobreza, & fazendose igual no trabalho aos mesmos a que era superior na occupaçaõ, dentro de pouco tẽpo conseguio, que de sete tropas que avia naquella Provincia crecessem a 24. q̃ cõprehẽdiaõ o n. de 1200. cavallos, em q̃ mõtou, dêstros, luzidos, & bem armados soldados.

Feita

Feita esta diligencia partio o Conde de Entre Douro, & Minho a governar a Provincia de Tras os Montes, por aver passado a Lisboa o Conde de Misquitella, a quem estava entregue aquelle governo. Logo que chegou a Chaves praça de armas daquella Provincia, com a mesma actividade, que avia exercitado em Entre Douro, & Minho, acrecentou o numero das tropas, & reconduzio a infanteria: & entendendo que era desdouro de seu valor passar tempo sem novas emprezas, supposendo justamente que a opinião tem a qualidade do fogo, que se apaga se senaõ fomẽta, determinou ganhar a praça de Alcaniças em Castella a Velha, situada defronte das Cidades de Bragança, & Miranda, & distante seis legoas da Raia. Antes de chegar à execuçaõ da empreza, tomou varias informaçoẽs da fortificaçaõ da praça, do numero do presidio, da qualidade do caminho, & do poder que os Castelhanos poderiaõ juntar pera a defenderem; & com tanta destreza espiculava os prisioneiros, que os dissuadia do temor, que podião conceber de serem atacados pellas mesmas razoens com que os examinava pera os destruir. E despois de seguramente instruido em todas as circunstancias necessarias pera a empreza, divulgou que marchava a socorrer a Provincia da Beira, ameaçada naquelle tempo das tropas inimigas, & reforçou a este respeito as guarniçoẽs de Miranda, & Bragança; & desta sorte conseguio, que naõ fizesse a novidade advertencia aos Castelhanos. Aju-

stadas

ſtadas todas as preparaçoẽs pera cõſeguir o intẽto propoſto, marchou o Conde cõ vinte mil infantes pagos, & auxiliares, com 300. cavallos, & duas peças de artilheria a atacar Alcaniças. Foi ſentido antes de chegar á praça, & teve tempo a guarnição paga, que conſtava de ſeis companhias, & dos payzanos, que erão muitos, de guarnecerem a muralha da Villa. Chegou o Conde a ella, & ganhando a cavalleria os poſtos cõvenientes, atacou com a infanteria hum fortim exterior, que dominava parte da praça, rendeoſe, uzando do calor dos ſoldados animados com tão felice principio, inveſtio valeroſamente a Villa, & deſpois de larga reſiſtencia foi entrada, & vencidas varias cortaduras, que defendiaõ as ruas, que para vão em hum Caſtello, ultima retirada da praça, mais forte por natureza q̃ por arte. Recolherãoſe a elle os que eſcaparão das mãos victorioſas dos noſſos ſoldados, & o Conde deſpois de preſiſtir quatro dias em Alcaniças, aguardando varias partidas, que avia mandado correr a campanha, ſe retirou a Miranda, deixando deſtruida a Villa, ſaqueados, & queimados algũs lugares abertos â cuſta de muitas vidas dos inimigos.

Chegou neſte tempo o Conde de Miſquitella Governador das Armas daquella Provincia, & preſumindoſe que reſultaria alguma differença entre elle, & o Conde de S. Ioão, por aver intentado ſem beneplacito ſeu a empreza de Alcaniças, elle ſatisfez ao Conde de Miſquitella a queixa que pudera ter, com tão cortezes,

zes,& discretas razoẽs, que o deixou obrigado da acçaõ, de que o consideravão offendido. Passarão os dous a Bragança, & dentro de pouco tempo voltou o Conde de S. João à Provincia de Entre Douro, & Minho, ameaçada das armas inimigas. Foi a primeira acçaõ que executou naquella campanha, livrar a Praça de Valença do perigo a que esteve exposta; porque intentando ganhala o Marquez de Viena, que governava o Exercito de Castella, & marchando a defendella o Conde do Prado, hoje Marquez das Minas, q̃ avia succedido no governo das Armas de Entre Douro, & Minho, ao Bisconde de Fonte de Lima, ordenou ao Conde de S. Ioão, que se adiantasse com a cavalleria, & algũas mangas de mosqueteiros, & que atacasse a retaguarda do Exercito inimigo, antes que conseguisse passar hũa ponte que intẽtava pera facilitar a empreza, que pertendia. O Conde que voava a examinar os perigos como a Aguia as luzes do Sol, & com tanta semelhança, que nunca o cegarão pera deixar de executar nelles o que era mais preciso, & conveniente, marchou com grande brevidade: porèm não dispensando a aspereza daquelle sitio acelerarse a marcha mais do que permitia a estreiteza do caminho, teve o inimigo tempo de recolher a retaguarda; & o Conde de S. Ioão sciencia pera occupar hum posto taõ conveniente, que franqueando alojarse nelle todo o nosso exercito, impossibilitou ao Marquez de Viena a empreza de Valença, que se avia de conseguir por

aquella

aquella estrada. Aquartelerãose os dous Exercitos, pouco distantes, sem mais prejuizo, que o que recebião de algũas balas da artelharia que hum contra o outro disparava.

Despois de durar algum tempo esta suspensaõ, adveriguando o Conde de S. João que o inimigo aquartelava a sua Cavalleria fòra da trincheira do Exercito, sem mais reparo, que a confiança das sentinellas, propoz ao Conde do Prado, a bem fundada idèa de atacar de noite estas tropas, que facilitava o exame que avia feito, & a grandeza do coraçaõ com que segurava conseguila. Iulgou o Conde do Prado bem fundadas as razoens desta proposta, concedeo o Conde a licença que pedia, & marchou elle a executar o intento proposto. Vespora de Sant-Iago, festejada com repetidas salvas, por antiga devoçaõ dos Exercitos Castelhanos, hũa hora antes de amanhecer, chegou o Conde junto ao alojamento do inimigo, advertio a todos os officiaes, & soldados, que pera conseguir a empreza era necessario esquecerense de toda a utilidade; porque sô queria que lograssem o acerto por despojo, & que levassem a gloria por triunfo: que pera senão offenderem puzessem nos murrioens huma divisa branca; & que desbaratadas as tropas inimigas voltassem a formarse ao mesmo lugar de que investiaõ, onde mandou ficar alguns trombetas com tão singular advertencia, que fez entender a todos, que ao tempo que quizessem retirarse despois da

facçaõ executada, tocassem as trombetas a investir: pera que o inimigo enganado com estes eccos suspendesse a execuçaõ, & dèsse lugar a se retirarem as nossas tropas sem embaraço.

Destribuidas estas acertadas ordens, sendo o valor do Conde o primeiro executor das disposiçoens do seu juizo, investirão os nossos soldados as descuidadas tropas inimigas, que mal advertidas das sentinellas, & confusas com o desconcerto do sono, & com o estrondo de valerosamente atacadas, não acertavão os soldados, nem com as armas pera a defensa, nem com os cavallos pera a retirada; & aquelles, que mais promptamente encontravaõ as armas, & os cavallos, acrecentando as sombras da noite o perigo que encobrião, não fazendo distinçaõ de amigos a inimigos, vingavaõ nos peitos daquelles a colera contra estes levantada. Desta confusaõ uzou o Conde, seguido dos seus soldados com tão notavel acordo, que despois de empregarem grande numero de golpes, se recolheraõ com pouco dano, deixando a campanha cuberta de inimigos mortos, & a terra regada do seu sangue. Alguns Officiaes, & soldados nossos se retirarão levemente feridos, & veio a ser só o desconto de tão felice successo, ficar ferido, & prisioneiro Miguel Carlos de Tavora, hoje Conde de Sam Vicente, irmão do Conde de Sam Joaõ, & generoso immitador das suas virtudes, porque levado do belicoso impulso, penetrou o cen-

tro

tro das tropas inimigas, & enganado das sombras da noite, parecendolhe que tinha mais que vencer, lhe cahio o cavallo no fosso da trincheira do Exercito inimigo, onde foi achado ao amanhecer, & com implacavel colera levado a huma estreita prizaõ.

Vendo o inimigo, que não achava na campanha sitio seguro do valor do Conde de S. Ioaõ, se retirou algũ tẽpo despois deste successo, & o Conde rẽdeo hũs fortins, que os Galegos deixaraõ guarnecidos, naõ querendo, que parecessem sinais onde senaõ padeceraõ feridas. Dividiose o nosso Exercito pellos quarteis, & descançou o Conde de S. Ioaõ no trabalho de remontar, & prevenir as tropas pera a campanha futura. Tornou a voltar a Tras os Montes, & achando ausente da Provincia o Conde da Misquitellá, começçou a fazer taõ aspera guerra aos Reinos de Castella a Velha, Galiza, & Leaõ, que lhe ficavaõ fronteiros, que serviaõ quasi de continuo alimento das nossas tropas os lugares do inimigo, assi os obedientes por tributo, por serem muitos os que se sogeitaraõ, como os contumazes por força.

Entrou o anno de 1662. & no principio delle mandou el-Rey ao Conde de S. Ioaõ Patente de Mestre de Campo General das Provincias de Tras os Mõtes, & Entre Douro & Minho, por aver passado o Cõde da Torre a General da Cavalleria do Exercito de Alentejo. Porém o Conde, que naõ queria actos de

 valor

valor, sem continua execuçaõ, não a ceitou a Patente de Mestre de Campo General, em quanto se lhe não permitio juntamente o exercicio de General da Cavalleria, que logo se lhe concedeo, respeitandose o grande interesse que resultava ao serviço del-Rey deste seu heroico requerimento.

Logo que entrou a Primavera, chegou avizo do Conde de Prado ao Conde de Sam Ioaõ, de que o inimigo se previnia pera sahir em campanha, com hum Exercito muito poderoso, por averem entendido os Ministros de Castella, que pella Provincia de Entre Douro & Minho, seria mais facil a conquista de Portugal. Escolheo o Conde de Sam Ioão os melhores terços, & tropas da Provincia de Tras os Montes, & marchou com ellas pera Entre Douro & Minho, levando todos os officiaes, & soldados destros pagos, & luzidos, deixando presidiadas as praças, & numero de cavallos bastante pera a defensa dos lugares abertos. Em Viana se incorporou com o Conde do Prado, & cõcordando, que a melhor defensa da Provincia era anticiparse o nosso exercito na diligencia de sahir em campanha ao do inimigo, ouvindo mais forças das que parecião possiveis, & menos das que eraõ necessarias, formaraõ hum Exercito, que constava de 6300. infantes pagos, & auxiliares, & de mil & quinhentos cavallos. Sahirão de Viana a se oppor a Dom Balthezar Pantoja Mestre de Campo General, que governava o Exercito inimigo, que

marchou a 12. de Iunho com 16000. infantes, & 2600. cavallos, a maior parte ſoldados velhos, Heſpanhoes, Alemães, & Italianos, & com todas as prevençoens adequadas ao intento, & á grandeza do Exercito. Sahio de Lapella a ganhar dous fortins que lhe embaraçavaõ a marcha: achou o noſſo Exercito na ſua defenſa, não ſe reſolveo a atacalo, mas alcançou a arte o que não pode conſeguir a força: fez ponta a Giella, ſeguio o noſſo exercito, desfez Dom Balthezar de noite a marcha, & com a retaguarda occupou o poſto, que o noſſo exercito avia deixado. Pagarão eſte engano algũas tropas inimigas, que com poucas noſſas desbaratou o Conde de S. Ioaõ na meſma marcha, & entre ellas mãgas de moſqueteiros, que as guarneciaõ. O inimigo ganhou os fortins ſem reſiſtencia, por não ſerem capazes de a fazerem, & abalou o exercito pera o interior da Provincia. Marchou o Conde do Prado a difficultar qualquer progreſſo, & adiantandoſe na marcha, ganhou a eſtrada, que o inimigo avia de ſeguir; querendo que o valor dos noſſos ſoldados ſerviſſe de eſcudo à fragilidade dos payzanos, que careciaõ pera a ſua defenſa de toda a outra fortificação. Levantavaſe entre os dous exercitos hũa imminencia, que facilitava a victoria, ſe acaſo ſe atacaſſe a batalha ao exercito, que primeiro a occupaſſe. Conheceo o Cõde de S. João com admiravel preſteza eſta ventagem, avançou com grande celeridade a cavalleria; & algũas mangas de moſqueteiros, occupou outro Monte, que ſe ſeguia a

 eſte,

este, & obrigou ao inimigo a fazer alto pera formar o exercito, o que era difficil pela aspereza de quasi todos os sitios daquella Provincia. O tempo que o inimigo gastou nesta diligencia deu o Conde de S. João ao nosso exercito pera occupar o posto pertendido; & vendo que a via felicemente logrado o seu intento, mãdou desfilàr pela retaguarda as tropas, & que se formassem em hum vale visinho ao nosso exercito: ficou com as da vanguarda fazendo cara aos inimigos, demiuiçaõ de que determinarão valerse, investirão com toda a cavalleria o posto em que estava o Conde de S. João: porèm elle valeroso, & invencivel, querendo por não parecer offendido, anciparse a ser offensor, avançou furiosamente com as poucas tropas, que conservava, & fez retirar as do inimigo tanta distancia, que sem outro embaraço teve tempo de se incorporar com as suas, que avia mandado formar no Valle. O inimigo tornou a refazer as tropas, & pertendeo com segunda infelicidade restaurar no valle o desar do Mõte; baixou todo o exercito ao lugar onde tinhaõ estado as tropas do Conde de S. Ioaõ, que jà neste tempo as avia incorporado cõ o exercito formado na imminencia referida, que ficava taõ superior ao Valle, q̃ o inimigo occupou, que não sò a artelharia, mas as bocas de fogo tiveraõ emprego com notavel estrago. Conhecendo Dom Balthezar Pantoja sem reparo o dano, que recebia, retirou o exercito a hum monte pouco distante, & querendo provocar as nossas tropas

a que

à que recebessem igual perjuizo da sua artelharia, mãdou investir hũas mangas de mosqueteiros, que estavão avançadas do nosso exercito, resistirão ellas, & teve tempo o Conde de S. Ioão de as socorrer com a cavalleria tão venturosa, & galhardamente, que levãdo o inimigo atè o corpo do seu exercito, ficarão muitos Galegos mortos, & trouxerão as nossas tropas alguns officiaes prisioneiros. O Conde de S. Ioão, que não sò com o valor era exemplo das acçoens mais heroicas, retirou os seus soldados com tanta destreza, que não forão offendidos da artelharia prevenida em seu dano.

Naquella noite com mais silencio do que he licito a exercito, que conquista, levantou Dom Balthezar Pantoja o alojamento, & fez alto na Villa dos Arcos, que por não ter muralha, que guarnecesse, não tinha presidio. Pera a mesma parte marchou o Conde do Prado, & tomou quartel pouco distante do inimigo. Os dias que se deteve Dom Balthezar, irresoluto naquelle sitio, foi tão continua a vigilancia do Conde de S. Ioão que naõ pode lograr o inimigo introduzir cõboi de importancia no seu exercito, perdendo hũs, & retirandose outros pera Galiza. Obrigado Dom Balthezar deste irreparavel inconveniente passou o rio Lima, & poz a frente do exercito na Villa da Barca. Preveniose este ameaço, & antes que o inimigo chegasse entrou na Barca o nosso exercito. Aquartelouse Dom Balthezar no Monte do Castello da Nobre-

ga; & o Conde de S. Ioaõ naõ perdendo instante de molestar aquelle exercito, lhe tirava quasi totalmente os mantimentos, & juntamente acodia a todos os lugares abertos, que as suas tropas ameaçavaõ, obrigandoas a fugir em algũas occasioẽs, que foraõ provocadas a pelejar. Dom Balthezar vendo atalhados todos seus disignios, lhe foi forçado voltar pera o alojamento dos Arcos. Ao tempo que começava a desfilar o exercito, investio o Conde de S. Ioaõ com a cavalleria as tropas da vanguarda do inimigo, & chegou com ellas atê o corpo do seu exercito. Persuadiose Dom Balthezar Pantoja, que achava nesta occasiaõ a que desejava, pera satisfazer as offensas recebidas; formou brevemente o exercito, & foi soccorendo com novas tropas as da sua vanguarda; porem aquelle Capitaõ insigne, & novo Viriato, capaz de remediar os accidentes de maior importancia, melhorou com brevidade de sitio, avizou o Conde do Prado, que o socorresse, & entreteve com taõ singular industria a escaramuça, que sem receber o menor dano, deu tempo a que chegasse a socorrelo o nosso exercito. Despois de incorporado, ordenando promptamente os terços como Mestre de Campo General, & formando as tropas como General da Cavalleria, ainda que naquella campanha sò este era o seu exercicio, carregou taõ furiosamente os inimigos, que reduzio a D. Balthezar Pantoja a formar o exercito em sitio taõ pouco ventajoso, que ficou totalmente exposto às nossas baterias. O que

durou

durou o dia, durou o estrago, & cuberto com o manto da noite, que fez de fumo a polvora abrazada, se recolheo D. Balthezar ao mesmo alojamento dos Arcos que antes avia occupado. Escolheo da mesma sorte o nosso Exercito o primeiro quartel, & porque o inimigo podia voltar algumas tropas contra a Villa da Barca, deixou nella o Conde de S. Ioaõ tres batalhoẽs de Cavalleria: a luz da menhãa mostrou o acerto desta prevençaõ, porque aparecerão á vista da Barca, onze batalhoens do inimigo: porèm tanto q̃ os divizaraõ as nossas tropas, ainda que conhecèraõ a sua ventagem fizeraõ alto, & mandaraõ pera a segurança da facçaõ pedir infanteria ao seu exercito: da mesma diligencia uzarão os nossos soldados, avizando o Conde de S. Joäo do perigo em que ficavão. Executou elle logo q̃ lhe chegou esta noticia ao mesmo tempo duas acçoẽs nacidas do seu valor, & da sua prudencia, mãdou outras tropas, & algũas mangas de mosqueteiros soccorrer as da Barca, & com as que lhe ficarão atacou vigorosamenta a vanguarda do inimigo. Entendeo D. Balthezar Pantoja, que era maior o empenho, & mandou puxar pellas tropas, que estavam na Barca. O Conde de S. João vendo as nossas livres, & lograda a sua industria, se retirou trazendo alguns prisioneiros.

Dom Balthezar desenganado de conseguir algum progresso, & vendo o seu exercito muito diminuido, levantou o quartel dos Arcos, & tornou a occupar o primeiro alojamento dos fortes da Portella, que se

ſuſtentavão à ſua devoçaõ; ſeguioo o noſſo exercito pelo lado eſquerdo, & ficou alojado no quartel oppoſto, que naquelle ſitio antes avia eſcolhido. Alguns dias ſe deteve Dom Balthezar neſte alojamento, ſem mais cauſa que o receio de tão valeroſos vizinhos: obrigado ultimamente de varias incomodidades, poz o exercito com grande ſilencio hũa noite em batalha, & quando amanheceo caminhava a artelharia com as tropas da vanguarda pella eſtrada de Monſam. O Cõde de S. João, que avia premeditado muito antecipadamente o partido, que devia eſcolher neſte ſucceſſo, tendo medido como convinha as diſtancias, & facilitado o caminho, marchou encuberto com todas as tropas, & alguns terços de infanteria, & caminhando cõ mais preça, que o exercito inimigo, tanto que teve avançado o que julgou neceſſario pera a empreza, ganhou a meſma eſtrada, & inveſtio tam furioſamente as tropas que vinhão de vanguarda, que fazendoas voltar as coſtas, ſe fez ſenhor da artelharia que conduzião; mas como ganhalla naõ era o fim da empreza pela inferioridade do poder, matarão os ſoldados as mulas, q̃ a levavaõ, & deſpois de fazerem notavel eſtrago nos inimigos a exemplo do Conde de Sam João, que em cada golpe ſacrificava huma vida, ſe retirarão, trazẽdo muitos ſoldados, & officiaes priſioneiros, entrando nelles hum ſobrinho de Dom Balthezar Pantoja, acodio elle a remediar eſte dano com as tropas, & terços, a que dava lugar a eſtreiteza do terreno. Porem

o Con-

o Cõde de S. Ioaõ lograda a idea, que o côduzira, se retirou com igual vagar á preça com que avia avãçado, verdadeiro mestre da musica militar, sabẽdo cõ o mesmo compasso ajustar differentes consonancias. Chegou o exercito do inimigo a Monsam, sem voltar caras por mais vezes que o Conde provocou a pelejar as tropas da retaguarda.

Elegeo o Conde do Prado, pera alojamento do exercito hum sitio imminente, & visinho ao inimigo, & como com os cavallos que se lhe aviaõ tomado, & incessante diligencia do Conde de S. Ioaõ, ouvesse crecido o numero do nosso exercito a treze mil infantes, & dous mil & quinhentos cavallos, despois de chegar de socorro Manoel Freire de Andrade Tenente General da Cavalleria da Beira, com as tropas do seu partido, se resolveo o Conde do Prado, a fazer toda a diligencia por obrigar ao inimigo a pelejar na campanha. Tomado este acordo deu ordem ao Conde de S. Ioão pera carregar as tropas da guarda do exercito, o que fez por muitas vezes: porém nunca pode obrigar ao inimigo a que sahisse do quartel. Vendo os cabos do nosso exercito, que senão consegu ia este intento, determinarão sitiar Lapella, praça, que avia sido nossa: Era pequena, situada sobre o Rio Minho, & fora facil de conquistar se lhe poderam prohibir os continuos socorros do inimigo, alojado na parte opposta do rio. Nesta bem fundada duvida venceo o valor a difficuldade, começouse o sitio, q̃

du-

durou vinte dias, batendo a artelharia do nosso exercito a Praça, & a do inimigo o nosso exercito. Erão tantas as balas, & tão rigoroso o inverno por se começar a empreza em Dezembro, que unidos dous elementos por natureza encontrados em dano dos exercitos, igualmente cahia do Ceo, agoa, & fogo. Nem o risco de hum, nem o embaraço de outro prohibia ao Conde de S. Ioaõ correr de dia, & de noite os aproches, & as baterias com tanto ardor, & diligencia, que não avia official, nem soldado, que na confiança do seu valor não desestimasse os perigos, & não apetecesse o trabalho.

Quando esta contenda se fomentava, com mayor calor continuou huma conferencia a que antes avia dado principio o elevado espirito de Ioão Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente, sobre a paz das duas Coroas, que dividio os exercitos: Acabada a campanha, & achando o Conde de S. Ioão o premio que desejava das gloriosas acçoẽs, que executou nella, no applauso universal, & na fama espalhada por todo o mũdo, voltou pera a sua Provincia, & começou a fazer taõ aspera guerra aos inimigos, oppostos áquella fronteira que se sogeitarão trezentos lugares á obediencia deste Reyno, & servirão de continuo alimento das nossas tropas, & de grande alivio por este respeito aos nossos payzanos. Augmentaraõse as tropas com a opulẽcia que logravaõ na guerra, & igualmente os nossos soldados, & os inimigos começaraõ a amar, & temer de

sorte

ſorte as incomparaveis virtudes do Conde de S. Ioaõ, que nem pera os ſoldados avia empreza difficultoſa, nem pera os inimigos lugar ſeguro, por mais interior, & apartado que eſtiveſſe daquella fronteira.

Entrou o anno de 1663. & tornando o inimigo a ameaçar a Provincia de Entre Douro & Minho, voltou a ella o Conde de S. João com a maior parte das tropas da Provincia de Tras os Montes, de que já era Governador das Armas, & juntamente Meſtre de Campo General de Entre Douro & Minho, não porque deſejava mais Paſtos, ſenão porque apetecia multiplicar as occaſioens pera conſeguir maior merecimento. Com tanta diligencia ſahio em campanha o noſſo Exercito, que ſe ſuſpendeo a reſoluçaõ do inimigo. Reconhecido o ſeu receio, parecendolhe ao Conde de S. Joaõ, que ſenão devia mal lograr tão luzido Exercito, propoz ao Conde do Prado huma idéa, que foi de grande utilidade à defenſa daquella Provincia, & de grande conſequencia pera a conſervaçaõ das outras. Era o intento, que ſe ganhaſſe poſto da outra parte do Rio Minho, em hum ſitio que apontou, & que eſte fortificado pudeſſe ſervir de continuo freio aos intentos que o inimigo tiveſſe de penetrar os noſſos lugares. Porèm que as difficuldades pera ſe conſeguir eſta empreza eraõ de tal qualidade, que ſenão podiaõ vencer ſem aſſiſtencia da Corte, que elle ſe offerecia a paſſar a Lisboa, & facilitar com os Miniſtros os ſoccorros, que pareceſſem neceſſarios. Aprovou o Conde

de

de Prado esta proposta, & o Conde de S. Ioão voando nas azas da Fama, passou a Lisboa, & alcançou dos Ministros del-Rey D. Affonso, que já naquelle tẽpo avia tomado posse do governo do Reino, tudo o que desejava pera o fim da empreza que propunha. Voltou a Entre Douro & Minho com tanta brevidade, q̃ se julgou no exercito fantesia, o mesmo que se experimentava executado; E com esta diligencia se deliberou à empreza, & como o segredo era a pedra fundamental da obra que emprendiaõ; porque qualquer indicio bastava pera a desbaratar, excogitou o Conde de S. Ioaõ todos os meios de a encobrir. Foi o mais essencial passar com as suas tropas á sua Provincia despois de ajustar com o Conde do Prado, o tempo, & a forma que avia de ter a execuçaõ do intento deliberado.

Logo que o Conde chegou a Tras os Montes, prevenio hum exercito taõ poderoso, ajudado por ordem del-Rey, das tropas da Provincia da Beira, & de algũas de Entre Douro, & Minho, conduzidas pera maior dissimulaçaõ, que obrigou a D. Balthezar Pantoja cõ esta arte a acodir áquella fronteira com a maior parte do seu exercito, de que era Governador, & Capitam General Dom Luis Poderico. Entrou o Conde de S. Ioão muitas legoas pello Paiz do inimigo, & despois de desbaratar grande numero de povoaçoẽs, voltou sobre a veiga de Monte Rey, & chegando a esta praça a reconheceo tãm devagar, & com tanto risco, que pudera

dera enganar os mesmos que sabiam que era industria. Feita esta diligencia voltou sobre o Monte de Villarelho, que fica na Raia, & começou a fabricar nelle hum forte com grande calor. Continuou esta obra, atè que chegou o dia concertado, em que o Conde do Prado avia de passar o Rio Minho, pouca distancia de Villa Nova de Cerveira, em barcos que estavaõ prevenidos, o que felicemente executou com quatro terços de infanteria, & algumas tropas; & ganhando por assalto o forte de Gayão, começou com grande diligencia a fortificarse. Chegou brevemente o Conde de S. Ioaõ, que tomou a pòsta pera lograr o que com tãta diligencia, & trabalho avia disposto; seguioo todo o Exercito de Tras os Montes; & vendo D. Balthezar Pantoja descifradas as idèas que tanto o embaraçavaõ, voltou pera Tuy, & achando taõ crecida a fortificaçaõ, & tão numeroso o Exercito, que lhe não pareceo possivel desalojalo: tratou Dom Luis Poderico, & Dom Balthezar de fortificarem os lugares que ficavão com esta vesinhança, expostos a maiores perigos.

Avendo o Conde de S. Ioão sogeitado a fronteira opposta à sua Provincia, & vendo segura a de Entre Douro & Minho, com o novo forte da Conceição, huma, & outra fortuna effeitos do seu valor, & da sua industria, & por hum, & outro respeito ociosas as tropas, que com tanta diligencia avia formado, & com tãtas victorias feito invenciveis, determinou empregalas

las na Provincia de Alentejo, amando esta assistencia, como primeira escola, & venerando esta escola como primeira officina de Marte, acreditada naquelle tempo com a insigne victoria conseguida no campo do Canal, por Dom Sancho Manoel Conde de Villa Flor, & com a restauraçaõ da Cidade de Evora; desejando pois mostrar na sua pessoa, & no valor, & obediencia dos seus soldados, que nem elle cedia a outro Capitaõ, nem elles dependiaõ de outra disciplina; & como em pouco espaço considerava todas as difficuldades de qualquer materia, & fiado nas largas experiencias desta virtude, deliberava com a mesma velocidade que comprehendia. Escreveo a El-Rey; que pedia a sua Magestade por premio de seus serviços, quizesse concederlhe licença pera passar a Alentejo, á campanha futura do anno de 1664. com 2500. infantes pagos, divididos em quatro terços, & 800. cavallos formados em desaseis tropas, obrigandose à segurança da sua Provincia com a guarniçaõ que lhe deixava, & aos soccorros de Entre Douro & Minho, se o inimigo formasse Exercito por aquella parte. A qualide deste requerimento, levava a concessaõ na importancia delle; seguiose á proposta a ordem d' El Rey como o Conde de S. Ioaõ a pedia, & à ordem a sua marcha pera a Provincia de Alentejo com as tropas offerecidas. Deixou governando Tras os Montes Diogo de Brito Coutinho, que El-Rey lhe avia dado por Mestre de Campo General. Como a jornada era de

80.

80. legoas, & todo o desejo do Conde, que as suas tropas parecessem em Alentejo as mais luzidas, ganhou tempo, & fez marchar os soldados, com tantas commodidades, pagandoas a sua fazenda, por não aver a menor queixa nos povos em que se alojavão, que chegarão a Alentejo muitos dias antes da campanha, & sahirão a ella as tropas tão lustrosas, & ajustadas, q̃ puderão exceder as melhores de Europa.

Governava terceira vez as armas de Alentejo o Marquez de Marialva, com titulo de Capitam General: occupava o posto de Governador das Armas, o Conde de Schomberg Alemaõ no sangue qualificado, & Francez no sciente exercicio das Armas. A mãte da sua opinião, & das suas partes vinha o Conde de S. Ioaõ buscar com alvoroço a sua correspondencia, que a poucas horas de trato, se ajustou com apertados vinculos, sendo a simpatia dos dotes da natureza, a melhor medianeira da estreita amizade. Sobre o emprego deste exercito, ouve larga conferencia despois de se adveriguar, que Dom João de Austria não tinha forças com que intentasse recuperar a infelicidade padecida o anno antecedente. Foi a resolução do Concelho, atacarse a praça de Valença, muitas vezes intentada com adverso successo; facilitou esta empreza, o parecer, & instancia do Conde de S. Ioão, dando rezoẽs, pera se intentar tão discretas, & militares, que puderão seguirse como vozes de Oraculo.

Chegou o Exercito a Valẽça, & 6. dias q̃ durou o sitio,

 fazen

fazendose baterias, & aproches, & dandose hum furioso assalto, assistio o Conde de S. Joaõ nos lugares de maior risco de dia, & de noite, desprezando as balas com tão alegre semblante, que fazia apetecer a sua visinhança aos que mais a receavaõ, & trazia os seus soldados taõ scientes nesta doctrina, que o maior trabalho dos cabos do exercito, era acharem perigos com que os contentassem, tendo avaliado esta pella maior lisonja que podiaõ fazer ao seu General. Rendeose a praça, retirouse o exercito, & voltarão pera Tras os Montes as tropas do Conde de S. Joāo, deixando em Alentejo conseguido o credito, que com tanto trabalho solicitarão. Antes de lograrem na sua Provincia o descanço de que necessitavão, chegou avizo de Pedro Jaquez de Magalhaens, Governador das Armas de hũa das Provincias da Beira, de como o Duque de Ossuna com grande exercito ameaçava aquella Provincia. Marcharaõ logo a socorrelo dous terços de infanteria, que ajudarão a vencer a batalha, que Pedro Jaques ganhou felice, & gloriosamente ao Duque de Ossuna, pera que não ouvesse acção grande em que o Conde de S. Joaõ naõ tivesse parte.

Despois de se acabar a campanha de Valença, se retirou D. Ioaõ de Austria pera Madrid; succedeolhe no governo o Marquez de Caracena com taõ seguras assistencias dos Ministros daquella Coroa, & cõ tanta confiança na arte militar, adquirida por largas experiencias, que se arrojava a prometer a Conquista

de

de Portugal, fazendoa mais facil do que insinuavaõ os successos antecedentes. A noticia destas prevençoens fez a maior impressaõ na singular prudencia do Conde de S. Joaõ, obrigandoo este cuidado a advertir a el-Rey, & a seus Ministros, a importancia delle, & a multiplicar o numero dos seus soldados, escolhendo pera este galhardo exercicio os de melhor qualidade, que saõ ordinariamente os que seguraõ as victorias. Chegou o tempo da campanha, & na primavera do anno de 1665. passou segunda vez o Conde de S. Ioaõ á Provincia de Alentejo com taõ excellentes, & bem compostas tropas, que eraõ admiraçaõ, & inveja de todo o exercito. Poucos dias despois de aver chegado, sahio em campanha o Marquez de Caracena cõ 15000. infantes, & 7000. cavallos, tiradas das melhores tropas de *E*uropa. Sitiou este exercito Villa-Viçosa, berço da Real Casa de Bargança, & entendeose que este sitio foi sò pera desafogo desta pena, por ser esta praça inutil pera o intento da conquista. Deliberou o Marquez de Marialva, aconcelhado de todos os Cabos do exercito, que se socorresse Villa-Viçosa. Era a empreza difficil pello embaraço do terreno, & os dias que se tratou esta materia naõ ouve arte militar que o Conde de S. Ioam nam esquadrinhasse, pera facilitar as difficuldades que se offereciam, & argumentava com tanto engenho, & subtileza, que eram indissoluveis as suas proposiçoẽs, & ellas vieram a encaminhar a forma do ataque, que nam teve execuçaõ no quartel dos Ca-
 stelha.

ſtelhanos, porque ſahindo o noſſo exercito de Eſtremoz a 17. de Junho com 16000. infantes, & cinco mil & quinhentos cavallos, a poucas horas de marcha, por aver ſó duas legoas de diſtancia, chegou o Marquez de Caracena a dar a batalha na campanha, largando as ventagens do terreno em que eſtava, porque ſuppoz achar ſem forma o noſſo Exercito, como ſe a diſciplina militar Portugueza ſenão tiveſſe coroado por hũa das melhores officinas de Marte. Durou ſete horas o conflicto, pelejandoſe igualmente em todas as partes, no fim dellas foi o inimigo totalmente desbaratado, & ſocorrida a praça. Avia o Conde de S. João pedido o governo do lado eſquerdo da linha do exercito, porque deſejeva pelejar com o corno direito do inimigo. Porèm vendo que os Caſtelhanos atacavão com todo o corpo da Cavallaria o lado direito da noſſa infanteria, eſcolheo aquelle lugar por lhe parecer mais arriſcado: Nelle ſuſtentou o pezo de toda a cavalleria contraria, & chegando ella a penetrar por vezes aquelle primeiro corpo, o Conde de S. Ioão, dando ordens como General, & pelejando como ſoldado, não ſe offereceo accidente, que não remediaſſe cõ incomparavel ſciencia, & inſigne valor; já formando os infantes que o inimigo desbaratava, já cobrindo com as tropas os claros que parecião faceis de penetrar. E tão vivamente animava aos combatentes com as razoens, & com a eſpada, que ſe lhe conhecia no ſemblãte o deſejo de que a batalha ſe deſſe em hum ſó ponto

to, por lhe impossibilitar a divizaõ de muitas linhas, pelejar em todos os conflictos della. Porèm guardando com os olhos o centro do Exercito, & correndo ligeiramente quasi toda a circunferencia, conseguio a sua actividade reduzir a breve Mapa tão diversos lugares, & logrou a arte valerosa tudo o que difficultava a fragilidade da natureza, & afinando mais a ambiçio da gloria, reconhecendo difficil à satisfaçaõ total deste seu heroico desejo, emmendou com a assistencia de seus dous irmãos, Miguel Carlos de Tavora, livre da prizão dos Castelhanos, & Francisco de Tavora, aquelle Sargento Maior de batalha, este Tenente General da Cavalleria, & de seu cunhado Dom Miguel da Sylveira, Capitam das suas guardas, o impossivel da agilidade que pertendia: porque os tres em varias partes fizerão acçoẽs maravilhosas, ficando D. Miguel com perigosas feridas. A victoria foi o fim, & remate da campanha, contra o parecer do Conde de S. Ioão, que votava em maiores emprezas. Aquartelouse o Exercito, despedio o Conde os seus soldados pera Tras os Montes, mais ricos de gloria, que de despojos, ficando em Montes Claros, sitio em q̃ se deu a batalha, o sangue de muitos por padrão das acçoens de todos.

Passou o Conde a Lisboa a tratar novas emprezas que era o continuo alimento do seu espiritu. Ajustaraõ com elle os Ministros del-Rey na consideração do abatimento das forças do inimigo, q̃ se intentasse

algu ma facção de importancia pella Provincia de Entre Douro & Minho. Pera este effeito passou a ella o Conde Schomberg, governando as tropas estrangeiras da Provincia de Alentejo, Pedro Jaques de Magalhaens as de seu partido, & as de Tras os Montes o Conde de S. Ioão, conservando o exercicio de Mestre de Campo General de todo o exercito; & como em Entre Douro & Minho occupava o mesmo posto D. Francisco de Azevedo, ajustaraõ distribuirem ás semanas as ordens do Conde de Prado. Sahio o exercito com intento de chegar a Ponte Vedra, praça de Armas do inimigo: porèm o inverno, tempo em que começou a campanha, foi tão aspero, que obrigou aos Cabos a mudarem de resoluçaõ, & atacarem a Guarda, por ser porto de mar, & sitio conveniente pera outras emprezas. Foi a Villa facilmente entrada, & começouse o ataque de hum forte Real no principio da semana do Conde de S. Ioão. Empregou todo o seu generoso cuidado, em que a praça se apertasse de sorte, que se rendesse antes de entregar o exercicio do posto de Mestre de Campo General a D. Francisco de Azevedo; & despois de repetidos, & valerosos empregos, que já deixavão de louvarse, por averem as muitas acçoens passadas, & esgotado os encarecimentos, conseguio que o Governador da Praça capitulasse entregala o ultimo dia da semana. Chegou a manhãa do Domingo, em que avia de dar principio o exercicio de D. Francisco de Azevedo, & querendo o Conde de São

Ioão

Ioão lograr sem embaraço a sua diligencia, dovidou entregar o governo sem tomar posse da Praça: dizendo que capitulara na sua semana, & que por este respeito lhe tocava acabar de todo aquella empreza, sendo a maior rezaõ estar em contingencia a entrega da Praça, & avendo de render as armas, naõ parecer justo, tendo feito o aproche largar o assalto. Oppozse D. Francisco a esta preposição, argumentando que nas acçoens militares, não avia divizo ens quando o exercicio dos postos era alternativo, que se entregavaõ na forma em q̃ as tomava a ultima hora do governo. Prevalecerão as razoens do Conde de Sam Ioão, tomou posse da Praça, & reparada, & guarnecida se retirou o exercito.

Despedio o Conde de S. Ioão os seus soldados pera Tras os Montes, passou a Lisboa, & chegou a esta Corte, a tempo que o Serenìssimo Principe D. Pedro obrigado dos excessos del-Rey seu irmão, começava a fazer publicas as suas justificadas queixas, por lhe não ser possivel recatalas. Era huma dellas a falta de criados que o servissem, avendolhe tirado huns, & nam lhe querendo permitir que nomeasse outros. Despois de se dilatar alguns dias esta controversia, concedeo El-Rey a S. Alteza, que pudesse escolher quatro Gentis homens da sua camara, em lugar de outros quatro q̃ lhe não quiz dispensar, sem mais causa, que não ter acçaõ propria, ultima ruina dos Principes. Foi o Conde de S. Ioaõ hum dos que Sua Alteza nomeou nesta der-

radeira proposta, dignamente persuadido das suas heroicas virtudes, & excellente qualidade. Começou o Conde a servir a S. A. & a móstrar, que em igual grao reinava no seu espirito o valor de soldado, & o primor de cortezaõ. Galanteou no Paço, com às mais acertadas funçoens daquelle discreto, & decoroso exercicio. Ouve festas Reaes, sahio a tourear, acompanhado de seu irmaõ Francisco de Tavora, encheo a praça com trezentos lacaios, vestidos de tella de prata, & guarniçoens de ouro, ornados de plumas, & fitas, taõ custosos, & luzidos; que puderaõ sobornar as atençoens a senaõ suspenderem nas muitas, & airosas sortes que se seguiraõ em taõ excellentes, & bem adereçados cavallos, que nem a emulaçaõ se atreveo ao arrojo de escurecellas: correraõse canas nas mesmas festas, & ajustou o Conde de S. João huma quadrilha, com particular acerto, & luzimento; & faltando de todo quem se oppuzesse ás suas virtudes, émulas de si mesmas, pelejavaõ humas, & outras com influctuosa competẽcia; porque como todas se fabricavaõ na mesma forja, cada huma em sua esfera sahia taõ polida, que senão podiaõ exceder, subindo ao mais alto cume da perfeiçaõ, por differentes caminhos.

Acabadas as festas, partio o Conde pera Tras os Montes, querendo desafogar o cuidado dos Ministros, que receavão a sua assistencia, por serem as muitas virtudes continuo assombro daquelles que as naõ exercitaõ. Logo que chegou a Chaves, soube que governa-

va

va a cavalleria inimiga o Commiſſario Géral D. Diogo Gaſconha, ſoldado em Flandes de grande reputaçaõ; porèm mais coſtumado a obedecer, que a mādar, exercicios taõ differentes, que muitas vezes o meſmo valor acreditado na obediencia, ſe deslustra no imperio. Conſtando ao Conde de S. Joaõ, que D. Diogo Gaſconha culpava o deſacerto de ſeus anteceſſores, & que atribuia ao ſeu deſcuido o dano padecido naquelles Reinos, determinou valerſe da ſua arrogancia; porque pera emmendar eſtes erros avia aquartelado as ſuas tropas tão viſinhas, que ſerviſſem facilmente ao primeiro rebate. Com eſta noticia juntou o Conde dous mil infantes, & oito centos cavallos, & entrou de noite no Valle de Laça, districto em que eſtavaõ aquarteladas as tropas do inimigo. Dividio em dous troços a gente que levava; ficou hum à ordem do Tenente General da Cavalleria Dom Miguel da Sylveira, & ẽtregou outro a Pedro Ceſar de Menezes General da Cavalleria daquella Provincia, & Entre Douro & Minho, advertindolhe que feita a preza que foſſe poſſivel, ſe ajuntaſſem em hum monte que ſinalarão. Era o fim deſta divizaõ fomentar o ardor de D. Diogo Gaſconha, pera que vendo em hum ſô troço menos tropas das que avia de unir, ſe arrojaſſe a querer desbaratalas, & viesse a padecer o meſmo dano que determinava emmendar. Amanheceo, & correndo todos os accidentes pera a deſgraça de Dom Diogo Gaſconha, ſuccedeo acharſe paſſando moſtra a dez, ou nove tropas.

sahio com ellas tanto que ouvio o primeiro rebate, & chegou a aviſtar as da retaguarda de Pedro Ceſar, deſpois de aver paſſado o Conde o monte que avia ſinalado pera ſe unir com as mais tropas. Parecendolhe a Dom Diogo Gaſconha, que avião entrado ſó as q̃ divizava, ſem outro exame ſe arrojou a inveſtilas, quando começavão a entrar no Valle de Limia. O Cõde não podendo alcançar o erro de D. Diogo, ſuppoz q̃ aguardava a noite pera mais a ſeu ſalvo buſcar algum emprego; fez marchar a preza, & com ſinco batalhoẽs, veio entretendo o inimigo o tempo q̃ baſtou pera o alargar de humas montanhas, que podião ſendo carregadas as tropas ſervirlhes de receptaculo. Tanto que conſeguio eſte intento, voltarão os ſinco batalhoens, & atacarão tão vigoroſamente, que não foi neceſſario outro ſoccorro; romperão o inimigo, ſeguirão o alcance grande diſtancia, & ficarão em poder dos noſſos ſoldados 327. cavallos. Eſcapou Dom Diogo Gaſconha, mais modeſto com eſta doctrina, & retirouſe o Conde de Sam João, logrando neſta ultima victoria por não poder ſer maior, igual triunfo a todas as que avia glorioſamente conſeguido.

Fluctuava naquel'e tempo a Corte com hum dos maiores empenhos politicos, que de muitos ſeculos áquella parte ſe avia repreſentado no inconſtante theatro do mundo. Foi o remate deſta differença, de que em lugar mais competente determinamos dar melhor noticia, tomar S. Alteza poſſe do governo deſte Reyno,

no, persuadido das repetidas instancias da nobreza, & Povo, ficando El-Rey seu irmão, logrando decorosamente aquelles exercicios, que só lhe dispensavão os seus achaques. Antes de S. Alteza entrar no governo, todos os accidentes de materia tão ardua, que naõ pediaõ resoluçaõ prompta, mandava conferir a Tras os Montes ao Conde de S. Joaõ: & os negocios mais importantes se determinavaõ cõ o seu parecer. E querẽdo elle por muitas vezes vir á Corte assistir a S. Alteza, levado das obrigaçoens de Vassalo zeloso, & criado amante, S. Alteza o naõ permitio, porque nunca em taõ perigosa contenda quiz mais armas, que as da razaõ; porém livrava neste soccorro a maior segurança de qualquer accidente.

Logo que S. Alteza tomou posse do Reino, passou o Conde de S. Ioaõ a Lisboa, desejando com fervoroso zelo, ver no governo de S. Alteza sobida a gloria de Portugal ao cume das maiores felicidades; & ambicioso de lograr este generoso intento, despojando o animo de todos os interesses particulares, aceitava como remuneraçaõ propria qualquer mercé que Sua Alteza fazia a quem era benemerito, naõ avendo algum que naõ devesse á sua diligencia o conseguila.

Foi o primeiro emprego do governo de S. Alteza, ajustar a paz com a Coroa de Castella, logrando neste glorioso remate da guerra o triunfo das victorias conseguidas. Participava o Conde de S. João das

noticias mais intimas desta materia, & a igualdade do seu parecer manifestava a generosidade do seu animo; porque antepondo a saude publica à gloria particular, fomentava com todo o affecto o tratado da paz, sendo a guerra a fonte de todos os seus interesses. Ajustada a paz ficou o Conde de S. Ioão cõ a retenção do governo da Provincia de Tras os Mõtes; & vendo Sua Alteza, que era credito da regularidade de sua justiça despachalo, lhe deu o titulo de Marquez de Tavora, mercê com que o Conde se achou satisfeito de tantos, & taõ sinalados serviços. Despois do despacho passou o Marquez a Tras os Montes, & regulou de sorte aquella Provincia, que as suas disposiçoẽs vieraõ a ser formulario de todas as do Reyno, assi no modo da reformaçaõ dos terços demasiados, como na repartição dos cavallos pellos concelhos, pera que em todo o tẽpo que fossem necessarios se juntassem sem diminuiçaõ. Voltou pera a Corte a continuar o exercicio de Gentil homem da Camera de S. Alteza, & escusandose de outros empregos de grandes consequencias, se offereceo pera exercitar a occupaçaõ de Vereador do Senado de Lisboa, sem outro fim mais que emmendar alguns desconcertos do governo da Cidade. Empregouse hum anno nesta assistencia cõ tãto desvelo, q̃ cõseguio dar forma a grandes desacertos, q̃ pareciaõ irremediaveis. Acabada esta cõmissaõ dispoz voltar à Provincia de Tras os Mõtes, pera q̃ senão corrompesse m as disposiçoens com que a governava.

Quan-

Quando andava mais fervoroso em preparar esta jornada;& em fomentar outras idèas de grande utilidade da Republica, invejosa a fortuna de espirito taõ levãtado,& de virtudes taõ singulares, q̃ parecia se izẽtavaõ da sua jurisdiçaõ, por se averẽ sublimado de sorte, q̃nẽ a inveja tinha arte pera escurecelas, nẽ a ãbiçaõ poder pera derribalas, se fez parcial da morte, pera q̃ esgrimindo armas mais poderosas, acabasse hũa vida q̃ julgava invẽcivel na duraçaõ. Assistia o Marquez de Tavora em hũa quinta sua fóra da Corte, pertẽdẽdo desafogar o sẽtimẽto da morte de hũ filho seu de pouca idade. Na tarde de 25. de Novembro, antes de sahir de sua casa, chamou hum Capellaõ Mestre de seus filhos, & perguntoulhe se tinha licença pera confessar. Reparando o Capellaõ nesta novidade, despois de lhe responder, que não estava aprovado, quiz adveriguar a causa della. Disselhe o Marquez, que interiormente entendia q̃ lhe avia de durar pouco tẽpo a vida, q̃ lhe encomendava muito a doctrina de seu filho mais velho Antonio Luiz de Tavora, advirtindolhe, que cõ toda a attẽçaõ antepuzesse sempre a espiritual á temporal. Não fomentava esta imaginação algum achaque, nem outra causa mais que pertender o coraçaõ humano acreditar por indubitaveis os seus presagios. Partio o Marquez pera a Corte, & despois de acodir á varios negocios, & passar atè as nove horas da noite com alguns de seus maiores amigos, se retirou pera a sua quinta: ceou sem novo accidente, & esteve largo es-

paço

paço em aprazivel conversação com a Marqueza sua molher, & com seus filhos: foraõ as ultimas palavras que pronunciou, dispor que na menhaã do dia seguinte, que era sabbado, estivesse prevenida carruagẽ pera ir ouvir Missa a N. Senhora de Penha de França, de q̃ era devotissimo, & exercicio, que cõtinuava avia muitos annos. Recolheose na cama, & as primeiras horas do sono foraõ as ultimas da vida. Acordou a Marqueza sua molher aos effeitos que fazião no corpo aflicto os impulsos da morte; fez acodir com implacavel ansia toda a familia, & com os olhos em o mesmo Capellaõ, com quem avia falado a tarde antecedente, q̃ o estava absolvendo, se separou do corpo aquelle alẽtado espirito, q̃ não cabia em todo o mũdo. Chegou a nova brevemente â Corte, & acodirão â quinta onde estava o corpo do Marquez os amigos, com lagrimas sem conto, & saudades sem alivio, a Nobreza exagerando a incomparavel perda do Reino, o povo lamentando a falta de hum varaõ defensor da patria, unico em qualquer emprego, & todos encarecendo naquella intempestiva morte o desprezo de toda a grandeza da vida. Foi a enterrar o corpo do Marquez ao Mosteiro de N. Senhora de Penha de França, de Religiosos de S. Agostinho, em sepultura raza, junto da porta principal, desposição que se achou em hum testamento que o Marquez avia feito, quando marchou pera a batalha de Montes Claros. Celebrarãose magnificamente as exequias, que ficarão eternamente encarecidas

das com a excellente, & erudita Oração, unida a este volume. Repartirãose por todos os Conventos da Corte, & Reino tantos suffragios, & forão aplicados pellas pessoas mais devotas com tanto fervor, que muitas de grandes letras, & veneração argumentão do empenho com que encomendão a Deos a alma do Marquez, a esperança de que logra na gloria o premio de tantas virtudes, como exercitou na vida.

Foi Luiz Alverez de Tavora Primogenito do sangue de hũa das familias mais illustres da sua nação, & herdeiro das acçoẽs mais heroicas do seu seculo: Crecerão nelle com a idade tão naturais as virtudes, que sem violencia aperfeiçoou a arte tudo o que lhe introduzio a doctrina. O entendimento, & o valor foraõ os dous Polos em q̃ se governaraõ cõformes todas as suas acçoẽs, porq̃ as emprezas da guerra onde reina o valor, sogeitava ao juizo, & as politicas da Corte, onde impera o entendimento, lhe encaminhava o valor. Tanto que o seu braço teve força pera menear a espada, o levou a sua prudencia á defensa da Republica, & augmentaraõse nelle com os dias os progressos, & com os progressos os triunfos. Usava com tanta prudencia da liberalidade, que todo o cabedal que licitamente adquiria, generosamẽte gastava. Naõ teve na guerra successo infelice, nem na paz acçaõ infructuosa; porque era maduro no concelho, & promptissimo na execuçaõ. Nenhũa empreza julgava difficil, nem pezado algum accidente. Em igual grao amava a inde-

penden-

pendencia, & abominava o interesse. Publicamẽte louvava as virtudes, & sem rebuço condenava os vicios. Se algum dia pronunciou licita lisonja, foi pera q̃ della resultasse ao seu Principe algũa grande gloria. Iactavase tanto da inteireza, & verdade que professava, q̃ costumava dizer, que as casas Reais se compunham de homens que pertendiam enganarse huns a outros, & todos ao seu Principe. Muitas vezes offereceo a recõpensa de seus serviços, ou pella satisfaçam de algũ soldado valeroso, ou pello indulto de alguma honrada culpa. Estimava de sorte a justiça, que era soborno pera conseguir a sua protecçam, darem os Ministros della sentença contra elle; porque dizia que insinuava a sua inteireza, nam fazerem reparo em o considerarem offendido. Zelava de qualidade o serviço do Principe, que especulava a menor omissam dos Ministros de todos os Tribunaes, & aquelle que achava aggressor, emmendava com tanta discripçam, que o deixava obrigado, & ao Princepe bem servido. As virtudes de seus antepassados, & dos grandes Capitaens antigos venerava com emulaçam tam decorosa, que as encarecia, tendo por objecto excedelas. Assi como a opposiçam o achava arrojado, a humildade o via pacifico. Na guerra foi a sua disciplina austèra pera os delinquentes, suavissima pera os benemeritos. Despois da paz estudou a Geografia cõ tam luzido emprego, que de memoria sinalava a divizam dos Reynos, & a demarcaçam das cidades, os portos, enseadas, angras, & restringas, as

menço-

monções dos ventos, & condições dos mares, a corrente dos rios, & a força das correntes. De sorte abominava o interesse, que nunca nos postos militares quiz usar sem permissaõ do Principe de algũas conveniencias, que o costume avia feito licitas. Foi grande venerador do culto divino, devotissimo da Virgem Nossa Senhora: & finalmente acabou nelle o symbolo do valor, o centro da descrição, a fonte do zelo, o emprego da liberalidade. Morreo de trinta & outo annos, deixou tres filhos, & quatro filhas: Antonio Luis de Tavora, hoje Marquez de Tavora, Rodrigo, & Bernardo de Tavora, aquelle estudando na Universidade de Evora, este de pouca idade. Dona Maria Condessa de Arcos, Dona Ignes Dama no Paço de Suas Altezas, D. Leonor, & D. Archangela, no Convento de Lisboa de Religiosas de Sam Domingos, dedicado a Nossa Senhora da Annunçiada.

LAVS DEO,

A MORTE, DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQVEZ

# LVIS ALVEREZ DE TAVORA

ANAGRAMMA

*Vive Sol da Lusa terra.*

SONETO.

EM breve ſono, a vida tranſitoria
Te rouba a morte, ó Ceſar Luſitano,
Porque Fenix à Fama ſoberano
Renaſças immortal em noſſa Hiſtoria,
Da militar doctrina excelſa gloria
Foſte ao mundo: & qual outro Octaviano,
Cerraſte pera nòs o templo a Jano,
E abriſte pera ti o da memoria.
Quem vence a Ceſar nas acçoẽs da vida,
He bem que ſuperior ſeja na morte,
E em luz viva quem foi rayo da guerra;
E aſſi ſe a alma de Ceſar convertida
Foi em Aſtro fatal; com melhor ſorte
A tua *vive Sol da Luſa terra.*

*De Christovaõ Alam de Moraes.*

## *A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora, alludindo ao furacaõ antecedente.*

### SONETO.

Viste, ó Fabio, o passado terremoto,
Donde os robustos troncos trabucados,
Voarão das raizes coroados,
Pela violencia do furioso Noto?
Não admiraste a cada estrago hum voto
Dos humanos confusos de assombrados,
Que vendo os edificios arruinados,
Temerão ver o firmamento roto?
Deixa os estragos, que repete a Fama,
Que outro mayor assombro te convida,
Abre os olhos, veràs que aos pasmos chama
Muita luz de hum assopro consumida,
Desfeita em cinza a mais illustre rama,
Trocada em nada a mais heroica vida.

*Francisco Mascarenhas Henriquez.*

## *A morte do Excellentiſſ.mo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

ESte que ves chorar com géral pranto,
De univerſal naſcido ſentimento,
Do valor ſendo ſingular protento,
Terror de Eſpanha foi, do mundo eſpanto:
Em quanto doura o bello Sol, em quanto
O mar piza ſoberbo, abraça lento,
Triſte aſſombro ſerá, que num momento
A morte conquiſtaſſe valor tanto.
Com poucos annos acabou ſeus dias,
De Tavora o Marquez, mas nenhuns annos
Acabar poderão ſuas memorias;
Se a morte o deſatou em cinzas frias
Sempre o nome immortal entre os humanos
Logrará pyras de immortais memorias,

*Salvador Taborda Portugal.*

## *A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

ESte que ves (ò Fabio) transformado,
Ah desgraça fatal! em cinza fria,
Tavora foi, a cuja valentia
O mais forte poder vio sogigado:
Iaz (sim) neste penedo sepultado
As mãos horrendas d'essa parca impia;
Que se thesouro do valor vivia
Debaixo desta pedra o tem guardado.
Em fim a morrer a Parca hoje o condena,
E quer que sinta em tanta desventura
Tavora o golpe, quando nôs a pena:
Porèm que não morreo, a Fama jura:
Mas como foi thesouro, a sorte ordena,
O cubra a terra, o calle a sepultura.

*De Luiz de Sousa Castelbranco.*

A morte

## *Ná morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes.*

### SONETO.

PRimeiro o Sol nos Montes amanhece
Pera dourar os largos Orizontes,
Mas quando sua luz se augumenta a Montes
Em tumulo de prata se adormece:
Da mesma sorte, ó Fabio, se parece
Aquelle bello Sol de Tras os Montes
Que com raios de luz, nunca faeton tes
Hoje em Lisboa languido fenece.
Porém se morre o Sol em noite escura
Torna a resuscitar sua memoria
Na Luz que lhe prevem a Aurora pura:
Assim pois, se a Luis do Luso gloria,
Nome lhe deu de morte a sepultura,
De vida lhe dà Nome sua historia.

*Ioseph de Faria Manoel.*

## *A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

MOderno Scipião, Marte segundo,
Tavora digno de immortal historia
Deu que guardar prodigios â memoria,
Fez de tropheos a Portugal fecundo:
No obrar activo, em discorrer profundo,
Primeiro que a batalha era a victoria,
Dos contrarios horror, dos proprios gloria,
Rayo do campo foi, trovão do mundo.
Pendente estava a morte do ameaço,
Pera a morte sobrava hum golpe estreito,
Jurava a morte obediencia ao aço:
Mas ò caso fatal! ó triste effeito!
Saindo tantas mortes do seu braço,
Inda lá lhe ficou hũa no peito.

*O Doutor Manoel Pinheiro Arnaut.*

*A morte*

## *Ao esclarecido Senhor Marquez de Tavora falecido de repente.*

### SONETO.

HVm Solar tronco de estrellada rama,
Hum Marcial rayo de campanha ardente,
Cae do cuidado, & fina de repente,
Sem differença entre a mortalha, & a cama.
Lamenta a Corte, enrouquece a fama,
Grita a fidelidade mais valente,
Clama a verdade mais independente,
E tudo chora em cinza, a hum todo, chama.
Subito caso! Provido successo,
No qual não teve a morte azas, nem azo
Pera obrar de pençado este arremesso;
De repentino golpe corta o prazo
A hum berço, a hum braço, a hum brio em tudo (excelso
Por casos immortal, mortal por caso.

*O Padre Diogo Lobo.*

Amorte

## A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.

### SONETO.

DA noite hora fatal, eclytico dia,
Em que o Planeta Marte sem sentido,
Por não ficar mortal, ficou dormido
Se he que sempre acordado então dormia;
A terra lamentava, o Ceo gemia,
Com sentimento justo, & merecido,
O Polo derribado, o Sol cahido,
Morto o valor, defuncta a valentia.
O trance rigoroso, ó noite avara,
Cruel obstinação infausta sorte,
Mausceolo funeral, tragedia rara;
Pois temendote a morte por tão forte,
Investindo com todos cara á cara,
Sò a ti a traição matou a morte.

*Luis Sophico de Moraes.*

A morte

## *A morte do Excellentiſſimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

LAureado Marquez, triunfante Conde,
Cujo valor, de quem a valentia
Triſtemente o rigor da morte impia
Em pò converte, quando em cinza eſconde:
Eſpiraſtes, ſenhor, porém de donde
De Portugal o pranto ao mar ſe fia,
Hum ecco, & outro ſe ouve, que â porfia,
Que inda viveis aos noſſos ays, reſponde.
Eſpirou o valor, que á forte Eſpanha
A cuſta de ſeu ſangue inclyto, ha dado
O maior luſtre na menor façanha:
Mas foi treta ſagaz do eſquivo fado,
Pois q̃ temendovos rayo na campanha,
Hoje na paz vos colhe deſcuidado.

*O Padre Ioão Ayres de Moraes.*

A Lieyt.

## *A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

ESte Heroe, na guerra, o mais temido,
Como na paz em zelo acreditado,
Por decreto fatal, de horrendo fado,
Choras ó Luso, em breve haver perdido.
Ao valor deves tudo esclarecido
Deste Heroe, da vida despojado,
Pois sendo de tuas glorias seu cuidado,
Foi sempre a sua, haverte bem servido.
Não como elle outro pois, se soube ingente
No valor, & no zelo tão constante,
No cuidado maior, prompto, & presente.
Com que em fim de tuas glorias, sendo amante
As adquirio na guerra, o mais valente,
Com leis na paz, & zelo de observante.

*Joseph Gomes da Sylva.*

# A Morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.

## SONETO.

NEsta perda fatal de hũa sô hora,
Que em seculos não teve a sorte humana,
Ignora a Parca o que cortou tiranna,
Não sabe a morte o que assaltou traidora:
Do Tavora na morte o mundo chora,
Que a Parca intempestiva se profana,
Consigo andou a morte deshumana,
Pois lhe falta huma espada vencedora.
Mas se de ambas a enveja, ou tirania,
De apagar este assombro teve intento
No triste ocaso de huma sombra fria:
Chore tambem seu louco atrevimento,
Pois na lastima breve de hum só dia
Renasce eterno em nosso sentimento.

*Ioseph de Faria Manoel.*

## *Ao mesmo assunto, fallando com a morte no repente; & alludindo às occasioẽs do governo de Tras os Montes em suas victorias.*

### SONETO.

DE repente assaltaste, ò morte insana,
Ao Tavora, hoje assunto a novo pranto,
De Castella terror, de Marte espanto,
Honra da Monarchia Lusitana:
Que intentavas cruel, quando inhumana
Roubaste á tua força Imperio tanto,
Não viste o que vencias, viva em quanto
Esta mão te ajudava Transmontana?
Erraste o golpe, chora os teus desterros,
Castigo de envejosa, ou de insolente,
Nestes Faustos, & funebres enterros:
Nem desculpes o acaso de imprudente;
Que se os repentes sempre forão erros,
Bem confessas teu erro, em teu repente.

*Ioseph da Faria Manoel*

## *Inscripçam á sepultura.*

### DECIMA.

FAbio, aqui jaz sepultado
O Heroe da nossa idade,
Se digno de Eternidade,
Em brevedade acabado:
Naõ fieis de humano estado
A maior soberania,
Por quanto esta pedra fria,
Fatal desengano enserra;
Pois cabe em bem pouca terra
Quem no mundo naõ cabia.

*Ioseph de Faria Manoel.*

## *A sepultura do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

O Que ves deste marmore oprimido,
Tavora foi, illustre Lusitano,
Que na guerra seu nome soberano
Muito mais que o de Marte era temido,
Agora a breve cinza reduzido,
O tributo pagou do ser humano:
Naõ morreo, não, ás mãos do Castelhano,
Que de Atropos cruel só foi vencido:
Em a paz acabou (ó dura sorte!)
Que na guerra jámais pode atrevida
Sua vida troncar da Parca, o corte;
Bem se vé! pois ficou taõ desluzida,
Que na guerra o temeu a fera morte,
Se na paz lhe cortou a doce vida.

*Dom Luiz de Souza Castelbranco.*

Amorte

## *A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### EPITAPHIO.

De Marte o rayo, a cujo temeroso
Trovão, Castella toda estremecia,
Aqui desfeito jaz em cinza fria,
Digna de hum Mausoleo magestuoso.
Oh quanto a Portugal foi doloroso
Este golpe fatal da Parca impia!
Pois junto lhe tirou em hum sò dia
O Nestor sabio, o Aquilles valeroso.
Era o Marquez de Tavora modello
De hum perfeito varão, & assi se deve
Acrecentar aos nove Heroes da fama.
Foilhe da vida o espaço muito breve,
Mas seu nome serà sem paralello
Grande, por quanto o Sol sua luz derrama.

*João Franco Barreto.*

## *A morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

ALi debaixo dessa pedra fria
Onde maior parou a Magestade,
Jaz o brio, o valor, pura a verdade,
E ali mortal o Deos da valentia.
Das tres irmãas temendo a mais impia
Executar a sua crueldade,
A flor de S. João na flor da idade
Se atreveo a cortar quando dormia.
Chora de luto Portugal vestido,
E carecer de objecto a inveja sente,
Que parelhas amor, & o odio corre:
Bem que ella restaurar pode o perdido
Voltando contra si proterva o dente,
Se quem vive por gloria nunca morre.

# A morte do Excellentiss.mo Senhor Marquez de Tavora.

## SONETO.

TVmulo sou de quem aos Lusitanos
Com seu braço adquirio tantas victorias,
Que ecclypsadas deixando ãtigas glorias
Aos Heroes excedeo mais soberanos:
Acerba fora a morte se dos annos
Ao periodo breve, as meritorias
Acçoens não oppuzera, que em memorias
Do tempo mais veloz redimem danos.
De Tavora Marquez sempre applaudido
Entre funerea pompa, em urna breve
Assombros causa, a sombras reduzido;
Mas se a morte a tal Marte assim se atreve,
Em seu templo a Fama o tem sobido
Donde já immortal seu nome escreve.

*Luis de Miranda Henriquez.*

## *Na morte do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

SVspende o passo, ò Fabio, & reverente
Contempla nesta pira ao Luzo Atlante,
Ao Tavora gentil, que em breve instante
Assegura no Ocaso eterno Oriente.
Contrastar pode o subito accidente
Aquelle coração sempre constante,
Mas não pode ecclypsar a luz brilhante
Que no Ceo Portuguez foi astro ardente
Da sua espada, & do seu zelo a fama
Ainda morto, no templo da memoria
Illustra a Portugal, a Iberia inflama
Pois mereceo por premio da victoria
A espada em breve vida eterna fama
A vida em breve morte eterna gloria.

*Doutor Manoel de Sousa Brandaõ.*

## Ao mesmo assumpto.

### SONETO.

DO Tavora gentil, que parecia
Immortal pello es forço, & pella idade,
Rouba a morte cóm subita crueldade
O valor, com que o mundo suspendia:
Oh quanto arrisca aquelle, que se fia
Desta pompa mortal, cega vaidade!
Oh quanto ignora quem se persuade
Debil alento no futuro dia!
Olha da Parca o golpe arrebatado
Temeo, pois (ó mortal) vendo se atreve
Em breve instante ao mais altivo trono:
Alerta, não te leve descuidado
Das dilicias mortais do sono breve
ás angustias crueis do eterno sono.

*Doutor Manoel de Sousa Brandaõ.*

## *Ao Sepulchro do Marquez de Tavora.*

### SONETO.

FAtal estrago do valor mais fino,
Se encobre dentro deste jaspe duro;
Que a todo Portugal servio de muro,
Com brio airoso, & peito Diamantino.
No mundo seu esforço peregrino,
Do tempo jà passado, & do futuro
Foi assombro,& será: com tal seguro,
Que quem o exceder passe a divino.
Generosa piedade neste archivo
Reserva as cinzas, em que o Orbe absorto
Colha do desengano, o incentivo:
Vendose então cruel, do Fado, absorto,
Que quem tudo excedeo em quanto vivo,
Agora cede a tudo, quando morto.

*Do P. M. Fr. Thome Curado Pregador de S. A.*

## *No Tumulo do Excellentissimo Senhor Luis Alverez de Tavora Marquez de Tavora.*

### EPITAPHIO

COBre esta pedra o coração mais digno
De engrandecer perpetuamente a fama;
Porque as virtudes, q́ ella heroica aclama,
Todas recopilou nelle o destino.
A vida o rouba a morte (ò Peregrino)
E triste a vida contra a morte clama;
Porque vè reduzida em cinza a chama,
Que era ao valor mortal rayo divino.
Quanto grangea a fama perde a vida,
E ao carro atados do triunfo a morte
Os coraçoens levou, deixa a saudade.
E tu mortal adverte á terra unida,
Que deste assombro o desengano corte,
Que clama eternidade, eternidade.

*De Dom Luis de Menezes Conde da Eryceira.*

## *A morte intempestiva do Invicto Marquez de Tavora.*

## CANÇAM.

NAm em metricos golfos de Hypocrene
(Innundação feliz do monte altivo)
A musa banhe o plectro mais suave:
Mas em lagrimas tristes, metro esquivo
Em tragicos assentos Melpomene,
Funebre cante, proferindo grave
Canoros pasissmos com que a Ave,
Que no Caistro mora
A morte canta, quando a vida chora.
Cante pois do valor mais soberano,
E chore do mais tragico successo
O mortal golpe, o sempre vivo excesso,
Que sente Portugal, que o mundo admira;
O Ceo dispoz, & a gente, mais suspira;
E o coração desfeito hum Occeano
Inculque em funeral triste corrente
A Portugal, ao mundo, ao Ceo, & á gente.
Daquelle invicto Heroe, daquelle forte
Alcides soberano, que do Atlante
De Luso o pezo grave em sy sosteve:

E Rayo

E Rayo de Mavorte fulminante
(Senão illustre inveja de Mavorte)
A seu valor julgava encomio breve
A Fama, que na Tarja adonde escreve
Delio vitais alentos,
Rubricou de seu braço os vencimentos,
De aquelle que da Patria a liberdade
A vigores intrepidos da espada
Soube deixar no Mundo eternizada:
E a repetidos lauros de hũa guerra
A Paz eternizou na Patria terra;
Eterna serà hoje a saudade
Incansavel serà o amargo pranto
Que tanto ha de sentir quem perdeo tanto:
Daquelle pois Marquez sempre invencivel
Decio fiel, da patria saudosa,
Valeroso exemplar de hum justo Numa,
Hoje profira a Musa lacrimosa
(Não em metro suave) em metro horrivel
O epilogo breve, a breve summa
De aplausos a que o tempo não cõsuma;
Porém sempre crecidos
A essas posteridades referidos
Inculquem de seu nome a eterna fama,
Publiquem de seu braço o vigor forte,
De quem se hoje triunfa a injusta morte
Não poderà triunfar o esquecimento,
Que removido em nosso sentimento

Nos continuos suspiros com que aclama
Seu nome, seu valor, sua memoria
Eterna lhe assegura a humana gloria.
Apollo em seu sepulchro a Lyra de ouro
Quebra sentido, & rompe lastimado,
E a guerra o seu Trofeo mais aplaudido
Rendido admira, & chora sepultado:
A Paz o aplauso perde, & ao verde louro
Jà não vé dos estragos defendido,
Prostrado sy, & em cinzas convertido;
Que a violencias da morte
O sublime caduca, acaba o forte.
Jupiter que lhe deu da mam valente
O mais valente Rayo, o mais activo,
Extincto o vé: & Marte o escudo altivo,
Que lhe deu, vê quebrado, & em sombras tudo
Lyra, Trofeo, Aplauso, Rayo, Escudo,
Cuja gloria perdida o mundo sente:
Sentindo, & suspirando em toda a parte
Apollo, a guerra, a Paz, Jupiter, Marte.
O Tejo turvo corre, & mais crecido
Com lagrimas, as margens innundando
Triste as areas pulsa, as pedras bate:
O Mar nas prayas funebre quebrando
Brama confuso, & o tragico gemido
Faz que todo em suspiros se desate:
O valle inculto a quem o rouco embate
Do funeral assento

Tronca-

Troncado exprime em vozes seu tormento:
O Monte que foi thalamo sombrio
Do Sol no maior auge de seus rayos
Despido, he jà desprezo a muitos Mayos.
O Prado triste està, já não florece
Desprezado de Abril, nas maguas cresce,
As Flores já perderaõ todo o brio;
Porque morto o Marquez sentem rigores
O Tejo, o Mar, o Monte, o Prado, as Flores.
Cobarde a morte, exposta a tanta empreza
Teme assaltar o peito, em cujo alento
Invencivel se admira o vigor forte,
E impossivel contempla o rendimento,
E ao combater a heroica fortaleza,
Que tantas vezes triunfou da morte;
No perigo maior, com maior sorte
Espera que os sentidos
(Sentinellas da vida) suspendidos
Aos sopores tributem de Morfeo
Operaçoens do braço, acçoens viventes,
Que duvida vencer, que teme ardentes:
E então que os vè dormidos busca o leito,
E de repente assalta o invicto peito,
Cauta roubando o singular trofeo,
Que a estar desperto mal lográra, & he certo
Vencera a mesma morte a estar desperto.
Breve a tanto valor theatro o mundo
Maior esfera busca a valor tanto,

Con.

Conquiſtando o Zafir do quinto aſſento,
E intimando aos Planetas novo eſpanto:
Adonde o meſmo Marte furibundo
Cede a ſeu braço o regio luzimento,
Que digno eſmalte julga ao firmamento,
E nelle collocado,
Aſtro feliz ao Reyno laſtimado
Na perda de hum Varam illuſtre, & raro
Lhe influirá valor, fortuna, & gloria,
Que triunfos ſegure; & que a memoria
De ſeu nome invencivel eſtableça,
E nos eſtragos do ſepulchro creça
Phenix de Portugal; que mais preclaro
Das meſmas cinzas de hum fracaſo adverſo
Renaſce nas memorias do Vniverſo.

Altar ſerà de noſſa ſaudade
O teu ſepulchro (ò Tavora eminente,
Marte de Portugal, gloria da Fama)
Adonde ſintença a dor, o affecto ardente
Reſpeitado Holocauſto da vontade
Que idolatra o teu nome) a viva chama
Voto ſerà do coração, que aclama
Em ſentimento tanto
Sacrificio o pezar, victima o pranto:
Dedicando a teu nome, a tua gloria
Eterno culto o noſſo ſentimento

Todo

TAVORA

Todo veneração, todo portento:
Ardendo em tanta urna respectiva
Votiva cera, hũa affeiçaõ votiva,
Objecto permanente da memoria:
Repetindo o clarim da Fama altivo
Aqui jaz sepultado o Marquez vivo.

Canção se te disserem não declaras
Deste heroyco varão virtudes raras,
Que as julgaste infinitas lhe responde,
E que impossivel he no que tens dito
Que a termo se reduza o infinito.

*Pedro de Quadros.*

# PIRA FVNEBRE,

QVE CONSTRVE

## NESTA ELEGIA

O

ACADEMICO AMBICIOSO, E
Secretario da Academia dos Generosos de
Lisboa.

AS

## SAVDOSAS MEMORIAS

DO

EXCELLENTISSIMO SENHOR

*LVIS ALVEREZ DE TAVORA*
*Conde de S. Ioão da Pesqueira, Marquez de Tavora, do Concelho de guerra do Principe Dom Pedro, seu Gentil-Homem da Camara, Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes.*

Ago-

## ELEGIA.

AGora que Melpomone ſaudoſa,
Na cythera que Euterpe deſtempera
Serve de penna, a pena laſtimoſa.
Agora que Caliope ſevera
No arco que a Tiorba deſentoa
A reſina he tormento, & dor a cera.
Hoje que de Talia a frauta ſoa
Laſtimoſo ſuſpiro, porque o vento
Leve o pezar nas azas com que voa.
Choroſa Vrania no celeſte aſſento
Obſerva a Marte que depondo a lança
Faz do valor tropheo do ſentimento.
A trombeta no Alamo deſcança
Da louvadora Clio, porque a morte
Lhe furta a gloria que ſeu nome alcança.
E deſpois que Polimnia a triſte ſorte
O exercicio lhe nega, que ſobeja
A perſuadir a hum mal, hum mal taõ forte
E que triſte Terpſicore deſeja
Fazer no coraçaõ, o que na lira
A penna fez que a meſma penna inveja.
Sentida Eratto em tanto mal delira
Trocando nos affectos amoroſa
A voz que canta, a voz com que ſuſpira.

Agora

Agora pois Melpomene saudosa
Vnindo, & desunindo, a penna, & o canto,
Influi branda, se inspirais chorosa.

A fonte de Aganipe seja o pranto
Das nove irmãas, que em liquida corrente
O curso retroceda do *Erimanto*.

E penetrando o lubrico torrente
Da mãy de Rea as tumidas entranhas,
No Tavora renasça transparente.

(Rio na Provinc. da Beira entra no Douro.)

O qual julgando proprias as estranhas
Sentidas limphas; proprias as fizerão
Saber sentir igual perdas tamanhas.

E vendo que humas, & outras suspenderaõ
Levar triste tributo ao Douro triste,
Creio não seriaõ já quem de antes eraõ.

Por outra parte o Tamaga resiste
O feudo tributar, antes levanta
Novo padraõ de liquido Amatiste.

(Rio na provinc. Trasmontana, entra no Douro)

E nelle pendurado em fios quanta
Lagrima lhe offerece na saudade
Que motiva o pezar do amor que encanta.

O Tavora memora aquella idade,
Em que servio de espelho cristalino
A Heroes que a fama tem na eternidade.

Os quais dandolhe o nome eterno, & digno
Pera que fossem solidas as agoas,
As puzeraõ no escudo de ouro fino.

(Ondas azuis em Campo de ouro Armas dos Tavoras.)

Sentindo agora com dobradas magoas
Tão grande perda, se liquidão todas
Na forja ardente das saudosas fragoas.
O peixe que formou dos braços rodas
Para levar nos campos de Neptuno
D'escamas carro a repetidas bodas.
Nos pelagos perdido de Vertumno
Que a terra he mar, em prâto tão crecido
Combatido da colera de Iuno.
Aquelle forte hum tempo ennobrecido
Do nome do animal, que foi a Apollo
Dos Cleoneos por victima offerecido.
Novo construe illustre Mauseolo
Das pedras que servirão de defensa
Quãdo assombrava este, & aquelle Pollo.
Pedras que hum tempo á injusta differẽça
Da tirania barbara de Hespanha
Forão reparo a hũs, a outros offensa.
Nesta fabrica agora a Lisia estranha,
Pello cinzel da espada estão as glorias
Entalhadas; da bellica campanha
Ali se vem as celebres memorias
Do Rei Leones, dos dous seus descẽdẽtes
Ao Reyno Luso dando altas victorias.
Hum dos quaes entre as diafanas corrẽtes
Do Tavora vertia aquella espada
O sangue infiel em rapidos torrentes.

Golfinho entre as ondas nas mesmas armas.

Iuno foi tido dos antiguos pello ele mento do ar.

O forte de Cabr's fundado pellos primeiros desta il- lustre familia

D. Ramiro II. D. Thedon & D. Rauzendo

Por esta acção de pelejar a cavallo no rio poz D. Thedon o Golfinho nas armas.

O Mosteiro de S. Pedro das Aguias fundado por D. João, & D. Pedro Ramires antes que ouvesse Reys em Portugal.

A Ave dos Romanos coroada
Se via sobre a maquina famosa
A cabeça da Igreja dedicada.
A qual foi levantada, & sumptuosa,
por outros dous irmãos ãtes do sceptro
Que hoje perpetuo Lusitania goza.

D. Lourenço, & Ruy Lourenço de Tavora Capitães da armada que veio do Porto a soccorrer Lisboa em tempo delRei Dom Fernando.

Mais abaixo se vem do Eburnio plectro,
Louvados outros dous, a cujo custo
Vendo o turiblo do cheiroso Electro:
Os quaes rompendo o liquido tumulto
Das ondas, trazẽ desde o Douro ao Tejo
Em publico poder soccorro occulto.

Ruy Lourenço se meteo frade porque estando sitiado em Miranda do Douro que governava lha fizeram entregar com hũa carta falsa delRei D. João o I.

Hum destes cheio de valor sobejo
Pello aspero cilicio a forte malha
Trocou, dando motivo ao seu desejo:
Ver que enganosamente a hostil muralha,
Que lava o Douro respeitoso entrega
Vencido da treição, não da batalha.

Lourenço Pires de Tavora embaixador ao Papa, & ao Emperador.

Noutra parte se vê que ao Solio chega
Sacro, outro Heroe por seu Rey mãdado,
Enveja a tudo quanto o Tibre rega.

Ruy Lourenço de Tavora Viso-Rei da India.

Do Ganges, & do Eufrates venerado
Està outro varaõ, cujo governo
Foi da lingoa da fama publicado.

Luis Alveres de Tavora morto na de Alcacere.

Digno serà do louro sempiterno
Hum que trocou nos cãpos Africanos
A vida temporal, por nome eterno.

Não

Não se podem conter olhos humanos
 Ao diluvio do pranto, que motiva
 Da morte infausta os repetidos dãnos.
Pois nesta mesma fabrica que altiva
 Se vè de tantos Heroes adornada
 Morta a esperança està, & a pena viva.
Morta a esperança està; porque lembrada
 de tanta acção, de tanta valentia,
 Em huma vida sò recopilada.
E que esta agora a injusta tirania
 Da morte leve cautelosamente
 (Temendoo em tanta bellica porfia)
Morta a esperança estâ, pois do que sente
 A Lusa Sphera, em Vrna deposita
 As Lagrimas, & cinzas juntamente.
Não modera o pezar, antes o incita,
 Vendo na mesma pedra que a sepulta
 A memoria que a pena resuscita.
A pena manifesta a causa occulta
 O que o coração sente, os olhos mostrão
 De hũa dor, outra dor sempre resulta.
O Tua, o Douro, o Tamaga se postrão — Rios da Provincia Trasmontana que governou.
 Reverentes ao tumulo, sentindo
 Seu defensor no prãto, que demostraõ.
O Minho, O Lima, O Neiva, o Ave, unindo — Rios da Provincia do Minho que soccorreo
 Em choro igual as lagrimas ardentes
 Vão entre si chorando, & consumindo.

Hũa, & outra Provincia, que as correntes
 Destes rios innundão, outros mares
 Em si contem das lagrimas das gentes.
E em igual competencia de pezares
 De agoas, & pranto, cada qual procura
 Chegar ao Ceo, rompendo pellos ares.
Quem merecia o mimo da ventura
 Mais q̃ vós, alma illustre, ẽ quãto estaveis
 Envolta nesta humana vestidura.
Os Padres Consulares, que as louvaveis
 Acçoens por muitas vezes premiarão
 Com coroas nesse tempo mem oraveis.
A vossos pés agora se prostrarão
 Civicas, & Muraes, de Louro, & Era,
 Por acçoẽs que a esse seculo assõbrarão.
Quem mais que vós na Lusitana Esphera,
 No Minho, & na Provincia Trãsmõtana
 Venceo, & destruio a terra Ibera.
Ouvio o Douro, & a terra Transtagana
 Por vezes venerou no braço forte
 Triumphador da hoste Castelhana.
Contra tanto valor se atreve a morte?
 Decreto foi da justa providencia
 A qual nossa ignorancia chama sorte.
Conhecendo a infinita presciencia
 A virtude capaz do eterno premio
 Desunio a mortal correspondencia.

Subi

Subi alma felice ao justo gremio,
Cingindo a testa do immortal diadema
Seja nosso favor vosso proemio.
Lembraivos lá em gloria tam suprema
Da nossa bem sentida saudade,
E chore embora o mar, & a terra gema.
Porque nesta penosa eternidade
Se alivio puder ser huma memoria,
A desgraça será felicidade.
Mas como isto ha de ser se dessa gloria
Que pode permitir o pensamento
Torna a alcançar a morte outra victoria.
Entreguese o cuidado ao sentimento,
A alegria ao pezar, o rizo ao pranto,
O desejo ao sentir, gosto ao tormento,
Seja suspiro a voz, gemido o Canto.

*Dom Antonio da Cunha.*

## A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.

### SONETO.

LA estrella, que en el dia màs luziente]
Murió, tuvo en las sombras luz brillante,
El Sol, que en el Occaso agonizante
Se viò, cobrò la vida en nuevo Oriente.
La Phenix, que espiró en sepulchro ardiente
De aromaticas gomas respirante,
Nuevos alientos cobra, y màs flamante
Renasce a nueva vida en su Occidente:
Del Marquez la tragedia màs sentida,
Estrella, Sol, y Phenix le convierte,
Que llevantan su fama en su cayda.
Fue Estrella, que en las sombras tuvo suerte,
Fue Sol, que en nuevo Oriente cobrò vida
Phenix, a quien màs vida diò la muerte.

*Pedro de Quadros.*

*Del M.R.P.M. Fr. Andre de Christo, Religioso de la Real, y Militar Ordẽ de N. Señora de las Mercès, Redẽpciõ de Cautivos, Lẽte de Theologia, Expositor de la Poetica de Aristoteles na Academia de Lisboa, & su Academico candido.*

*A la muerte del Señor Marquez de Tavora.*

## SONETO.

ESte de Portugal soberbio Atlante,
Y de sus montes rayo, ô Peregrino,
En esse jaspe, que le oprime indigno,
Aun le rezela el Jupiter Tonante.
No en alto cielo, termino distante
Pavido jusga al solio cristalino,
Succinto espacio si, breve camino
Pera un ardor de espiritu gigante.
Bien que su cuerpo grave marmol sella,
El generoso espiritu valiente
A emprezas nuevas immortal aspira:
Pues quando el Orbe de zafiras sella,
O temor sea, ò culto reverente
Aun el cielo sus vovedas retira.

## *Del mismo Autor, y Academico Candido. A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora,*

### SONETO.

ESte que aliento fue del fuerte Luso,
Y terror al soberbio Castellano,
O peregrino, en essa losa en vano
La Parca metas a su gloria puso,
En las mortales sombras, no confuso,
Yaze su nombre claro, y soberano,
Que el mismo impulso de violenta mano
Clarines le templó, metros compuso.
A su flamante espiritu bien corto
El ancho espacio de los Orbes era,
Todo rayo a su ardor, centella breve:
No muerto le contemples, mas absorto,
Que viendo el mundo limitada esfera,
Valiente al cielo conquistar se atreve.

A la

## *A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

VIste Licio, aquel Joven animoso,
Que de tantas victorias coronado
Fue de la embidia singular agrado,
Y de la fama officio numeroso.
Viste aquel Varon grande, y prodigioso,
Que en sus meritos proprios elevado
Le escusò a la fortuna este cuidado,
Porque a fuerça de prendas fue dichoso.
Pues ya despues que con heroyco aliento
Llenó del Orbe el ambito profundo,
Desemparò por corto este elemento:
Que por hallar espacio más profundo,
Es preciso que suba al firmamento,
Quien no cabe en los terminos del mundo.

*Pedro Valejo.*

## A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.

### SONETO.

SVspende el passo, Peregrino errante,
Y si buscas la senda del acierto
Mira qu'es oy esse despojo muerto,
El mismo que ayer fue laurel triunfante.
No ay en la vida tan seguro instante
Que se pueda librar de un fin incierto;
Bien se lo dize esse cadaver yerto,
Que vincula en lo mudo lo elegante.
No pues te vengas del sabroso engaño
Deste dictamen; porque en un momento
Consiste el bien, ò se eterniza el daño.
No passes a delante, mira attento
Que si te alejas oy del desengaño,
Puedes llorar mañana el escarmiento.

*Pedro Vallejo.*

# A la repentina muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.

## SONETO.

AYer pompa, oy coniza, ayer ufano!
Triunfava, de la embidia, y de la suerte,
Oy cadaver informe, Lysio advierte,
Que es polvo, es sombra, es nada, el ser humano.
Aquel de quien temblava el Castellano,
Politico, discreto, sabio, y fuerte.
Cediô a la ley de arrebatada muerte,
Y se rinde al más infimo gusano,
O mortales que hazeis? si vuestra gloria
Es ilusion fantastica, que muere
De sus mismos incendios consumida.
Gravad tan triste exemplo en la memoria,
Y el que advirtido el desengaño adquiere
Passarà da la muerte aeterna vida.

*De un amigo suyo.*

## *Al tumulo que se hizo en las Exequias del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora en el Monasterio de Peña de Francia,*

### SONETO.

ESte tumulo excelso, que blasona,
Si no de Pantheon, de Mausoleo,
Consagrado a Mavorte, es un trofeo,
Que de armas vencedoras se corona.
Este pues, aunque funebre pregona
Del Tavora glorioso el claro empleo,
Para que de su Fama ilustre Anteo,
Renasca eterno al templo de Belona.
A la immortalidad es dedicada
Esta de luto maquina elegante,
Que un Marte aclama de valor profundo:
Colgada en ella su luziente espada,
Vn Rayo aunque sin mano es fulminante,
Que dá a Lysia esplendor, y horror al mundo.

*De Christovão Alão de Moraes,*

A la

## *Habla el Dios Marte al Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

MOriste; eras mortal, aunque portento,
Vida prestada vive, el Heroe grabe;
Mas tu aliento aun no sufre que se acabe,
Pues fue estrecha tu vida a tanto aliento:
Vivo; eterno me ilustro en lo que ostento,
La muerte ignora un Dios, morir no sabe;
Pero en esta ocasion, aun no me cabe
En todo lo immortal, el sentimiento.
A morir, mi afliccion, oy me condena;
Tu valor, a vivir, oy te combida;
Y de impossibles la razon se llena:
O socorra este aprieto, esta salida!
Dame tu muerte ya pera mi pena,
Lleva mi eternidad pera tu vida.

*O Doutòr Manoel Pinheiro Arnaut.*

## *Llanto de Melpomene en la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

CAduca sombra de apagada llama,
Muerto emblema de vivo sentimiēto,
Con tragico gemido, y mudo accēto
Llora mi voz, y mi silencio aclama.
Rompa la muerte su animada trama,
Que en mi llanto serà su munumento
Si funeral estrago de su aliento,
Eterno obelisco de su fama.
Escura planta, a claro aliento piza,
Y adormecido de mortal quebranto
Cruxe'el' ardor, el animo desliza.
O buelvale a encender en vivo encanto
La vana suspencion de su ceniza
A liquidos ardores de mi llanto.

*De Ioseph da Cunha Brochado.*

## *A la intempestiva, y lamentavel muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

SI por màs duracion a tu memoria
El hilo te cortaste de tu vida,
Accion heroyca fue jamás oyda,
Ni vista en los anales de la historia.
Por hurtar a las Parcas esta gloria
Sin duda de ti fuiste el homicida,
Que no podia ser tan atrevida,
A no ser de tu mano la victoria
Moriste, y no moriste, que en la llama
De aquella aura veloz tu braço fuerte,
Como tu vida ya, tu muerte aclama.
Y ansi conoce el Orbe desta suerte,
Quando tu muerte eternizó tu fama,
Que podemos llamar vida a tu muerte.

*De Andre de Moraes Sarmento.*

## A la sepultura del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora

### SONETO.

LO que mudo contemplas caminante,
En esta losa yà cadaver frio,
Arruinado el poder, perdido el brio,
¡Muerto el valor, y obscuro lo flamante.
Tavora fue! no passes adelante,
Sin reñir de la muerte el desvario;
Pero nò; que en rigor del hado impio,
Acaba humilde todo lo arrogante.
Mirò a sus pies, quanto emprendiò; sus dias,
Aun numero no son de sus victorias:
Tronò! su diestra, en repetido duelo:
Fuego respiran sus cenizas frias:
Bien le dizen su nombre tantas glorias,
Muriò en paz, viviò en guerra, habita el Cielo.

*De Luis de Sousa Castelbranco*

## *Al sepulchro del invictissimo Marquez de Tavora.*

### SONETO.

CEnizas buelto el rayo Augusto, y fuerte;
La Parca ostenta aqui màs atrebida,
Nunca vida mejor perdiò la vida,
Nunca màs grave muerte hizo la muerte!
Nò viste suerte cruel, si fatal suerte,
Que rayo de Mavorte se appelida
Aquel, a quien tu fuerça endurecida
En polvos haze, en atomos convierte?
A quien, Muerte venciò tu alevozia?
Quien aquel que venciste consideras?
Sabes fue quien vencer solo sabia?
No lo sabes; porque si lo supieras
Rezelando tu muerte, en su ozadia,
No fueras tan andaz, tan cruel no fueras.

*Gaspar Moreno de Serpa.*

## *Epitaphio al Excellentissimo Señor Marquez muerto de repiente.*

EL Raio, que a su golpe, a su estampido,
A su nombre, temblava el mundo atento
Despojo de su ardor, su mismo aliento
Cayò, despareció, yase oprimido.
Vió caerle, mas nunca desmentido,
O su impulso, ò su luz, ó su ardimiento,
El mundo, y el que temblô su luzimiento
Quedò con la caìda estremecido.
Esta, aun en polvo, llama esclarecida,
Este aun de horror ilustre, alta vitoria,
Esta ceniza, aun tragica, luzida,
Yase, mas su sepulchro, es la memoria,
La eternidad, reliquias de su vida,
La lastima, cadaver de su gloria.

*Padre Luis do Couto Felix.*

## A la muerte del Excellentissimo Señor Luis Alverez, de Tavora Marquez de Tavora.

### SONETO.

Viste, Fabio, aquel joven, que arrogante,
Dexando la campaña en sangre tinta
Tantas vezes sobiò a la Esphera quinta,
Pera sus hechos coronar triunfante?
Viste por quien la fama resonante
Al Hado se quexò con voz destincta,
Que sus lenguas empreza eran succinta,
Pera un Heroe cantar sin semejante?
Pues aunque la Parca endurecida
El hilo le cortó tirana, y fuerte,
Nunqua su vida quedarâ vencida;
Y verâs que con mâs felice suerte
Sus hazañas le dan eterna vida
A pezar de las leys de la muerte.

*Do Padre Manoel Dias Lourenço, Capellão dos Excellentissimos Senhores Condes da Ericeira*

## *A la intempestiva muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

Tirano impulso de la parca suerte,
Rayo fue que a la cumbre más luzida
Deciò, por ver entonces abatida
Tanta de Portugal invicta suerte.
Bien es patria, que triste llegue a verte,
Pues ya ganadamente ves perdida
Aquella vida, que por darte vida
Se opuso tantas vezes a la muerte:
Pero si quieres ver este que espanto
Del siglo fue, seguramente llama
Por ojos, almas, mundo, y fin que assombre;
Ya por los ojos lo allaràs en llanto,
Ya por el mundo lo veràs en fama,
Ya por las almas lo tendràs en nombre.

*Manoel de Leaõ.*

*Al mismo*

## Al mismo assumpto,

### DECIMAS.

SOberbia tiranamente
La muerte, oh Hetor segundo!
Covarde quizo del mundo
Quitaros tan de repente:
Que viendo tan excelente
Vuestro valor no imitado,
Su funebre desagrado
Solamente por venceros
Fue menester cometeros,
Quando vós más descuidado.

Sino fue que su desvelo
Viendo lo que en vòs se encierra
Halló que màs que la tierra
Mejor os estava el Cielo:
Y mirandoos sin rezelo
De tan grandes premios digno,
Os llevó, y assi convino
A vuestro ser soberano,
Pera que no fuesse humano
Quien supo hazerse divino.

*Manoel de Leam.*



BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

## *A la repentina muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### SONETO.

ESte, que fue d'Apollo dulçe encanto,
Este, que fue de Marte activo aliento,
Ya despojo del hado màs violento
Yaze objecto d'lastima, y d'espanto.
Dizir solo el motivo puede quanto
Oprime dura pena al sufrimiento,
Porque aunque eterno, es corto el sẽtimiẽto,
Y aunque sea immortal, es breve el llanto.
Quando entregue a la imagen de la muerte
Suspende su grandeza más preclara,
La muerte a fatal golpe le sugeta;
Que mucho que el dolor sea tan fuerte!
Si es de la muerte la crueldad tan rara,
Que hasta su misma imagen no respeta.

*Dom Ioaõ de Mesquita de Mattos.*

# FVNERAL ELOGIO

## A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.

### ENDECHAS.

EN este Mausoleo
De sengaños estudio,
Pues veo sin aliento
Quien fue de España susto.

Que poco mundo occupa
El cuerpo ya defuncto
De Heroe, cuya fama
Occupa muchos mundos?

Rayo fue de la guerra,
y hazer la muerte pudo,
Que no se tema un rayo,
Que quede un rayo obscuro.

Por Marte Lusitano
Le dedicaran culto,
Si en tiempo de Gentiles
Lograra tantos triunfos.

Todo el Orbe confiessa
Que invicto el Marquez tuvo
De valor muchos siglos,
De edad en pocos lustros.

Su nombre quantas vezes
En allanar reductos
Igualó en el effecto
Petardos, y trabucos?
Los altos omenagens
Que coronaron nublos
Su valor los hazia
Sembrar por esses surcos.
Tremolò sus vanderas
El aire tan confuso,
Que las juzgô cometas
De terribles influxos.
El aire que llevava
A los contrarios suyos,
De sus caxas el ecco
Aire les fue corrupto.
En saliendo en campaña
Sobre gallardo bruto,
A Marte dava zelos
A los contrarios sustos.
Con la espada en la mano
Iamàs la muerte tuvo
Impulso de invistirle
Por miedo de su pulso.
Entrava en las batalhas
Con tan libre discurso,
Que su semblante siempre
Fue de victoria annuncio.

Annuncio fue el semblante,
Y su ardimiento sumo,
Seguro afiançava
Los tropheos futuros.
No tuvo la fortuna
Parte en progresso suyo
Todo le saliò siempre
Bien como lo dispuzo.
En marciales tereas
Tan incansable estuvo,
Que la postrer fatiga
Le halló siempre más duro.
Temido, y respetado
Su nombre en el mundo,
Desde el nevado Belga,
Hasta el Arabe adusto.
No les libró de miedo
El ver que se interpuso
Por fosso el Occeano,
La distancia por muro.
El clarin de la fama
Las naciones reduxo
A terner al Marquez
Respeto, ò miedo infuso
Su mucha valentia
Hiso valientes muchos,
Que à fuerça del exemplo
Fue su valor fecundo.

Assi premiô virtudes,
Assi castigò insultos,
Que hizo su disciplina
Modestos si no justos.
Hallandose en Palacio
Le hallava contra el uzo
La verdad eloquente,
Y la lisonja mudo.
Las artes de Palacio
No ignovò, pero supo
Despreciałas, serviendo
Sin arteficio alguno.
Del Lisboa el Senado,
Que nuevo se compuzo
De sublimes Heroes,
De prudentes discursos.
Por quien se viò que Roma
Senadores algunos
Iuzgó [scientes,] que nunca
Dexaron de ser Brutos.
Le viò siempre incansable,
Y tan siempre incorrupto,
Que nunca le cegaron
Diamantes, ni carbunclos
Este pues de mil prendas
Animado resumo,
Con lastima de todos
Yaze en este sepulchro.

Tan

Tan ſentida ſu muerte
Ha ſido, que preſumo,
Que haſta la miſma imbidia
Por èl arraſtra luto.
Viviò pera ſu Patria,
Y tanto que ella obtuvo
Segura paz, murióſe,
Por no vivir ſin fructo.
Si la perdida es tanta
No admires, Fabio, mucho
Ver las lagrimas nobles
Juntas con las del vulgo.
No digo ya de amante,
De intereſſado juzgo,
Que tarde tendrâ el Reyno
Los parpados enxutos.

*Salvador Taborda Portugal.*

## *A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

### CANCION.

MVriste en plumas, renaciste en rayos,
Feniz Augusto, a quien del Orbe pocas
Vrnas los rios son, los montes pyras.
Del Sol alientos, de tu luz desmaios,
Nubes de estrellas, y de nubes rocas
Con alas de oro coronando gyras;
Y tus luzientes plumas
Ciñiendo al mar escollos de Zafiros,
Que al vago afan de sus volantes gyros
Son rocas de cristal, nidos de espumas,
Presas las alas entre laços de yelo,
Nubes de plata en crystalino cielo
Fur estas baten, que en doliente espanto
Del mar las ondas, ondas son de llanto.
Naciendo rayo, exalacion muriste;
Siendo la misma estrella en tu fortuna
El cometa maior pera tu vida.
Como en su rueda tan veloz corriste,
Æl orbe quizo que menguasse luna,
Incierta siempre quando màs crecida;
Planeta ya brillante

En

En pompa altivo, en luzimiento usano
Hazer quisiste, todo soberano,
La esfera fixa, el firmamiento errante,
Y trocando el horror que al mũdo assombra,
Llama en ceniza, y esplendor en sombra,
En tanta triste noche sin tenieblas,
Del fuego humos, y del llanto nieblas.
No solo Marte, Jupiter potente,
Trueno tu fama, y rayo tu espada,
Montes de Hespaña fulminò gigantes;
Ciñida cumbre de laurel tu frente,
De la Fortuna estrella coronada,
Desdeña Olimpos, humillando Atlantes;
A tu luz Phaetontes,
Tantos murieron belicos Titanes,
Que oy innunda el sudor de tus afanes,
De palmas campos, de laureles montes:
En quantos tuvo levantados riscos,
Agujas Marte, Palas obeliscos,
Fabrica aora en miserable suerte,
Pyras la Parca, tumulos la muerte.
Llorando sangre, lagrimas sudando,
Limpia Hespaña mirando su ruina,
Su propria sangre con su proprio llanto.
Y Lysia tus laureles coronando
De tu Fama la estatua peregrina,
Assombro a Rhodas, a Egypto espanto,
Y quanto ya calientes

De undosa grana desatò raudales
Purpureo el Guadiana en sus crystales,
Del Tajo vencen tumidas corrientes,
Que a dolor tanto liquidos despejos,
El alma tributando por los ojos,
Dilatadas en lugubres arenas
Ondas de llanto, mares son de penas.
En tus ondas ò Tavora sublime,
Si la fortuna fue dulce sirena
La Remora serà siempre la fama,
En roncas quexas tu murmureo exprime
Con lenguas de cristal labio de arena
A la tragedia, que a la Parca infama.
Si corren murmurando
Por esse marmol tus vios los zafiros,
Ondas de llanto, vientos de suspiros
En tanto escolho gemirán quebrando;
Y en mares transformando tus corrientes
De penas Rios, de pezares fuentes,
En el golfo serán de tus pezares
Las fuentes Rios, y los Rios Mares,
Las vozes threnos, las aromas culto
Esse marmol fatal urna no poca
Tu cuerpo opprime, tus cenizas sella.
Imagen de la muerte ya tu vulto
De Marte el voto la Deidad invoca
Llorando polvo su defunta estrella.
Y quantas ya las vozes

Tristes

Tristes el ecco repetió doliente,
El alma muda en locucion corriente
De plata quexas informò velozes:
Siendo la admiracion de su espanto
De fuego innundacion, volcan de llanto,
Que el alma triste, si alternó diluvios
Suspirò Alpes, y llorò Vizubios.
Mas ya suspende el buelo
Que en tristes ansias, ò cancion doliente
Grillos mi llanto te darà de yelo:
Antes pueda mi suspiro ardiente
Ya de tus alas liquidando plumas,
Vestir con ellas de tu llanto espumas.

*Mendo Foyo.*

## *En la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

## *Del Conde D. Fernando de Menezes.*

### ELEGIA.

SI es rethorico el llanto, la eloquencia
En affectos del alma articulada,
No dexa la verdad en contingencia.
En lagrimas del pecho desatada,
Salga mi voz, que lamentable estilo
Harà solo mi penna acreditada.
Y si procura un animo tranquilo
El que desea acreditar su canto,
Nosslo permite el llanto que destilo;
Pero si é de llorar, sepase, en quanto
Turbada la razon falta el concepto,
La justa causa que empeña al llanto:
Rompiendo pues el intimo secreto
Con que el dolor reuza a la memoria
Representar el lamentable objecto.
En elegia triste aquella Historia
Tragica cantarê, que solo pudo
Embaraçar la Lusitania gloria,

Lysia

Lysio que de la Patria firme escudo
Hizo temblar, armado en la campaña
El Leon Hespañol antes sañudo:
Rendido a un accidente desengaña
Que la pompa mortal es fingimiento
Que con falsa apparencia el mundo engaña;
Que la muerte es tyrana, y con violento
Furor confunde Ceptros, y Tyaras,
Y es fragil de la vida el fundamento
A quantos falsos Idolos diò Aras.
La lisonja? y se verá en un instante,
Los tumulos ò muerte le prepâras!
Este Joven lo diga que arrogante,
En la edad màs robusta despreciava,
Amenaças de effeto semejante;
Si el riesgo quando más amenaçava,
Venciò Marcial, pacifico no duda
Que ha de vencer peligro que ignorava,
Pero en triste Catastrophe se muda,
Sena festiva, y la inconstante suerte,
Nadie permite que al remedio acuda:
Quando más parecia firme, y fuerte,
Y disignios más arduos prevenia,
Le eu bestiò el Hado, y le llevò la muerte,
Maquinas que formò la fantasia,
Delyrios vanos de un a excelsa Idea,
Nacen, y mueren en el proprio dia:
La Fortuna que en juegos se recrea

Ostenta su poder en las mudanças,
Y màs aplauso en variar grangea,
Y ay quien fie en humanas esperanças?
No conosca del mundo el ciego engaño,
Que arma con las lisonjas asechancas?
Muestra el aplauso, y dissimula el daño,
Como Haspid lisongero entre las flores,
Que oculta un riesgo en la aparencia estraño:
Pero quando se toca los rigores;
Descubre de aquel tosigo que oprime,
Por librar la innocencia de temores:
Mas qnando herido el miseravel gime,
Y el coraçon entre las ansias lucha,
Se burla, y del dolor no le redime,
Crocodilo infiel que atento escucha
Las quexas, y con lagrimas alterna,
Para mostrar que su piedad es mucha,
Mas el que por las vozes se governa,
Llega, y siente el castigo su ignorancia,
Porque descubre la malicia interna:
Assi aquel que se fia a la jactancia,
Del idolo infiel de la fortuna,
Desengañado pierde la arrogancia,
Con inutiles ruegos importuna,
La que es sorda al dolor, muda a la quexa,
Màs varia que la Esphera de la Luna.
Mas mi dolor articular nò dexa,
Moralidad que julga diferente,

Del triste assumpto, y de llorar le alexa.
Lloremos pues el Joven floreciente,
Que ayer pompa, oy ceniza sirve aora
De eternizar del llanto la corriente,
Que mucho? si sus parpados la aurora,
Nos descubre con llanto nunca enxúto,
Y el rocio son lagrimas que llora,
Ninguno intenta con ingenio astuto,
Dissimular la causa al sentimiento,
Si no ofrecer más prodigo tributo,
El Tavora depuesto su ornamento,
De arboles, y de flores solicita,
Correr en llanto al liquido elemento,
Toda la pompa del verdor marchita,
Las corrientes en lágrimas desata,
Todas sus Nimphas con el llanto incita,
La más hermosa a su dolor no ingrata,
Con lagrimas aumenta sus corrientes,
En liquido cristal, liquida plata.
Con hymnos, & Elegias diferentes,
Celebrando de Lycio la memoria,
Hazen sus ojos cristalinas fuentes,
Renueva cada qual alguna historia,
Repetiendo las celebres acciones
De Lycio, que viviò para la gloria,
Qual lo iguala a los inclitos varones,
Que del Tavora undoso en la Ribera,
Fueron terror de barbaras Naciones,

A Rosendo, y Tedon que espera
De Moros un exercito robusto,
Y èl solo entre las ondas no se altera,
Y aunque pudiera amedrentar el susto,
Quantos dize en hyperboles la fama,
Todo venciò un coraçon Augusto.
Otra publica que la fertil rama,
Que del antigo tronco se deriva,
Su gloria con màs titulos derrama,
Pues no solo le illustra successiva,
La gloria que adquirió, mas toda España,
Theatro fue de su virtud activa,
Si le vieron triunfante en la campaña,
Con el Tavora, el Minio, el Duero, el Tajo,
No uvo region a su valor estraña,
Despreciando los riesgos, el trabajo
Sustentava tan firme, y tan constante,
Que hazia à los peligros agazajo:
Qual si fuera de bronze, ó de diamante,
Las injurias del tiempo despreciava,
Al regalo, y delicias repugnante,
Quando rayos el cielo fulminava,
En Badajoz contra los siciadores,
Solo Lycio un Exercito animava.
En Yelbes los peligros, y temores,
Descubrieron de Lycio en la constancia,
Affectos a los riesgos superiores,
Quando de Caracena la arrogancia

Se ostentava, mayor Lycio se opuso,
Y triumphó de toda su jactancia,
Si prudente el exercito dispuso,
Si acometiô con animo resuelto,
Se huyò vencido, y retirò confuso,
Que Lycio en polvo, en sangre, en furia embuelto,
Como rayo Marcial en el conflito,
No hallò esquadron de su valor absuelto,
Y como si el parar fuera delito,
Al Lusitano sol de la Milicia,
Bolava de un destrito a otro destrito,
Armado en las campañas de Galicia
Era terror vniversal de aquella
Provincia, y de tanta gloria su codicia,
Que el generoso espirito atropella
Qualquier affecto ambicioso, quando
No es de noble virtud viva sentella;
Pero luego otra Nimpha suspirando
Le dise, dexad vanas fanthasias,
Euterpe con Caliope mesclando
Ya passaron aplausos, y alegrias,
Y es tiempo de llorar perdida tanta
Sin distinguir las noches de los dias.)
Pues el dolor se añuda a la garganta,
Y haze retroceder qualquier conceto,
Que de un animo aflito se levanta,
Y si hemos de llorar, sea el effeto
Que hizo en el coraçon de su consorte

El triste fin del venerado objecto,
Y aun que inhumana Laquisis no corte
El hilo de su vida juntamente,
Es porque en su dolor no se reporte.
Vive sin alma, y tierna amante siente
Que le lleve la Parca en un instante
El que à de amar fiel eternamente;
Y quanto es màs en el amar constante,
Tanto es maior, y sin remedio el daño
Que haze el dolor a un coraçon amante.
Qualquier alivio le parece estraño;
Y como en ningun tiempo se devierte,
Vive muriendo, y le parece engaño,
Que tiene vida en su dolor advierte,
Mas como falta el alma que la anima
Presume que sensible está la muerte:
Quanto la Idea forma le lastima,
Y como no ay remedio ni esperança,
Solo el dolor que la alimenta estima;
Porque sin el pudiera haver mudança
Perdiera con la vida el sentimiento,
Y hallara en la tormenta esta bonança.
Mas el dolor pera lograr su intento
La vida indivisible le reparte,
Muere el alivio, y vive a su tormento.
Si la muerte llevó la mejor parte
El alma solo al sentimiento vive,
Y para sentir màs, muere, y no parte,

Y para

Y para que una pena ſederive
De otra, como de cauſa originaria,
De cada prenda ſuya otra recibe
Los hijos que la madre ſulitaria:
Deſtituida ven del patrio abrigo,
Hallan en todo a ſu opinion contraria,
Quierenla conſolar, mas ſi un teſtigo
Le ofrece cada qual, y un fiel retrato
De aquel que ſe llevó Hado inimigo,
Es el conſuelo a ſu dolor ingrato,
Y las fieles imagines incitan
La memoria del funebre aparato,
Quanto más la conſuelan, mâs la irritan,
Que hazen liſonja a ſu dolor activo
Los que ſolo ſu llanto ſolicitan.
Los amigos, y deudos inſentivo
Son del dolor, y cada qual procura
Manifeſtar ſu ſentimiento vivo,
Mas entre eſtos affectos la eſpeſſura
Eſtremeciô, y antes ſerenò el Cielo,
Cubrió de horror ſu luz, y ſu hermoſura:
Affuſtanſe las Nimphas, y el recelo
Embargando la voz, y las acciones
Solo dexó un timido deſvelo;
Pero deſpues de tantas confuſiones
Saliendo el Sol con mal diſtincta lumbre
Deſcubrió las diafanas regiones.
El Rio que con quieta mancedumbre

Discorria entre margenes amenas
Se oprime con su propria pesadumbre,
Estremeciò en su centro, y las arenas
Descubrió en claros muros condençado,
Que servian a los arboles de almenas,
Y un viejo de agoas verdes coronado,
Con el cabello, y barba tan prolixa,
Que le hazian de aspeto venerado:
Dize con ronca voz que no se aflija
Ninguna Nimpha, y el tierno llanto enxuto
Aplausos por las lagrimas elija,
Si la muerte de Lycio el triste luto
Ocasiona, las glorias que assegura,
Le izentan de aquel tragico tributo
Ya colocado en la region màs pura
Con los Heroes que aplaudió la Fama,
No recela mudança en la ventura.
Ya logra los Elisios, ya le aclama
Essa Diosa fingida, y verdadera,
Y otros varones con su exemplo inflama,
Muestra como la gloria no se altera,
Que tuvo en las virtudes su exercicio,
Y una vida immortal a Lycio espera,
Porque Marte benevolo, y propicio
Al capitan que en la marcial Palestra
Diò de valor indubitable indicio,
En diafanas laminas nos muestra
Lycio, que coronado de laureles

Co-

Coge los frutos que adquiriò su diestra;
Y en caracteres claros, y fieles
Dexa a la eternidad su nombre escrito,
Que le sirven de historias, y pinceles.
Assi Nimphas hermosas es delito
Desperdiciar por Lycio el llanto tierno
Si passa lo caduco a lo infinito.
Yo el Tavora soy, que con interno
Dolor llorê de Lycio el caso duro,
Presumiendo seria el llanto eterno;
Pero dentro en mi gruta mal seguro
Vacilava en la lastima el deseo,
Previniendo el remedio en lo futuro;
Quando un Marino Dios cercano veo,
Que por las diferencias de su bulto
Conocì que era el celebre Protheo,
El qual me dize, que no jusgue insulto
De la Parca el successo repentino,
Pues no ay effeto a su sciencia occulto,
Que benevolo el Hado assi previno
Del tiempo las inciertas variedades,
Que leia en las ojas del destino,
Que la fortuna atenta a novedades
Derriba de la cumbre de su rueda,
Hasta las màs soberbias Magestades.
Assi antes que a Lycio le succeda
Algun nuevo accidente le arrebata,
Y su opinion acreditada queda,

Pues a vezes la vida ſe dilata
Pera perder la gloria, y ſea exemplo
Pompeyo, y Anibal de ſuerte ingrata.
Si en la imaginacion Lycio contemplo
Muerto, para la gloria ſiempre vivo
Tiene lugar en el etherio Templo.
Modere pues aquel dolor activo.
Yen applauſo convierta el ſentimiento
Que de una falſa opinion derivo.
Dixo, y con tan ligero movimiento
Se apartò, que la viſta a penas pudo
Seguir ſu forma en la region del viento.
Yo que me hallo algun eſpacio mudo,
Sacudido el horror de vueſtro llanto,
Compadecido a ſu remedio acudo.
Las Nimphas el dolor buelto en eſpanto
Arrojan el ſipres que ornò ſus frentes
En hymnos convertiendo el triſte canto.
El Tavora ſe encubre en ſus corrientes,
Y ellas cantando a Lycio mil loores
Se buelven a los boſques, y a las fuentes
A mitigar el llanto a los Paſtores.

# *A la muerte del Excellentissimo Señor Marquez de Tavora.*

## EPITAFIO.

EN esta Pyra fatal
Yase un varon eminente,
Tan robusto, y tan valiente,
Que no pareció mortal:
Murió, porque desigual
La Parca fundó su acierto
En hallarle medio muerto,
Y ansi con doble partido
Quiso matarle dormido,
Porque lo temiò despierto.

*Pedro Valejo.*

## A la muerte del Excellentissimo Señor Luis Alverez de Tavora. Marquez de Tavora.

### EPITAPHIO.

EL Heroe más excellente
Yaze en este breve espacio,
Tan entendido en Palacio,
Como en la guerra valiente,
Esta ceniza eloquente,
Mortal, es deseng.ño;
Pues si de la muerte el daño
No perdona al sabio, y fuerte,
Que esperas viendo en la muerte
El estrago de tu engaño

*Del Conde de la Eryceira.*

Excellentissimi D.
LUDOVICI ALVEREZ DE TAVORA, PRIMO
Sancti Joannis Comitis,
Dein Tavoræ Marquionis.
Elogium sepulchrale, quod ejus
Manibus
D. FERDINANDUS MENESIUS
Comes Eryceriensis.
Amoris ergo
D. D. C.
Si pergis, Viator, ne transeas:
Lege, & luge;
Nec dubito quin lugeas, si hæc legeris.
Sin minus,
Lapidem duritie superasti.
Quis siccis oculis Ludovici cineres contemplabitur?
Aut Viri manibus, non saltem lachrymis parentabit?
Amisit quippe Lusitania
Heroum Epithomen, virtutum compendium.
Nam
Quidquid per alios sors divisit,
In eo, velut æmulatione conjunxit.
Si genus quæris?
Ab Thedone, Rozendoque Regis Ramiri nepotibus,
Per septem sæcula deductum;
Qui Tavoræ ad ripas
Nomen, ac gloriam posteris tradidere.
At Ludovicus,

Fumo-

Fumosas maiorum imagines
Virtutum lumine reddidit clariores:
Ita nobilitatem à maioribus accepit,
Vt & Posteris daret,
Et proprijs, & alienis virtutibus illustratus
Didicit literas vir militaris,
Vt cum Pallade Minervam conjungeret,
Cosmographiã calluit, ut Provintias agnosceret,
Quas antea peragraverat Fama sui;
Latinam, Galliam, Italicam, Hispanicam
Tenuit linguas:
Vt omnium loqueretur ore;
Qui per omnium ora immensis laudibus ferebatur.
Totum se pro Rege, ac Patria Marti addixit.
Ad quem
Genio, & ingenio ab ipsis cunabulis ducebatur.
Vbi tyrocinia posuit, visus est eritus:
Quid mirum?
Omnia meritis, atque virtutibus tribuebat.
In Transtagana Provintia Tribunatum adeptus,
Ita se gessit, in Mauronij expugnatione,
Vt cum ille gloriam referret ad Duces
Ad illum laudes milites referebant.
In pacis Augustæ obsidione tam constans fuit,
Vt vertice saucius suo se sanguine coronaverit.
Elviam obsessam sustinuit:
Nec morbus obfuit, quominûs ab incæpto desisteret,
Obiret munia, subiret pericula

Insig-

Insignis victoriæ particeps foret,
Vtpote qui
Viribus fractus, solo spiritu regeretur.
Transmontanam Provintiam regendam suscepit:
Crederes
A Patrio Tavora, fulmen à flumine erupisse.
Verè fulmen,
Spernit cedentia, dissipat reluctantia.
Quos in bello minitantes oppresserat
Eos domitos beneficijs cumulabat.
Auxit copias, non stipendia; nam
Ludovicus pro suplemento erat;
Gloriæ cupidus, pecuniæ prodigus,
Quam velut contemneret, profundebat.
Sic alios virtutis exemplo, alios munerum dulcedine
Incitabat ad gloriam.
Vir verè magnus, in quo nihil reprehendotes,
Præter virtutem.
Nec una contentus Provintiá, Iteramnensem
Magister equitum protegebat
Ferocientem cum exercitu Pantogiam,
Non repressit solum, sed oppressit;
Et superato Minio, non bellum repulit, sed intulit
Infra gloriam suã ratus, si una Provintia clauderetur.
Sæpe electis copijs ad Transtaganam volitabat
Vbi bellum, ubi periculum,
Ibi Provintia Ludovici.
Properabat in hostem, tanquam fugeret,

Quo-

Quomodo fugeret? Qui fugientibus semper instabat,
Et solo aspectu ferocissimos hostium deterrebat
Tam strenuè se gerebat in prælijs, ut milites sæpe vidit
De periculo Ducis solicitos,
Nunquàm verò de fortitudine dubitantes,
Nam sic erat, ut Cæsar, præceps in omnia, ut
Ni legisse crederet, si quid agendum reliquisset
Heu!
Ducem lugemus Viriato similimum
Nam ut ille, Lusitaniæ colles
Romanorum decoravit Trophæis,
Ita Ludovicus
Montes, Valles, Vrbes, Provintias
Castellanorum,
Manubijs, Armis, Spolijs, atq; insignibus illustravit.
Vterque bello invicti, quot prælia, tot triumphi.
Mors utrumq; dormientem rapuit, timuit vigilātem,
Prudens verita
Nequi alios vigilantiâ superaverat
Superaret, & mortem;
A morte victus, sed proditoriè:
Proditione opus, ubi vis aperta
Periculosa est.
Fgit animam in quiete,
Qui vitam egerat in laboribus:
Desijt vivere, ubi desijt agere;
Ita erat ad agendum paratus,
Vt exactione, ejus vita constaret.

Igneum

Igneum ingenium,
Vt ignis, materia, motu, et actionibus alebatur.
Nec quanvis bellum
Pace compositum, ab agendo cessavit.
Eandem in pace, quam in bello,
Celeritatem, ac vigilantiam præ se ferens
Ingenium Ludovici:
Ad omnia versalite, præter ad malum
Iniqua dedidicerat, qui solum honesta cupiebat.
A Serenissimo Principe D. Petro
In intima consilia, & cubicularium accitus,
Id præbuit virtutis specimen, ut non minus
Pacis artibus, quàm belli præstare alijs videretur.
Litabat Famæ,
Sui oblitus, honorum contemptor
Adulationum impatiens, justitiæ defensor;
Blanditias, & assentationes, quas
Alij sæculum, ille dedecora vocitabat,
Puras ad Principis aures, opiniones suas referebat,
Quia virtutem colere, Patriam diligere,
Bonis opitulari, ab ipsa natura didicisset
Quid te moror Viator,
Flet Lusitania
Ducem strenuissimum, Consiliarium integerrimum
Ministrum purissimum,
Quid plura?
Regni delicium, Patriæ ocellum,
vium propugnaculum, militum gloriam

Virtutum omnium decus, & ornamentum.
Sed quanvis
MorsFato propera, Iuvenem rapuit,
Si virtutibus, actionibus, Triumphis
Ætas meritur,
Tam longa fuit, quod Ludovicum
Tradidit Famæ, transtulit gloriæ,
Æternitati consecravit.
Sed perpendite Mortales
Et vitam, & mortem Ludovici,
Invenietis
Et laudis, & formidinis documenta

EJUSDEM EPITAPHIUM

Siste, Viator, habes Ludovicum marmore tectum
Sed tegitur nullo gloria magna loco.
Conditur, heu, tumulo corpus, sed fama superstes,
Magnanimi memorat fortia facta Ducis.
Pro Patriá pugnans bello superavit Ibèros,
Quem Mars ipse timet Mors inimica premit.
Si moritur corpus, pro vitá est gloria; quare
Vita caduca fugit, non moritura manet.

*Excel-*

## *Excellentissimo Domino D. Ludovico Alverez de Tavora, Tavoræ Marchioni.*

### EPITAPHIVM.

Sta viator ubi jacet victor:
Si diem,
Sub quem extremum Tavora clausit,
Nescires esse Judicij, Judicij crederes:
Orbis namque
In urbe obscuratus est Sol;
Sol, inquam, omniũ, qui suis omnia radijs collustrabat;
Quo crescente, crescebant pariter omniũ incremẽta:
Sola, ut cresceret, carebat sui memoria;
Quo decrescẽte, solũ crescit, ut pũgat, illius recorda-
Nec mirum, (tio.
Quod sub diem Judicij ad Iudicium evocaretur,
Qui vacare Iustitiæ in diem consuevit:
Cui præstaret millies mori,
Quam Judicium, aut justitiam, vel levissime offendere.
Publico tum temporis abstinebat
Tam solitudinis studiosus, quam dignus theatro.
Et
Mortem cum vita in Campo commutavit:
Vt, vel in Campo mors intrepidum inveniret;

Vel, ut in campum cum morte descenderet,
Vel, ut solus, nobis absentibus, discederet:
Omnium nostrum vitam,
Sibi unitam ratus,
Superstitem (ni fallor) intendebat;
At, licet unus excesserit, cælum tamen implevisse crediderim:
Quandoquidem secum omnium animos convehebat.
Mors
Illum oculis notavit ad cædem,
Cum ipsius oculi laberentur in somnum;
Quid?
Diriguitne metu
Dum talem Ducem oppressit incautum?
Suspicabatur plane
Se omnes vincentem ab uno vinci,
Qui semper victor;
Victore cum Duce militiam extimuit,
Ideo talem in cædendo malitiam cogitavit.
Imminuit illi mors, dum nox immineret:
Vt
Aut nox ipsa victricem insidiose mortem velaret,
Aut ipsa dies Tavoram indigne victum non ostẽderet.
Modestus vixit, modestus obijt;
At ultra
Mirare modestiam funeris?
Inquo
Nec publicas quidem Cælifaces admissit.
Victus jacet

Qui

Qui intus eruditus, foris armatus,
Ipsam Palladem æquavit,
Et vicit.
Mortalem esse vix putaverim, nisi morientẽ viderim.
Et si etènim sanguis,
Qui ebulliebat in venis,
Multiplici in bello prodiret, è vulnere,
Id tamen in causa fuit,
Vt sanguinis splendor cerneretur.
Vbicunque Ducem egit,
Milites sibi subditos ita charius dilexit
Vt se ipsum nemo magis;
At in solita frontis serenitate sua retinuit fulmina,
Citra nubes:
Et melleis apibus suus in est aculeus,
Nam & quandoquidem pungere
Amare est.
Votum erat omnium, ut tantus vir diu viveret,
Virtus, & amor ut diu viverent:
Sed
Cælum nobis invidit,
Cum in lachrymis omnium,
Omnium Risus abstulit.
Ipsius amorem erga Virginem sanctissimam,
Non interrupit mors, sed extendit;
Siquidem,
Ad Virginis ostium jacet sepultus
Ostiarium agens,

Vt cuivivus inservirct ex pectore
Mortuus excubaret in porta.
Hæc sunt, Viator. Gaudia luctus exigua ingentis,
Flentibus sed debita.
Et
Si quæras, cur, Pace confecta,
Pacatis itidem Portugaliæ rebus,
Emoriatur Ludovicus?
Referam;
Merito: quod, qui mori non valuit in bello
Requiescat in pace.

*Excellen-*

## *Excellentissimi Marchionis Tumulum inscribitur.*

EPITAPHIVM.

Quem tumulum cernis
Viator,
E Lusitania Cælo repente delapsum
Primæ magnitudinis astrum tumulat,
Quod ne supremo dici
Signum deesset,
Judicij cecidit ante diem
Nomen si quæris
Numen extitit Martium
Lusitaniæ Ludovicus,
Qui cum in bello Martis
In pace Mortis
Præbet speciem.
Et qui egregijs factis
Nulli unquam cessit
Suo tandem facto
Concessit
Innumeris belli fractus laboribus
In pace requievit.
Nocte intempesta
Intempestive
Diem clausit suum.
Ne pervigil de more illuderet Lybitinæ
Ludovicus;

Illa Morphei auxilio aggressa dormientem,
Detoro
Transtulit in pherettum.
Sic lecto acumben
Lethi succubuit totis:
Quæ repentina licet fuerint
Non improvisa.
Consilia hostium nemo exploravit
Solertius,
Nemo felicius impedivit,
Castrorum antea Præfectus
Catastrophen ultimam
Vitaret,
Si Parca alicui parceret,
Si magis Iro quam Cræsso,
Curio quam Augustis
Si præstaret inimicam.
Superba exosus Mausolæa,
Humi jacere dum voluit,
Altius spirans
Erexit ære perennius monumentum.
Non ingratos cineres
Ne rore tantũmodo levi spargas
Viator:
Belli Fulmen
Lethali sopitum somno
Clementiæ prototypon
Largo flumine debet irrigari.

*Gundiçalus Nunes Barreto,*

*Excellentissimi simul, ac desideratissimi Marchionis Ludovici Alverez de Tavora.*

EPITAPHIVM

Hoc abscondita tandem Mausoleo,
Non extincta, sed sub cineribus sopita,
Relucet adhuc
Fulgentissima Lusitaniæ Lux,
Ludovicus:
Qui Patriam morum, armorumque fulgoribus,
Dum clarius lucebant lumina,
Illustravit.
Felix Lusitania,
Quæ hujus lucis claritudine
Illustrata,
Cum Ferrea obscuriûs urgerent lustra,
Nec ferrum timuit, nec obscuritatem,
Dum Martis ludit vices
Ludovicus.
Sic semper in Martiali Ludo vicit,
Ac si vincere sibi esset ludus:
Nec mors illuderet sic in Marte ludentem,
Nisi insidiosa invaderet dormientem.
Adeò intensus in illo fuit amor belli,
Vt hostibus Ferreo illo sæculo debellatis,
Et in amorem pacis redactis,
Pacis impatiens,
Ne inglorius deinceps viveret sine hostibus,

Ingen-

Ingentem virtum exercitum
Togatæ Reipublicæ secum duxerit in vitia;
In quibus expugnandis
Habuistis Ducem
Memorem vestri, oblitum sui,
O Lusitani:
Ita singulorum consuluit utilitati
Ac qui non esset genitus suæ;
Sibi semper præsens, nec ulli unquam deficiens,
Vitia extinxit vigilantiá,
Virtutes roboravit exemplo:
Et cum nullos jam haberet hostes, quos vinceret,
In pace requievit;
Cum é quiete resurgeret dies,
Non Saturno Deorum Parenti,
Sed Deiparæ Sanctissimæ
Dicatus:
Ita qui dies omnes
Mariæ cultui tribuerat,
Non nisi in die Mariæ sacro
Potuit obdormire.
Exurget tamen iterum pugnaturus,
Si amorum strepitus in Patriam
E somno excitaverit dormientem
Interim Lusitani,
Date lacrymas quiescenti
Qui toties Patriæ dedit gaudia
Triumphanti.

*Alphonsus Ludovicus.*

## TAVORÆ
## Piscatores Excellentissimi Marchionis Sui Mortem deplorant

## THEDON. LYCIDAS.

QVá Tavora antiquus spirantia molliter amnis
Arva rigat, notoque oriens de fonte perennat;
Forte suas Thedon piscosa ad littora nassas
Texebat, Lycidasque incassum retia: quando
Vix primum tetigere vadum, stupefactus uterque
Prosiliunt, nova res animos, & pectora turbat.
Monstriferos agit unda sinus, subitoq; fragore
Expatiata ruunt per apertos flumina campos.
Vixq; fuga quæsita salus, trahit humida lina
Tempestas, nassasq; & vimineos labyrintos:
Tum prior heu clamat saxi de vertice Thedon:
*Th.* Heu Lycida, Lycida mecũ defuncte periclo?
Nescia mens hominum quantum fatalibus horis
Subjacet? ah quantum mens est incauta futuri?
Nos pisces captare cibis speravimus amne,
Et prope nostra avidos aluerunt corpora pisces.
*Lyc.* Quã bene dũ tenui moderabar arundine linum,
Et male vertebam ripas, meus ille Menalcas
Admonuit, puer ah nimium ne credito ripæ,
Humidus ipse aries etiam nunc vellem siccat.

Quis

*Th.* Quis placidi Tavoræ se se non crederet undis?
Dissimilis nusquam fonti; nusquam arva secabat
Turbidus, intumuit nusquam; Chrystallina semper
Lympha oculis picta referebat imagine silvas.
*Lyc.* Miratur nemus insuetum, mirantur, & æstum
S. Pedro das Aguias. Sublimes Aquilæ Quæ causa indigna serenos
Turbavit latices! unde hæc tam sæva repente
Tempestas? iterum ne vias patefecit aquarum
Neptunus? pelagonè iterum tumulabitur orbis?
Delphini Tavorarũ stẽmatis lemma. *Th.* Nescio quid certe est; nullis qui cesserat ante
Fluctibus, atque vagus tumidis regnabat in undis
Nunc jacet extinctus saxoso in littore Delphin.
Delph. Tavoris est gentilitiæ laudi stemma. *Lyc.* Scilicet id cecinit ferali carmine bubo,
Atque sinistra cava perdixit ab ilice cornix.
Qui Tavoris nomen primus dedit, ille fluenta
Exuperans victos Arabes sub Tartara misit:
Ergo Delphinum pro claro stemmate Princeps
Asseruit, quem nulla valet superare procella,
Stemmaque nunc parili servant virtute minores.
*Th.* Me miserum! insignem Tavoram si fata tulerunt,
Grande decus Lysiæ, atque adversum Fulmen Iberis;
Seu Transmontanos ageret Præfectus in hostem,
Seu regeret fortes populos Durijque Tagique;
Quid moror invisam quam primum abrumpere lucẽ.
*Lyc.* Ne dubites; nam vera mali prænuncia luctus
Advolat; *Th.* Eheu Nestoreos qui viveret annos
Dignus erat? tecum perijt Ludovice Tribunal
Justitiæ, atque fides tecum inviolata sepulta est.

Gra-

Gratus amor patriæ, pietas constantia, prudens
Consiliumque jacent. Nunquam te ignobile vulgus
Horruit elatum, nunquam te pauper avarum.
Expertus; sed longa manus ditavit egenos.
Auri nulla sitis, regnandi dina cupido
Nulla, sed omne tibi pretium fuit ardua virtus.
Geryones quondam, pavidosque fugare Leones
Innocuus tibi ludus erat Ludoice, sed ôtu
Improba mors, semperque altis nimium invida rebus?
Turbine correptus perijt Delphinus; ubi sum?
Non perijt nam parte sui meliore superstes
Vivit adhuc vivum tenet illum Galica Rupes
Hospitium vitæ, cui præsidet ipsa Tonantis
Virgo Parens, Lysiæ statio bene fida carinis.

*Georgius da Silveira Peixoto.*

*Post*

## *Post obitum Consulis munus obit Excellentissimus Dominus Marchio de Tavora.*

### EPIGRAMMA.

LVsiadum Hispani quaterent dum Mænia bello,
Tractavit durum Tavora Martis opus.
Non prius arma manu posuit, quam bella quierunt,
Et firmæ petijt fœdera pacis Iber.
At postquam diri cessarunt prælia Martis
Qui ductor campo, Consul in urbe fuit,
Hic populi in melius mores mutavit & urbem,
Huic splendor tanto Consule maior erat.
Non tulit ille solum, aut populi sordescere mores,
Sic pace, ut bello pro fuit ille suis.
Viderat at passim veteres inolescere sordes,]
E quam fœdari maluit ille mori.

*Lusi-*

## *Lusitaniæ questus tanti Herois immaturi obitus ergo.*

O Fatum indignum? nulla discrimine regum,
Pastorumque Domos æquas? in glorius albam
Qui parmam dextræ aptavit, cui nulla nitorem
Fata dedere, esto pereat sine nomine fulmen
Mavortis simili claudendum est funere? Phæbi
Non te forma movet? non illa modestia vultus,
Sydereo sat digna polo, non digna sepulchro?
Dextera non ingens Martis, quam fulgida telis
Assiduos inter spectarunt castra triumphos?
Non oculi, invidia astrorum, duo lumina regni
Magna mei? haud humeri superũque is posset Olympus
Fulciri, pariterque orbis? Cur maximus Atlas
Occubat, atque gemit tanto sub pondere lethi?
Vivere dignus erat si Machio Nestoris annos,
Cur patitur leges tam diras sortis iniquæ?
Quam brevis heu? hun vita fuit? brevitate placere
Non didicit; patriæ columen cur Parca tulisti
Invida? Nec caperes captum nisi membra tenerent
Somnia; at hunc florem, quo florent nomina regum,
Atque inscripta nitent, iterum cur Parca tulisti?
Ferrea verum inter parcarum fila precamur
Nunc, Aluise, tuis melioribus utere fatis;
Plutonis nec juratime, nam sidera Cœli;
Fulgentisque Domus tibi jam debentur; amænos

Dant

Dant tibi facta locos, Superumque in sede locabunt,
Mortuus ut vivas, clamant, Aluise sepulchra.
Proh dolor! in tumulo cures sine lumine Phæbus?
Tum sine vi Mavors, parvo sub pondere magnus
Regni Atlas, tanti quondam si nominis umbra
Innumeras acies, ipsumque exterruit orbem.
Flos Lysiæ langues, mæres sub marmore Mavors,
Cui brevis orbis adest, tacito sed murmure clamat
Saxum hoc, sydereis saxum felicius astris.

*Iosephus Velloso.*

## *Lusitaniæ lacrymæ in obitu Excellentissimi Domini Marchionis de Tavora.*

JAm meus, ah fallor! Já non meus occidit Hector
Non meus in tumulo Mars jacet ante meus.
Invidia (hoc vitium est resecantis stamina Parcæ)
E medio indigna sustulit atra nece.
Illum, meque ictu fera Parca occidit eodem,
O nimium in luctus invidiosa meos!
Attamen hoc unum est inter discrimen utrumque;
Quod semel ille tulit, non semel ipsa, necem.
Ipsa meum quoties Martem excessisse recordor,
In di rum toties Lysia funus agor.
Mortem, altum dixi residentem in corde dolorem,
Nulla etenim, ceu mors, ipse levatur ope.
Alter Apollineà forsan medicabilis arte est,
Non meus; hic igitur mortis adinstar habet.
Hac moriar cuntis iteratà morte diebus,
Debet, & hos reditus solvere quisquis amat.
De quo si quis erit, qui mecum certet, amore,
Non dabo captivas in sua vincla manus.
Tavora vitali multo mihi charior aura,
Chara mihi vita est, quam fuit ille, minus.
Quo turpe ingrati fugerem pede crimena motis,
Si meus iste minor, quam suus, esset amor?
Sat mihi nota fides, amor, & sine crimine vinxit

Quo sibi me quondam Tavora, notus erat.
Quem non facta probant, amor est fallacior Austris,
Extitit ergo mei Tavora verus amans.
Nunquam etenim pro me, vitare pericula novit,
Tela per, & medios ausus adire globos.
Ah quoties vigilans jungebat solibus umbras,
Quin daret ignavo sedula membra toro!
Ah quoties somnus fessos ubi ceperet artus,
In viridi gelidæ nocte jacebat humo!
Denique, tolle metum, reliquos tulit ipse labores,
Damna, globos, æstum, frigora, tela, sitim.
Castra tot adversus stetit insuperabilis Hector,
Saxa velut tumidas stant maris inter aquas.
Delphinum adversas scindentem retulit undas,
Cui cedit tumidi sævior ira maris.
Hinc amor, ò Superi, meus est, hin causa doloris,
Quem mihi non unquam finiet ulla dies.
Nulla dies tantum poterit lenire dolorem,
Viveret, & solus Tavora ferret opem.
Sed quia difficilis superas regressus ad auras,
Mequoque difficile est posse carere malis.
Si tamen apta meis medicina doloribus ulla est,
Ille est qui titulos, & Patris ora refert.
Hunc ego suspiciens, genitoris imagine capta,
Ipsa mihi dicam: Tavora vivit adhuc.
Dent igitur superi transcendere Nestoris annos,
Vitaque de tumulis extrahet una duos.

*Petrus Ferreira de Carvalho.*

Cur

## Cur in loco edito sepeliatur Invictissimus Dominus Marchio de Tavora.

### EPIGRAMMA.

CVr Ludovice, tuum sedes tenet edita corpus?
Dicere nunc prohibet sed tuus ista pudor.
Dicã ego: vivus eras inter tanto altior omnes,
Cum cadis, ut maneas, Tavora, celsus adhuc.

Emmanuel de Mattos.

## *Excellentissimi Domini Marchionis de Tavora,*

### EPITAPHIUM.

TAvora quondã astris, famáque æquatus Olympo
Hic jacet. Heu? potuit mors variare vices?
Hoc speculum sed habes ante Ostia prima viator,
Quò nullum toto clarius orbe fuit.
Illo si videas, quæ sunt tibi multa vivenda
Longe alius post hac, credito, visus eris.
Occidit armi potens tandem Ludovicus; in armis
Quem Mars pertimuit; mors fera nunc domuit
Deservisse iterum terras Astræa putatur,
Lusiadas quando Tavora deservit.
Justiam invidit Ludovici Jupiter æquus,
Æqua illum nobis sed Libytina tulit
Tavora vincebat generis splendore nitorem
Solis, at occasum jam Ludovicus habet.
Ergo tuá maneant fixa hæc submente viator,
Optatur forsan si via recta tibi.
Tavora cum cecidit, quis mortem evadet; habebit
Ecquis spem vitæ Tavora cum moritur.

*Antonius de Lis.*

*Cur*

*Cur non post judicium, sed in illius pervigilio obierit illustrissimus, ac præclarissimus Dominus Marchio de Tavora.*

## EPIGRAMMA

INtrepidus vitá se Tavora gesserat: atro
Funere nunc etiam segerit intrepidus.
Illi Judicium restabat morte timendum,
Nec vos, o Fortes, dedecet iste timor.
Hunc tamen egregius mittit procul ire timorem,
Tavora, Judicij cum cadit ante diem.
Ergo Judicium dum non te, Tavora, terret,
Judicio justus crederis esse meo.

*Antonius Vieira Henriquns*

## *Cur noctis tempore fatis concesserit Excellentissimus D. Marchio de Tavora.*

EPIGRAMMA.

MArs fuit adverso generosus Tavora bello,
Hispanoque omnis causa timoris erat.
Nec solum hostiles illum timuere catervæ;
Bella inter toties mors fera pertimuit.
At (dolor heu) maneant omnes cum fata, Gygantem
Quó rapiat, quærit mors violenta modum.
Luce palam tantas non ausa lacescere vires,
Illi nocte ferox mors parat insidias.
Namque aliter nunquam potuisset Tavora vinci
Quando dolis virtus non nisi tanta cadat.

*Ioannes de Oliveira.*

## *Cur Excellentissimus D. Marchio de Tavora humari extra civitatem jusserit*

EPIGRAMMA.

EXtra urbem exanimus quærit sibi Tavora sedē,
Altos qui vivus tempsit in urbe locos.
Nil tamē extra urbē miror Ludovicus humetur,
Illius urbs quando non erat una capas.

*Antonius Rodericus à Costa.*

Nullum

# Nullum sibi Excellentissimus Dominus Marchio de Tavora erigi voluit Mausoleum,

## EPIGRAM.

CVicũq; hoc studiũ est, superá qui vescitur aurà,
Ne tumulus pariter nomen, & ossa tegat.
Hinc alij nomen curant adscribere fastis,
Et calamo insudant, quo sua fama volet.
Mausolea alij solido de marmore condunt,
Et decus esse putant marmora facta manu,
Arte volunt, aliàs moriturum, vivere nomen,
Verum hoc, quod vivat nomen, ab arte venit.
Attamen æternos ut Tavora vivat in annos,
Vllá solertis non eget artis ope.
Mausolea igitur renuit fama inclyta; solum
Debelis â saxis gloria poscit opem.

Ioannes Pereira Cardoso.

# *In obitum Excellentissimi Domini Ludovici Marchionis Tavoræ, Comitis Sancti-Ioannis.*

*Supremi Exercitus Provinciæ jut Transmontanæ Rectoris,*
*Et cubiculi Principalis Equitis aurati.*

## ODE

SVperba vires indomitas licet
Ostentet, atrà cuncta metens manu,
Regumque gemmatas, cupressi
Funereæ Libitina fronde
Mutet coronas; non Tavoram tamen
Omnem cruentà cuspide sustulit,
Sed ille, post funus, superstes
Parte sui meliore vivit.
Nomen perennis nobile gloriæ
Portatur alis, quàque oriens mari
Titan relinquit, quaque fessus
Cœruleum repetit cubile.
Post fata verum sueta recludere,
Centum canoris personat oribus,
Linguisque centum fama narrat
Facta viri, seriemque vitæ.
Virtus ut almo suscipiens sinu
Infantis annos, flexerit in dolem

Ad

Ad magna, flammaritque honoris
Igniculis, & amore pectus.
Prolem tenellam ceu Jovis armiger,
Pennas in altum tollere mobiles,
Solisque fulgorem irre tortis
Luminibus docet intueri.
Vt lætus ensem stringere jam puer,
Vel glande metam figere plumbea
Gestiret, aut acrem lupato
Flectere equum varios in orbes.
Vt Deinde factus grandior, e calens
Ardore belli, nulla pericula,
Nullos recusaret labores,
Pro Patria Lysioque sceptro:
Pressos ut armis usque minacibus
Vexaret hostes; seu face torridà
Sæviret æstas, sive bruma
Æolijs fremeret procellis.
Vt per tonantes undique bellico
Ferretur audax pulvere machinas,
Et cuspidatas in phalanges
Fulmineo penetraret ense.
Vallata celsis oppida turribus,
Foetosque denso milite ut aggeres
Intraret, & Lusum coactus
Ferre jugum retineret Arces.
Interque prædas, & spolia hostium,
Intacta turpi corda cupidine;

Servaret, auri blandientis
Illecebris opibusque major.
Cur ergo raptum flebiliter gemam,
Cujus nec annis fama, nec invidis
Cessura fatis, gesta vivunt,
Atque hominum volitant per ora.
Vates amici vos quoque, quos alit
Fontis disertus Castalij Latex,
Parnassis, & laurus coronat,
Aut hederæ viridis corymbi:
Heroa versu parcite lugubri
Deflere, tristes mittite nænias,
Vestræ nec illustrem querelis
Dedecorent animam Camœnæ.
Puris recentem sed tumulum viri
Certate mecum spargere lilijs,
Dulcesque odorato rosarum
Reliquias operite nimbo.

*Alexius Collata de Ianillet.*

## *Ejusdem*

## EPITAPHIUM

QVi gelidum spectas lapidem, subsiste parũper
Et quæ scripsit amor verba, dolorque, lege
Cõditus hic Tavoræ Ludovicus Marchio, famæ
Inclytus, & Regum clara propago, jacet.
O quan-

O quanto populi gemitu, quam flebilis ille
Occubuit, Patriæ flos columenque suæ.
Pectore quam forti Dux impiger ibat in hostem,
Sive pedes bellum, sive gerebat eques.
Per tormenta pilis flamisque sonora, per hastas,
Perque enses medios tendere, ludus erat.
Inferret quocumque gradum, de more ruentem
Fulminis, adversæ contremuere acies.
Imposuit fronti devictis mille coronas
Hostibus, erexit mille trophæa locis.
Nulla virum cepit prædæ ve lucri ve cupido,
Laudis at una fames, unus honoris amor.
Hunc mors armatum non ausa resistere contra,
Nec vigili sævas impositura manus;
Heu subito falcis rigidæ demessuit icto,
Per noctem placido dum cubat ille toro.

## *Priusquã occidat mortem cognoscit Præclarissimus D. Marchio de Tavora.*

## EPIGRAMMA.

Vivus adhuc potuit properantẽ agnoscere mortẽ,
Tavora; venturam noscere cuique datur.
Qui toties vidit mortem dum bella gerebat,
Noscere nunc illam tam cito jure potest.

*Mauritius Botelho.*

Par-

## Parcam incusat, quod Excellentissimum D. Marchionem de Tavora immature, & invidiose nobis praeripuerit

## C.

QVid loquar? aut ubi sũ? potuit ne occũbere morti
Tavora Lusiadæ gentis decor? æmula virtus
Hectoris interijt? Vera armi potentis imago
Martis in obscuro jacet exanimata sepulchro?
O sortem nimis ambiguam! pro dira Sororum
Ilia non ullis unquam saturata ruinis?
Esto; sed in filum sæviret inutile ferro
Atropos, aurato spatium daret invida filo,
Atque per æternos sineret deduci eros annos:
Hoc equidem suadet pietas, Parca effera, siquà
Visceribus foret ulla tuis; sed in hospita vincis
Saxa, tibi rupes cedunt, visque aspera ferri,
Quo filum furibunda secas; adamantis ad instar
Viribus haud ullis, nulla es superabilis arte.
Magnanimum Heròa, & nullis penetrabile telis
Pectus, in hostiles pro libertate phalanges
Irruere, & duro solitum contendere ferro
Hispanas acies, formidatumque Leonem,
In tumulum tua dextra dedit, sparsamque per orbẽ
Lusiadum indigno maculasti funere gentem.
Sed licet, hircanas inter sævissimas tigres,

E terris

E terris nuper superaque ejeceris aurà
Egregium virtute Ducem, non mentibus ora
Illius; haud factis fama excidet inclyta nostris,
Dum Phæbus celeri liquidum super æthera cursu
Ignivomos aget acer equos, stellasque sequentes,
Subjectasque novo lustrabit lumine terras:
Dum Tagus, & fulvis dives Pactolus arenis
In mare se volvent, fortis dum regna secundæ
Squamigerum colet uda genus, celerique volatu
Aërios scindent pennata examina tractus,
Haud nostro illius labetur pectore vultus,
Parta nec egregijs abolescet gloria factis. (urbes
Mænia quot, quot deinde arces, quot castra, quot
Illius defensa manu, tot marmora signis
Aspera, tot solidas æterno ex ære columnas
Esse reor, quæ facta ferent, encomia, laudes,
Ingentesque animos, tacito licet ore, loquentur:
Has equidem voces, mutas licet, audiet omnis
Posteritas, puerique canent, juvenesque senesque,
Nostra alium in terris viderunt secula Martem.
Insuper iste adamas (si fas adamanta vocari.
Qui potuit fera Parca tuo, succumbere ferro)
Regali avulsus furtim á Diademate, quando
Lucida nocturnas laxabant astra tenebras,
Sidereos inter fulget radiantior ignes,
Aurea ceu flamas solet inter Luna minores.
Si te pæniteat, Parca invida, noxia carpat
Viscera livor edax; hujus mihi certa supersunt
Pigno-

Pignora; nam, reliquos inter virtutis honores,
Exanimo fertur Magnam coluisse Parentem:
Hæc monstravit iter, quo victor in astra volaret,
Victor ut invidiæ meruit volitare per ora
Lusiadum, Enceladique vagam lassare sororem.
Cætera possessi referam quid pignora Cœli?
Quid memorem insontes media inter prælia mores?
Ille inter strepitus, interque horrentia Martis
Arma, tenax recti, fædo sine crimine vitam,
Exegit, rectamque viris, qui castra sequuntur,
Præbuit exemplo vivendi Tavora normam;
Nam simul à nostris depellere finibus hostes,
Et scelera ardor erat: non hoc ductore cohortes
Audebant Martis tractare licentius arma.
Vos Transmontani quorum olim præ fuit armis,
Et Minij colitis qui lætæ gramina ripæ,
Vosque Tagi flavas quibus ultra fluminis undas
Terra datur, vestris quid Tavora gesserit oris
Cum nostra auspicijs ducebat castra secundis,
Castra reluctantes debellatura phalanges,
Dicite, namque meo sunt hæc maiora cothurno,
Atque humili scelus est celebrare ingentia cantu.

*Michael Pereira de Almeida.*

Sedà-

## *Sedato bello, & obito Consulis munere, fato cedit Excellentissimus D. Marchio de Tavora.*

### EPIGRAMMA.

ASseruit pacem victrici Tavora dextrâ,
 Et peperit valida multa trophæa manu.
Arma ubi deposuit, populi componere mores,
 Atque urbem in melius vertere cura fuit.
Et bene devictis si Marte triumphat Iberis,
 De vitijs victor Tavora pace fuit.
Illo nam melior respublica consule visa est
 Jura exactorem non habuere parem.
Pulchrior hoc facies urbis testatur, & omnes
 Hoc referent plateæ, composita saxa, viæ.
Dux ne foret melior, vel consul Tavora nescis,
 Certat de meritis utraque palma suis.
At ubi composito diuturno fædere bellum,
 Compositos mores Tavora pace videt.
In cælum, ne quando animus terat otia agendum
 Cum nihil in terris jam superesset, abit.

*Cur in villa excesserit Præclarissimus Dominus Marchio de Tavora.*

EPIGRAM.

OCcidit, in Villa nimium Ludovicus amœna,
E pratis Campos fertur ad Elysios.
Flos erat illustris totius Tavora Regni,
Flores in Villa falx resecare solet.

*Emmanuel de Oliveira.*

*Fulgentem ad sepulchrum apportat secum ensem Excellentissimus D. Marchio de Tavora.*

EPIGRAMMA.

FVlmineũ ad tumulũ fert Tavora mortuus ēsē
Hostes quo tumulis miserat innumeros.
Sed bene fers ensem, Ductor clarissime, Cælũ
Cum petis, illud enim non nisi vi rapitur.

*Gabriel da Cunha.*

## *Cur nocte obierit Excellentissimus D. Marchio de Tavora.*

### EPIGRAMMA.

NOcte sub obscura Sol deserit aureus orbem,
Clarus adhuc subitò Sol aliquando cadit.
Sol datus, & fulgens nimium Ludovice putaris,
Sol ergo obscura sic bene nocte cadis.

*Michael Ferdinandus Gago.*

## *Quare occidat Saturnali die invictissimus, nec non Sanguinis splendore conspicuus D. Marchio de Tavora.*

### EPITAPHIUM.

SAturni cur mœsta dies demergit acerbo
Funere spem nostrã; magnanimumque Ducẽ?
Dente vorasse Deos fertur Saturnus; iniquo
Jupiter at solùm sospes ab ore fuit.
Virtute eminuit tantum Ludovicus, & armis,
Illius ut virtus par sibi sola foret.
Quid mirum? é medio tollat Saturnus atroci
Flagrans invidià, quem putat esse Jovem.

*Mauricius Botelho.*

## *Cur Illustrissimum Dominum Marchionem de Tavora mors in lecto occupet?*

### EPIGRAMMA

SOmnus amat lectum: somnus mors dira putatur,
Somnum ideo lecto Tavora mortis habet.

*Iosephus de Almeida.*

## *Felici pace fruentibus Lusitaniæ Regnis, occumbit fortunatus nimium Dominus Marchio de Tavora.*

### EPIGRAMMA.

DUm bellatrici pax aurea floruit urbe,
Templi Janus habet lumina clausa sui,
Tavora non Jani templum extitit, attamen ædes,
Et sacra virtutum, justitiæque fuit
Pace igitur quando Lysia Regna inclyta gaudet,
Justitiæ templum hoc lumina clausa tenet.

*Petrus Ribeiro.*

## *Blande somno indulgens è vivis abit Excellentissimus Marchio de Tavora.*

### EPIGRAM.

CVm sua mellifluo dat Marchio membra sopori,
Lethi præque ictu, præque sopore cadit.
Vita fuit bello Ludovici assueta labori,
Si vita illius non labor unus erat.
Est cui vita labor mors est requiescere; vitam
Marchio sic ponit quando labore caret.

*D. Antonius de Atayde.*

## *Exastichon.*

HOc jacet in tumulo letho nunc Tavora victus,
Credita cui Lysij Castra fuere soli.
Territa splendorem gladij, qui vincerat orbem,
(Cum Mars ipse timet) Mors timet ipsa virum.
Quem putat invictũ, in somno, Mors improba tẽtat,
Haud aliter tantum vinceret illa Ducem.

*Christophorus Alanius Moralius.*

## *Domini Ludovici Alverez de Tavora Marchionis de Tavora Interitui.*

# ELEGIA.

Quid mihi, Melpomene, infaustum lachrymare licebit,
Quod non interitus flebilis iste ferat.
Non lachrymis possum infandum renovare dolorem;
Nanque tuà vereor Morte subire meam.
Ille meis oculis totus non sufficit imber,
Dum me causa movet, multiplicantur aquæ.
Ipse nec in fluctu lachrymarum extinguitur ignis;
Quippe doloris aquâ tunc flagrat ille magis.
Hei misero, quantum lætho mihi restat amanti;
Quis scit amare, perit, si scit amore pati.
Et Patria, & Tagides gemitus sine lege dederunt;
Quod Tagides lugent, Patria mœsta gemit.
Infelix sortem lugebis tristis acerbam
Lysia; namque tuum Mors tulit atra Ducem.
Atropos abscidit frustrá cum forfice vitam;
Nam sua vita manet, dum sua fama viget.
Ignis amans patriæ fuit, ignis ad æthera tendit,
Cùm tamen ignis erat, raptus ad astra volans.

Si

Si Libetina petens rapidè somno eruit umbram,
Pervigil ille foret, non foret illa potens.
Obstupuit Mors horrendà inter fulmina Martis
Ductorem inspiciens, fugit & illa tremens.
Dextera, quæ potuit validos superare Gigantes,
Vincere nunc poterit posteritate necem.
Facta per insignem famam sine fine bearunt;
Dum sua fama canit, sat sua facta sonant.
Vivat in æterno memorabile marmore nomen,
Vt nunquam tempus conterat acta sua.

*Andreas Leitão de Faria.*

SONE-

## SONETO.

Por subir de repente ao mòr cuidado,
Cae de repente o peito generoso
E quem na vida foi tam cuidadoso,
Justo era ser na morte recordado:
Se morrer lhe foi transito forçado.
Renacer será credito forçoso,
Pois na tumba, em que jaz victorioso
Inda vive por fama eternizado.
Illuzaõ foi em forma de accidente,
Com que da Parca a seu valor rendida
Venceo com diligencia o duro corte;
Que a morte se tem hora independente,
A hora, que o rendia em sua vida,
Vencèra no repente em sua morte.

*De Andrè Leitão de Faria.*

In

## *In morte del Excellentissimo Signor Marchese d' Tavora.*

### SONET.

ALma gentil voleva più lodarte,
Ma non ê piú concesso al mortal vanto,
Perche confonde le paroli il pianto
E il tuo valor supera i marmi, e carte:
Tal si celebra in te ciascuna parte,
Che merita ciascuna immortal canto,
E la mia penna, sé animato a tanto
(Che puó coprir ogni difetto d'arte.)
Sià destin ció, sia flebele querella
Tu già sepolto sei, vivo son io
Per miracol del'tempo, opra del Cielo
Poy sè fatal non fosse l'alta stella
O ti raviveresti al mio desio
O spolgiato sarci del mortal velo.

*O Conde d' Eryceira.*

## La morte del Excellentissimo Signor Marchese d' Tavora.

### SONETTO.

Alma gentil voleva più lodarte,
Ma non è più concesso al mortal vanto,
Perche confonde le parole il pianto
E il tuo valor supera i marmi, e carte:
Tal si celebra in te ciascuna parte,
Che merita ciascuna immortal canto,
E la mia penna, se animato a tanto
(Che può coprir ogni diffetto d'arte.)
Sia dessin ciò, sia flebile querella
Tu già sepolto sei, vivo son io
Per miracol del tempo, opra del Cielo
Poy sè fatal non fosse l'alta stella
O ti raviverssti al mio desio
O sfogl'ato farci del mortal velo.

O Conde d'Ericeira.

La

# ORAÇAM FVNEBRE,

QVE DISSE

## D. FREY LVIS DA SYLVA

Religioso da Ordem da Sanctissima Trindade, Bispo de Titiopoli, pera fazer os Ponticaes da Capella Real, & Deão da mesma Capella.

*No Convento de N. Senhora de Penha de França, Nas exequias do Excellentissimo Senhor Marquez de Tavora.*

*Manus tuæ Domine fecerunt me, & plasmaverunt me totum in circuitu, & sic repentè præcipitas me?* Job. 10.

HUM Heroe cuja vida foi maior que toda a inveja, & cuja morte se fez superior a toda a magoa, està roubado aos nossos olhos naquella sepultura, mas està entranhada em nossos coraçoens a sua memoria, pois nos juntamos aqui a lamentar a memoria da sua perda; isto vem a ser, que fazemos hoje exequias à morte do

Excellétissimo Señor Marquez de Tavora, q̃ parece he necessario que hũ Prègador conte esta morte para que se crea. Ouve tão pouca distácia entre as veneraçoés de vivo, & as saudades de morto, q̃ ou ainda nos não podemos sair do assombro, ou jamais nos devemos apartar do sentimento: Diz S. Gregorio, que as lanças ferem menos aos coraçoés, quando os coraçoés prevem que lhe chegaraõ as lanças: *Minus jacula feriunt, quæ prævidentur*, não quiz Deos, que em nossos coraçoés ouvesse prevenção desta lançada, pera que não podesse haver em os nossos coraçoens diminuiçaõ no sentimento de tal perda: como a falta deste insigne Heroe merecia ser muito sentida, parece quiz Deos necessitarnos ao sentimento desta falta; porque se podesse haver coração tam ingrato â patria, que não sentisse a morte de Heroe taõ illustre; não podia haver coração taõ duro entre a natureza humana, que senão achasse sentido em hũa morte tão apressada: parece não quiz Deos podesse haver causa de consolação nesta morte, porque assi dispoz Deos esta morte, que nos tirasse toda a causa de consolação: se na morte de Julio Cesar achou Cicero, que o muito que vivera aliviava a dor do pouco que governara: *Vixisti ætati satis, parum certe Reipublicæ*, deve dobrarnos a desconsolação na morte deste grande varaõ, ver que não só foi pouco o que viveo pera a Republica

S.Greg. in Evang Hom.35.

blica, mas que tambem foi pouco o que durou pera a vida. Que acabe hum varaõ de taõ grande valor nos merecimentos, ò grande pena! mas que juntamente acabe em o maior verdor dos ſeus annos, ó maior magoa! que em trinta & ſete annos ſe fizeſſe hum varão conſumado, ó aſſombro! & que hum varão conſumado ſe haja de desfazer de 37. annos, ò ſentimento!

Tanto chega a apurar ſe a paciencia neſte caſo, q̃ pode fazer rebentar em queixas atè ao coração mais ſofrido: quẽ mais ſofrido q̃ Job, q̃ foi o exẽplar da paciẽcia? pois atè Iob ſe queixou a Deos, conſiderandoſe com huma morte apreſſada, aſſim o entendeo o doctiſſimo Pineda explicando a Job neſta queixa: *Sic repẽte præcipitas me? repentinus caſus, & ſubitus interitus, afferri videtur, illo precipitãdi verbo*: Senhor (dizia Iob) vós me fizeſtes empenho de voſſo poder, pois ſendo eu nada, me fizeſtes humano, & me trataſtes como emprego de voſſo amor, pois não ſò me fizeſtes homem, mas perfeito, dandome os dotes da natureza, & os bẽs da fortuna; *Manus tuæ Domine fecerunt me, & plaſmaverunt me; plaſmare eſt rem omnibus modis perfectam efficere, amplificatur ergo vis ſententiæ ex verbo plaſmandi propter ſtudium, & amorem, quem indicat in artifice, ac ſi diceret ſumma charitate accenſus me creaſti*; explica Pineda: *Manus tuæ fecerũt me, poteſt referri ad conſtitutionem ſubſtantiæ, & plaſmaverunt me, poteſt*

*Pined. in Iob. t. 1. pag. 47. n. 12.*

*Pin. ubi ſupra.*

*referri ad ea, quæ substantiæ adveniunt, sive sint bona animæ, sive corporis, sive exterioris fortunæ:* Explica o Angelico Doutor Santo Thomas; fizestesme Senhor (diz Iob) tão perfeito, q̃ pellas potẽcias da alma sou hũa semelhãça das Pessoas divinas, & pellas qualidades da natureza posso ser exẽplar a muitas creaturas, pois me fizestes tão illustre, & tão perfeito, q̃ não sou qualquer obra vossa, mas obra ẽ tudo de vossas mãos soberanas: *Manus tuæ fecerũt me, manus tuæ figuraverunt me*, lé Caetano do Hebreo: *Homo opus Dei est, non qualecũque, sed manibus ejus plasmatum*, diz S. Basilio, pois Senhor, como he possivel, que fazendome no spirito, & no corpo taõ aventajado, hajaes de acabar de repente com este corpo, & com este spirito? *Sic repẽte præcipitas me? Sic repente destruxisti me?* Caetano do Hebreo, *ac si aperte dicat, cur tanta vilitate dupicis, quem cum tanta dignitate condidisti?* Declara S. Gregorio, & acrecenta Niculao de Lyra, não he Senhor causa pera admiraçaõ, que pondo vòs tãta diligencia por me illustrar com tantas qualidades, hajaes de acabar de repente com tantas virtudes: *Sic repente præcipitas me? mirabile est quod cum tanta diligentia feceris me, statim velis me destruere.* Da boca de Iob parece podiamos tomar esta queixa, & jámais apartarse esta queixa da nossa boca, pois temos mais que Job a razão justificada; porque Iob queixavase só na consideração de

S. Thom. in Iob. f. 439.

Cajet. In Iob f. 57

S. Basil. hom. in aliq. scl.

Greg. in Iob.

Nic. de Lyr. in c. 10. Iob

que

que Deos lhe podia dar huma morte repentina, acabando de lhe dar virtudes tão heroicas, nós podemonos queixar tendo já a desconsolação de ver huma morte apressada, a quem Deos acabava de dar as qualidades mais soberanas; he possivel Senhor, que podendonos admirar de que fizesseis a hum homem emprego de vossa diligencia, enchendoo de qualidades pera hum bom Ministro, de repẽte o vejamos parecer descuido de vossa providencia, acabãdo hum Ministro de tão boas qualidades? *Manus tuæ fecerunt, & plasmaverunt, & sic repente præcipitas? videtur Deus tunc benevolentiæ, quam ad suam facturam habet, oblivisci, cum eam corruptioni exponit*, S. *Thomas*. Th. in Iob

Na razão em que Iob, & nós fundamos a queixa, parece funda Deos a sua reposta à nossa queixa, & á de Iob, diz Pineda, que a queixa he, de que se o homem como humano podia ter vida instantanea, como benemerito merecia ter vida dilatada: *Et crescit acrimonia interrogationis, nam propter mirificam subtilissimi operis rationem, videbatur homo immortalitate dignus*, & Deos, pera que o merecimento tivesse vida eterna, abreviou ao ser humano a vida caduca, apressoulhe a sepultura pera o eternizar na memoria; como o nosso varaõ illustre era digno de vida eterna, dispoz Deos a morte para o eternizar na nossa lastima: se quãdo vivo era digno empenho à admiração, & aos Pin. ubi supr.

M 2 lou-

louvores, morto he digno motivo à desconsolação, & âs saudades, & não teria taõ grande duraçaõ sendo objecto aos affectos, como terá, sendo emprego aos suspiros. Sendo Ioseph todo o amor, & descõsolaçaõ de Iacob, mais vivia na descõsolaçaõ de Jacob, q̃ no seu amor; dizia Iacob, que choraria a morte de Ioseph, ainda depois de estar no sepulchro, porque iria chorando a morte de Ioseph

Gen. 37. atè o Limbo: *Descendam lugens in infernum*, mais vivia logo Ioseph no coraçaõ de Iacob quando desconsolado, que no coraçaõ de Iacob quando affectuoso: no coraçaõ affeiçoado vivia Ioseph em quanto o coraçaõ de Jacob tinha vida, no coraçaõ sentido vivia Ioseph, ainda despois do coraçaõ de Iacob estar na sepultura, que mais dura o que he emprego aos suspiros, que o que he objecto aos affectos; & como este esclarecido Heroe merecia viver nos coraçoens dos Portuguezes, pera eternizar essa vida, quer Deos viva nos coraçoens cheios de saudades; Alem desta reposta com que parece nos alivia Deos o sentimento, deixa entender tambem outra, que nos servirá de materia pera o discurso: diz ultimamente Pineda, que he a queixa, que acabe de repente hũ sugeito taõ singular nas qualidades, que merecia ser exẽplar aos varoens mais illustres: *Tandem hujus sen-*

Pin. ubi supr. *tentiæ vis cernere potest ex ratione imaginis*, mostrou Deos que se mereceo ser exemplar pella diligẽ-

cia

cia cõ q́ o fizera, tãbẽ ficava ſendo exẽplar pella preſſa com que o desfazia, ſe na vida exemplo pera os merecimentos, na morte eſpelho pera os deſenganos; quiz Deos que o noſſo inclito Heroe nos foſſe proveitoſo aſſim morto, como vivo, vivo pera nos deffender, morto pera nos acautellar, vivo pera ſer exemplo aos viventes nos procedimentos da honra, morto pera eſpelho aos mortaes dos deſenganos da vida: ſeraõ Heroes os que tomarem a ſua vida por eſpelho, ſeraõ juſtos os que olharem pera a ſua morte como avizo. Vamos referindo.

*Manus tuæ fecerunt me, & plaſmaverunt me*; quẽ negará que fez Deos eſte varaõ illuſtre pera a paz, & pera a guerra; pera a guerra hũ Cabo mui esforçado, pera a paz hum miniſtro muito zeloſo? Pois quem negarà que ſeraõ Heroes os que ſeguirem o esforço deſte Cabo, & os que imitarem o zello deſte Miniſtro? Taõ grande fama tinha eſte Marte Portuguez em a guerra, q̃ naõ ſò o podia o mũdo contar entre os grandes de fama, mas baſtava a ſua fama pera prova juſtificada do ſeu esforço; he certo, que baſtava o ſeu nome pera intimidar, pois he certo, que baſtava o ſeu nome pera vencer; he certo, que a fama de ſeu valor, aſſombrava, pois he certo, que a fama do ſeu valor vencia, grãde prova de valor he o vencer exercitos, mais ſe qualifica o valor por intimidar os contrarios, no

con-

conflicto vencese sò áquelles com quem se peleja, no temor vẽcese a todos aquelles, a quê se intimida. Pera pelejar com todo o exercito dos Philisteos juntou Saul hum grande exercito, & em todo o exercito de Saul, não havia quem se atrevesse a contender com Goliad, & atê o mesmo Saul desanimou a David quando sem ser seu soldado se offerecia pera contender: *Non potes re-*
1.Reg.1 *sistere, Philisteo isti*; se cada hum dos soldados de Saul vinha taõ animoso, que pelejaria com todo hum exercito, como em todo o exercito de Saul naõ ha quem se atreva a pelejar com hum sò soldado? porque se davaõ todos por vencidos? Porque estavaõ todos intimidados, todos reconheciaõ que lhe naõ podiaõ resistir, porque a todos assombrara a fama do seu valor: *Omnes Israelitæ stupebant, & metuebant nimis*, & não podendo Goliad vencer com o esforço mais, que aquelles a quem chegasse a sua espada; pello temor venceo a todos aos que chegou a fama da sua valentia: era impossivel, que a todo hum exercito tivesse Goliad por despojo do seu valor, & Goliad pello receio despojou de valor a todo hum exercito; como causou assombro com o seu valor: *stupebant*, logo infundio medos pera o pelejar: *Metuebant nimis*; bem sei que o exemplo não he em tudo o mais adequado, mas he porque em o nosso Heroe ouve mais valor, que neste, exẽ-
plo

plo. Se Goliad triumphou do valor de todo hum exercito com a fama da sua valentia, ouve hum David que triumphou do valor de Goliad com a sua funda, mas ao valor deste General esclarecido, não ouve David que o derrubasse, não ouve exercito que o acometesse, nem ainda que lhe rezistisse; porque como a fama causava assombros, com a fama vencia os animos. Sendo este grande General todo coração pera a guerra, era todo maõs pera a justiça, com a justiça intimidava aos proprios, se com a valentia atemorizava aos contrarios; se a sua valentia era seguro, a sua inteireza era socego, pella sua valentia não havia pera que recear exercitos, & pella sua inteireza naõ havia pera que temer delictos; em fim como este Heroe no valor naõ tinha que envejar, era o que mais apoyava aos que tinhaõ valor, como o fez Deos maior que a inveja, pellas suas qualidades, fezse a maior inculca dos homẽs que tinhão virtudes; muito perderaõ os exercitos neste General, porque perderaõ hum seguro pera os triumphos, mais perderão os valerosos neste valedor, porque perderaõ o amparo pera os merecimentos, & de faltar quem apoye o merecimento das proezas, pode faltar quem busque'os riscòs pera as façanhas; se as mãos de Deos fizeraõ a Job todo exemplar pera o sofrimẽto, bem temos visto que as mãos de Deos fizeraõ ao nosso Heroe

hum exemplar pera o esforço: *manus tuæ fecerunt me, manus tuæ figuraverunt me.*

Fez Deos ao nosso Heroe ministro taõ zeloso, que pode ser exemplar de grandes ministros pello seu zello, pois sendo o seu zello o ouro dos maiores quilates, o esmaltou com as mais singulares virtudes; muito desinteresse no servir, muita liberalidade no dispender, muita verdade no aconselhar, & muita liberdade no propor. Foi este grande ministro prodigiosamente fiel, & generosamente liberal, nunca teve as mãos abertas pera tomar o alheo, nunca teve as mãos fechadas pera reter o proprio: servio ao Reyno com zello taõ excessivo, que se empobreceo a si por servir ao Reyno; pois se podesse ter igual no valor, se podesse ter igual em o ser, no zello parece que nem a si mesmo se tinha por igual: Diz a Scriptura sagrada, que Iosue foi forte na guerra, grande na fidalguia, maximo no zello da patria: *Iesus*
Eccl. 46 *Navê fuit fortis in belo, magnus secundum nomen suum, maximus in salutem electorum Dei*, duas cousas ha aqui em que reparar, a primeira, que a scriptura fallando de Iosué, naõ faz comparaçaõ, nem com a sua valentia, porque sò lhe chama forte: *fortis in belo*, nem faz comparaçaõ com a sua nobreza, porque sô lhe chama grande: *magnus secundum nomen suum*, mas sò faz comparação no zello da patria, porq̃ lhe chama maximo, em q̃ mostra

tra que excede: *maximus in salutem electorum Dei*; a segunda cousa em que se ha de reparar, he que a scriptura fazendo comparação quando falla de Iosuè, sò com o mesmo Josuè faz a comparação, a comparaçaõ he ser grande, & ser maximo, & a Josuè aplica o ser maximo, & o ser grande; pois se a scriptura mostra, que Iosuê pode ter igual no esforço, pode ter igual no nacimento, porque mostra que a sy mesmo se faz superior em o zello? Theodoreto: *Iosuè extremum expertus est inopiam*, servio Iosuè com zello tão desinteressado, que se empobreceo a si por servir com grande zello, sendo grande General, sendo Ministro grãde, chegou a verse em estado mui pobre, naõ sò não soube adquirir nas cãpanhas, mas chegou a diminuir as suas rendas, & Ministro taõ desinteressado no servir, & taõ generoso no dispender quando podesse ter igual em o esforço, quando podesse ter igual em o nacimento, no zello parece que naõ tinha por igual, nem a si mesmo: *fortis in belo, magnus secundum nomen suum, maximus in salutem electorum Dei*; o exemplo està com o nosso illustre Heroe taõ cabalmente ajustado, que fizeramos injuria a este insigne Heroe, provar a igualdade deste exemplo: quanto ao forte do esforço, recordemse as suas campanhas; quanto ao illustre do nacimento, repitamse as suas ascendẽcias; quanto ao desinteresse do zello, numerese as

Theod. q. 17. in Ier.

suas dividas, em fim tudo o que se disse de Josuè de Israel, se pode dizer deste Josué de Portugal: forte na guerra, grande na fidalguia, maximo no zello da patria: *fortis in belo magnus secũdum nomen suum, maximus in salutem electorum Dei.*

Teve este grande ministro muita verdade no aconselhar, & muita liberdade no propor, deu Deos a este insigne Heroe, taes qualidades, pera ser grande Ministro dos Reys, quaes saõ as virtudes que a Igreja deseja nos seus Prelados pera serem grandes Ministros de Deos: pede a Igreja a Deos, que dé aos seus ministros pera a verdade hum taõ grande amor, & hũa taõ firme constancia pera a dizer, que naõ deixem de fallar verdade, nem pello receio de ficarem prejudicados, nem pello desejo de serem engrandecidos: *Veritatem diligat, neque eam unquam deserat, aut laudibus, aut timore superactus*, o que a Igreja pede a Deos pera que os seus ministros sejaõ bons, deu Deos ao nosso Heroe, porque o quiz fazer hum bom Ministro, sobre ser verdade o que sempre fallava, era taõ grande a liberdade com que a dizia, que jàmais deixou de fallar verdade, nem pello medo de que lhe prejudicasse o dizella, nem pello intento de que o engrandecesse o encobrilla: pois Ministro de tal verdade, & tal desinteresse, bẽ pode ser exemplar de grandes ministros pello desinteresse, & pella liberdade de todos quan-

quantos Ministros Deos teve no governo temporal: sò de Moyses sabemos, que quiz Deos que o seu spirito se diffundisse pellos Ministros do seu povo, dando a entender que pera o povo ter grādes ministros havia de haver em todos o spirito de Moyses, & o seu zello: *Aufferam de spiritu tuo, tradamque eis, ut sustentent tecum onus populi; ablatio spiritus Moysi est iluminatio aliorum ad regendū populum per eandem gratiam, per quam Moyses est iluminatus* (explica o Cardeal Hugo) se sem espirito de Moyses podia Deos fazer grandes ministros, como mostra Deos que pera os ministros serem grandes haviaō de ter por exēplar o espirito de Moyses? Em huma occasiaō disse Deos a Moyses, que o deixasse executar no povo a sua ira, que lhe daria grandes augmentos à sua Casa: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos: faciamque te ingentem magnum*; & Moyses como entendeo que não convinha aquella ira, nem â opiniaō de Deos, nem à conservaçaō do povo, pera dizer o que entendia, nem temeo ver a Deos irado, nem a que ficaria a sua casa sem augmento; respondeo (Senhor) naō vos convem destruires a hum povo, a quem libertastes, porque se cuidará que o libertastes do Ægypto pera o destruires no Deserto: *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum, quem eduxisti, ne quæso dicant Ægyptij calide eduxit eos, ut interficeret; istud revertetur in blasfemiam*

Exod. 32
Hug. ib.

Lyr. ib. *miam contra te*, explica Niculao de Lyra, he Moyses tal Ministro, que pera fallar a verdade que entende, nem teme a ira, nem attende â conveniencia, nem teme ver a Deos com ira pera deixar de lhe dizer o que convem à conservação da sua Republica, nem attende a que não terà augmẽtos na sua casa, se disser a Deos o que convem á reputação da sua coroa: pois se Moyses he ministro tão verdadeiro, tão desinteressado, & tão animoso, seja o seu espirito o que se diffunda pellos mais ministros, que serão ministros grandes todos os que tiverem este spirito, & pera os ministros serem bons, devem ter este zello: Corn. a Lap. ib. *Adde in his senibus requiri fortitudinem, & zellum boni communis, ut neque potentes vereantur, nec sua commoda quærant*, diz o doctissimo Cornelio á Lapide, refferindo as qualidades que Abulense aponta pera serem bõs ministros estes homens que Deos manda a Moyses escolher pera terem o seu spirito. Se o nosso Heroe foi General como Josuè, foi Ministro como Moyses, se foi outro Josué em a valentia, em a nobreza, & no zello da patria, foi outro Moyses no desengano com que fallava, na independencia com que o dizia, & na constancia com que o propunha: bem lhe podemos chamar espelho pera Ministros grandes, porque serão grandes os Ministros em que se acharem as suas qualidades, grande esforço com grande justiça, grande zello

com

com grande constancia; bem parece o fizeraõ as mãos de Deos com muita diligencia pera ser exẽplo aos viventes no procedimento da honra: *Manus tuæ fecerunt me, figuraverunt me.*

Mas tambem parece, que as mãos de Deos o desfizerão com muita pressa pera ser exemplar aos mortaes nos desenganos da vida: *sic repente præcipitas me?* bem sei, que quanto â morte se escusava o sermão, pois diz S. Joaõ Chrysostomo, que S. Paulo parou com o sermaõ vendo hũa morte de repente: *Pro Doctore, casus fuit,* que quando a morte he a mais efficaz doutrina, escuzase mais a doutrina, que a propria morte: que doutrina mais efficaz pera o ensino, que ver que o leito se passou a sepulchro, & que acabou em morte o que principiou em somno! E que a vida estâ taõ unida com a morte, que no mesmo lugar se acharaõ morte, & vida! Com tudo pera nos ajustarmos ao nosso thema, devemos ponderar o que esta morte nos ensina: *Manus tuæ Domine fecerunt me, & sic repente præcipitas me?* Tantas qualidades juntas, & morte taõ intempestiva? sim, que não ha qualidades izentas da brevidade da morte: sendo a morte inesperada, naõ sò pera os illustres, mas pera todos os homens, desengana Deos mais aos homens com a morte inesperada dos illustres: pera desenganar o mundo todo, permitio Deos a Estatua de Nabuco, que com a Estatua se podiaõ desenganar

*Chr. ho. 43. in act Apost.*

ſenganar, não ſó Nabuco, mas todo o mundo: desfezle a Eſtatua com grande prèſſa, ſendo Eſtatua
Dan. 2. de grande ſoberania: *ſtatura ſublimis*, & podeſe deſenganar todo o mundo, vendo que a Eſtatua de grande ſoberania ſe chega a desfazer com tanta prèſſa: ver a preſſa com que paſſaraõ a ſer cinzas, o que eraõ metaes, pode deſenganar a todos, de que nem os metaes eſtaõ izentos da prèſſa, com q̃ podem paſſar a ſer cinzas: eſta Eſtatua figurava os miniſtros grandes, os varoens inſignes, os homens illuſtres, que ſuſtentaõ, & adornaõ o mundo, & deve o mũdo deſenganarſe, quando ſe acabão cõ prèſſa os Miniſtros que o ſuſtentão, & os homẽs que o illuſtraõ; Hugo Cardeal: *Statuam percutit quando maiores aliquos, qui mundum videntur portare*
Hug. ib. *dejicit in mortem*; pois pera q̃ na morte deſte illuſtre Heroe foſſe mais viva a efficacia do deſengano, rezervei pera eſte ponto o tocar na fidalguia do ſeu nacimento, porque ſe a ſua morte nos deſengana, vendoa tão intempeſtiva a hum Miniſtro grande, a hum Heroe inſigne, tambem nos deſengana a ſua morte pellaſentirmos tão ineſperada em hum homem illuſtre.

Quẽ nam ſabe que as eſtrellas ſaõ o geroglifico da fidalguia? E quem nam ſabe que a fidalguia deſte varaõ illuſtre era hũa rutillante eſtrella? Se a hora da morte moſtra quem cada hum he, quem era eſte varaõ illuſtre, moſtrou à hora da ſua

sua morte: passada a meia noite teve o seu occaso esta resplandecente estrella, porque diz Plinio, q̃ passada a meia noite morre a estrella que se chama regia: *Stela regia appellata occidit matutino*, como cada hum morre quando lhe chega a sua hora: pasſada a meia noite era a hora de morrer este esclarecido astro, porque pasſada a meia noite he a hora de se pòr a estrella que he regia, segundo o seu apellido: *Regia appellata*, dispoz a natureza, q́ como esta estrella era real pella qualidade, a qualidade desta estrella se conhecesse pella hora da sua morte: *Stela regia appellata occidit matutino*: pois a morte desta estrella assim desengana q́ atemoriza, que deve atemorizar o desengano, de que tambem ha morte para huma estrella: quando quiz Christo atemorizar aos homens, contoulhes, que haveria morte pera as luzes: *Erunt signa in Sole, & Luna, & Stellas*, & em se contando que haveria morte pera as luzes, logo o Evãgelista conta, que houve temor em os homens *Arescẽtibus hominibus præ timore*, querendo Christo dar hum desengano de que haveria morte pera todas as creaturas, principiou, dizendo, que haveria morte pera as estrellas: *erunt signa*, que haver morte pera as estrellas, he o maior desengano de que haverà morte pera todas as creaturas; a morte pera a estrella atemoriza, & se he apressada desengana, porque se vê, que se lhe apressou a mor

Pl. l. 18. c. 26.

Luc. 21.

te, porq̃ era estrella: Se S. Hieronymo em a nossa vulgata lè estas palavras de Iob com interrogação: *Sic repente præcipitas me?* Em que denota, ou queixa, ou pergunta; Vatabolo da versaõ dos setenta lè estas palavras de Iob sem interrogaçaõ; *Sic repente præcipitas me*, em que mostra, ou causa, ou reposta, segundo esta versaõ dos setenta, nem Job forma queixa, nem faz pergunta a Deos, porque poderà ter morte apressada, dá reposta, ou mostra a causa, porque lhe póde Deos dar morte repentina; vem a ser, que reconhece Job que Deos he o Senhor que dà, & tira a vida, & que pera o desfazer bastava ser obra sua: *Manus tuæ fecerunt me, sic repente præcipitas me; dixit hoc, ut rationẽ reddat quare Deo licitum est viros mundos destruere* (*ecce clarificatio sensus*) *quia labor manuum tuarum sum ego, ideo absque injuria destruis me*: Diz Caetano; & S. Gregorio, *Vitã quippe hominũ solus hic conditor administrat*; Mas tambem no sentido moral, parece, que attendendo Iob, a que não podendo haver consistencia no ser creado, já começa a ser o mais caduco o que sobe a ser o mais perfeito, & assim diz (Senhor) fizesteme o mais perfeito: *manus tuæ Domine, fecerũt me, & plasmaverũt me, plasmare est rẽ õnibus modis perfectam efficere*, pois deixasteme o mais caduco: *Sic repente præcipitas me*, em me encheres de merecimentos, naõ me dobrastes as duraçoens pera o viver, multiplicaste me

Vatab.

Caet. ib.

S. Greg. ho. 10. in Evang.

teme,ſim, as cauſas pera ácabar. Contando os Prophetas,&os Evãgeliſtas a morte dos Planetas, diz Ioel,que o Sol,Lua,& Eſtrellas ſe haõ de eſcurecer, & S.Matheus acrecenta que as eſtrellas haõ de cair: *Sol, & Luna, obtenebrati ſunt; ſtelæ retraxerunt ſplendorem ſuum,* diz Ioel, *Sol obſcurabitur, Luna non dabit lumen ſuum, Stelæ de cælo cadent* Diz S.Matheus;ſe pera o Sol,& pera a Lua ſe diz que ha de haver ſombra,ſem ſe dizer que ha de haver queda,como pera as eſtrellas ſe diz que ha de haver queda, ſobre ſe dizer que ha de haver ſombra?he certo que as eſtrellas eſtão em lugar mais alto,porque Deos poz as eſtrellas no firmamento: *poſuit eas in firmamento cæli,* as eſtrellas ſam como o Sol,& como a Lua,quanto ao luzimento,& ſaõ melhores que a Lua,& que o Sol,quãto ao poſto;pois ſe lhes conhecem algumas vantagens, bem ſe lhes pode conſiderar dobrados eclypſes,diga Joel,que pera a luz das eſtrellas ha de haver ſombra;*ſtelæ retraxerunt ſplendorem ſuum;* Diga S.Matheus,que pera a altura das eſtrellas ha de haver queda: *Stelæ de Cælo cadent;* em a noſſa reſplandecente eſtrella havia a altura dos poſtos,& a ſoberania dos merecimentos,por iſſo tinha dobradas cauſas pera os occaſos; de força havia de ter preſſas no acabar,porque tinha dobradas cauſas pera morrer:os merecimentos não dobraõ a duração á fragilidade,a fragilidade acaba,

Ioel 2.

Math.24

 & di-

& diminue a duração aos merecimentos; muitos metaes havia na Estatua de Nabuco, & havia hũ só pè de barro, & não poderaõ tantos metaes fazer tão forte ao barro, que podesse resistir ao toque de hũa pedra; & pode hum pê de barro fazer taõ quebradiços a tantos metaes, que todos se desfizeraõ com hũa sò pedrada. Mas se a humanidade faz frageis aos merecimentos, tambem faz remissiveis aos peccados: Job assim reconheceo, que na fragilidade lhe pozera Deos a causa pera lhe acabar tantas prendas, que tambem propoz a Deos essa fragilidade, como motivo, pera Deos lhe perdoar muitas culpas: *Memento quæso, quod sicut lutum feceris me; ac si aperte dicat, infirmitatem carnis considera, & reatum iniquitatis laxa*, S. Gregorio; *moveat te ad pietatem fragilitas humanæ conditionis*, diz o Cardeal Hugo; nesta morte em que ha tanta confusaõ pera os mortaes, tambem havia de haver alguma consolação pera os christãos; nesta morte poz Deos por desengano que bastava a fragilidade pera Deos acabar tantas prendas, & nesta morte deixou Deos por alivio, que bastaria a fragilidade pera Deos perdoar muitas culpas, que assim o confio eu da misericordia de Deos, atendendo a algumas circunstancias.

S.Greg. in Iob. f.57. Hug. in Iob. f. 410.

O horror da morte nam està em ser subita, està em ser improviza, porque nos Altares vemos alguns Santos, que tiveraõ morte subita; pois como

mo poderemos cuidar, que teve em a noite a morte improviza, quem nessa tarde fallou na morte, & ordenou o bom procedimento da sua familia, declarou o seu testamento a cerca da sepultura? na tarde da sexta feira, em que o nosso Heroe faleceo, disse a hum Capellaõ que erão poucos os dias de sua vida, que cuidasse em ensinar a seu filho mais virtude, que sciencia; quem cuidando em que morre, trata da boa criaçaõ de seus filhos, como se hade presumir, q̃ se descuidou em ter cõtriçaõ de seus pecca dos? A Ezechias disse o Profeta, que estava pera morrer, & assim dispuzesse da sua casa, q̃ foi o mesmo q̃ dizerlhe, declarasse, que filho havia de succeder na coroa, & que fizesse testamento em ordem a sua familia: *Dispone domui tuæ, quia murieris; quis in regnum succedat*, Lé a glosa, inter linial, *fac testamentum*, Acrecenta Niculao de Lyra; Se o Profeta lembra a morte pera a disposiçaõ da familia, como não lembra tambem a morte pera a disposiçaõ da conciencia? como Ezechias era homem que conhecia a Deos, achou o Profeta, que na lembrança da morte, não teria descuidos pera tratar da conciencia, se pella lembrança da morte, punha os cuidados em tratar da sua familia; não he parecer sô meu, mas de S. Cyrilo Alexandrino, antes o parecer de Cyrilo reforça a razão ao nosso argumento: diz S. Cyrilo, q̃ o lembrar o Profeta a Ezechias a morte pera tra-

Ezec. 3
Lyr. ibi.

tar da ſua Caſa, era o meſmo que eſtimullalo a que pediſſe a Deos miſericordia pera as culpas de ſua vida, & animalo a que alcançaria a miſericordia ſe fizeſſe a ſupplica: *Diſpone domui tuæ; hoc eſt ad præcationem extimulantis, ut præcatus miſericordiam reciperet*; & porque acha Sam Cyrilo que era o meſmo perſuadir a Ezechias a diſpoſiçaõ da conſciencia, que encomendarlhe a diſpoſição da familia? tinha dito o Santo que fizera Deos a Ezechiás tão ſingular pellas ſuas virtudes, que fora motivo, digno de admiraçaõ pellas ſuas qualidades: *Ezechias laude, & glória ſumma abundans, merito admirationi fuit*, & julgou, que ſe Ezechias trouxera tanto cuidado em ſy pera a honra, não havia de perder o cuidadado de ſy pera a alma, ſe a lembrança da morte o fazia cuidadoſo no tocante à familia, era pera crer que eſſa meſma lembrança o poria deſvelado ſobre o importante á conciencia: *Diſpone domui tuæ, hoc eſt præcationem extimulantis*; ſe o noſſo inſigne Heroe, foi objecto digno de admiraçaõ pellos merecimentos: *Merito admirationi fuit*, como ſe faria motivo de grande confuzaõ pellos deſcuidos? Se ſendo tão benemerito reconhece que ha de haver morte pera tantas prendas, como ſendo catholico ſe deſcuidaria que ouveſſe perdão pera algũas culpas? Se ſe via, que os merecimentos não fizeſão eſquecimento da morte, como nas lembran-

S. Cyr. Al. l. 3. in Ezai.

ças da morte se hão de presumir descuidos na cõtriçaõ? que os merecimentos possaõ causar descuidos da morte, poderà ser creivel, mas que havendo lembranças de que haverá morte pera os merecimentos haja esquecimento da salvação, não parece imaginavel: em fim, se o nosso illustre varaõ pella lembrança da morte, tratou de encaminhar o filho à virtude, como se descuidaria em encaminhar a sua alma â santidade?

Vltimamente declarou, que mandava em seu testamento, que à porta desta Igreja se enterrasse o seu corpo: se este illustre varão quando vivo parece, q̃ poria a seus pês a propria morte cõ o seu valor, morto se quiz pòr aõde os pés do mais humilde o podessẽ pizar: se vivo merecia andar nas palmas de todos pera o applauso, morto se quiz pór aos pès de todos pera o desprezo: mostrou, q̃ a sua christindade fora maior, que o seu valor, se pelo seu valor ninguem o chegou a humilhar, pella sua christandade elle mesmo se chegou a abater: quiz que vissem o vencera mais a christandade, que a morte; porque se a morte triumphou da sua vida, a christandade triumphou da sua grandeza, obrigandoo a pôr o seu corpo em sepultura tão humilde: se na consideração da morte avivou este grãde christão os actos de humildade, essa humildade he sinal, de que lhe não faltou o amor de Deos entre essa consideração da morte:

 Dizen-

Dizendo Christo que havia de triumphar da morte: *O mors, ero mors tua*; diz S. Bernardo, que o amor de Deos triumphou na morte de Christo: *triumphat de Deo amor*, se pera com todos os justos he a morte tão forte como o amor de Deos: *fortis est ut mors dilectio*, como pera Christo he o amor de Deos mais forte, que a morte, pois quando Christo triumpha da morte, o amor triumpha de Christo? porque quando a morte não pode fazer mais, que despojar a Christo da vida, o amor de Deos fez mais, porque fez que Christo abatesse a sua grandeza; a morte tiroulhe os spiritos: *imisit spiritum*; o amor de Deos sogeitou aos abatimentos: *capit lavare pedes*,; na hora da morte se propoz Christo a todos os christãos como mestre da humildade, & o nosso Heroe como grande Christão, considerandose na morte, quiz seguir a humildade de Christo, quando o mais a que podia chegar a morte era a sepultar tantos merecimentos em hũa cova, a sua christandade passou a muito mais, pondo tanta soberania em tão humilde sepultura.

*Osee.13 v.14.*

*Math.19 v.50. Io. 13. v.5.*

Concluamos este funeral panegirico com algũa rezão de alivio ao sentimento: quiz o nosso Heroe ter a sua sepultura nesta casa, porque sendo sũmamente devoto de N. Senhora, foi muito em particular, devoto desta milagrosa Imagẽ: foi sũmamẽte devoto de N. Senhora, jejuava todos os sabados, rezava todos os dias o seu Rosario, mã-

dava-

davalhe todos os dias dizer hũa Missa, & em quã-to esteve nas fronteiras, fazia em Guimaraẽs mui-tas vezes a festa a N. Senhora da Oliveira, & naõ se repare, que hum General buscasse mais a Oli-veira, que a palma ; porque se a palma he final pera o mundo de victoria, a Oliveira no diluvio foi final da salvação, & de se acabar o castigo da culpa; & o nosso Heroe não fazia deprecaçoens â Senhora pera vencer, queria pòr â Senhora em o-brigaçoẽs pera o salvar; não fazia romarias â Sñr a pera ter victoria, porque a pretendia pello seu es-forço; fazia festas à Senhora pera ter a salvaçaõ; porque a esperava no seu amparo. Em quanto esteve em Lisboa vinha a esta casa todos os sabba-dos, & no sabbado em que morreo tinha determi-nado vir a esta casa, porque se recolheo ordenan-do tivessem preparado pera vir cedo a esta devo-çaõ: quantos amanheceraõ cõ o espirito em difi-ferente parte do que queriaõ amanhecer cõ o corpo; o nosso Heroe donde queria amanhecer cõ o corpo, ahi amanheceo com o espirito; o ava-rento determinava amanheceo com o corpo nas obras do seu celeiro, & amanheceo com o espi-to nas penas do inferno; *Hac nocte repetent à te, animam tuam,* o nosso Heroe determinando ama-nhecer com o corpo em N. Senhora de Penha de Luc. 12. ve. 20. Fraça, em Penha de Fraça amanheceo o seu espiri-to venerando á Senhora, como ao Sabbado vi-

nha

nha o corpo guiado do espirito, no ultimo sabbado veio o espirito, poiq̃ não podia vir o corpo; cousa vulgar he em os Santos Padres, como affirmão Cartusiano, & S. Anselmo, que a Mãy de Deos alcançou que Dimas tivesse na morte tão grande contriçaõ, porque lhe havia feito hum pequeno serviço: pois se a Mãy de Deos por hũ pequeno serviço alcança arrependimento na morte pera hum ladraõ, bem podemos crer, que por tantos obsequios alcançaria contrição pera hum ministro tão fiel: se a Senhora, segundo a exposição de Niculao de Lyra, promete que terá vida eterna, o que todos os dias lhe reza, & se poem todos os dias á porta da sua Casa: *Qui vigilat ad fores meas quotidie devote orando, & observat, ad postes ostij mei in loco Divini cultus, inveniet vitam;* Se este singular devoto da Virgem, todos os dias lhe rezava, todos os dias lhe offerecia hũa Missa, & atè despois de morto quiz estar sempre às portas da sua Igreja, pòde crer a nossa piedade, que alcançou a vida eterna: E se neste dia recorda a Igreja esta promessa que fez a Senhora: *Qui vigilat ad fores meas quotidie, inveniet vitam,* póde esperar a nossa piedade, que foi isto, querernos dizer a Senhora neste dia, que havia satisfeito á sua promessa, & que pera este seu taõ grande devoto alcançaria, que assim como as maõs de Deos, pellos dotes da natureza, o fizeraõ grande na terra, assim

*Esc. t. 1. in Ev. l. 12. sec 7, n. 10.*

*Prov. 8. vers. 34.*

*Lyr. ib.*

assim lhe daria Deos a maõ, pera que com os auxilios da graça passasse a ser maior em a gloria, *Ad quam nos perducat Sanctissima Trinitas.*

LAVS DEO.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA